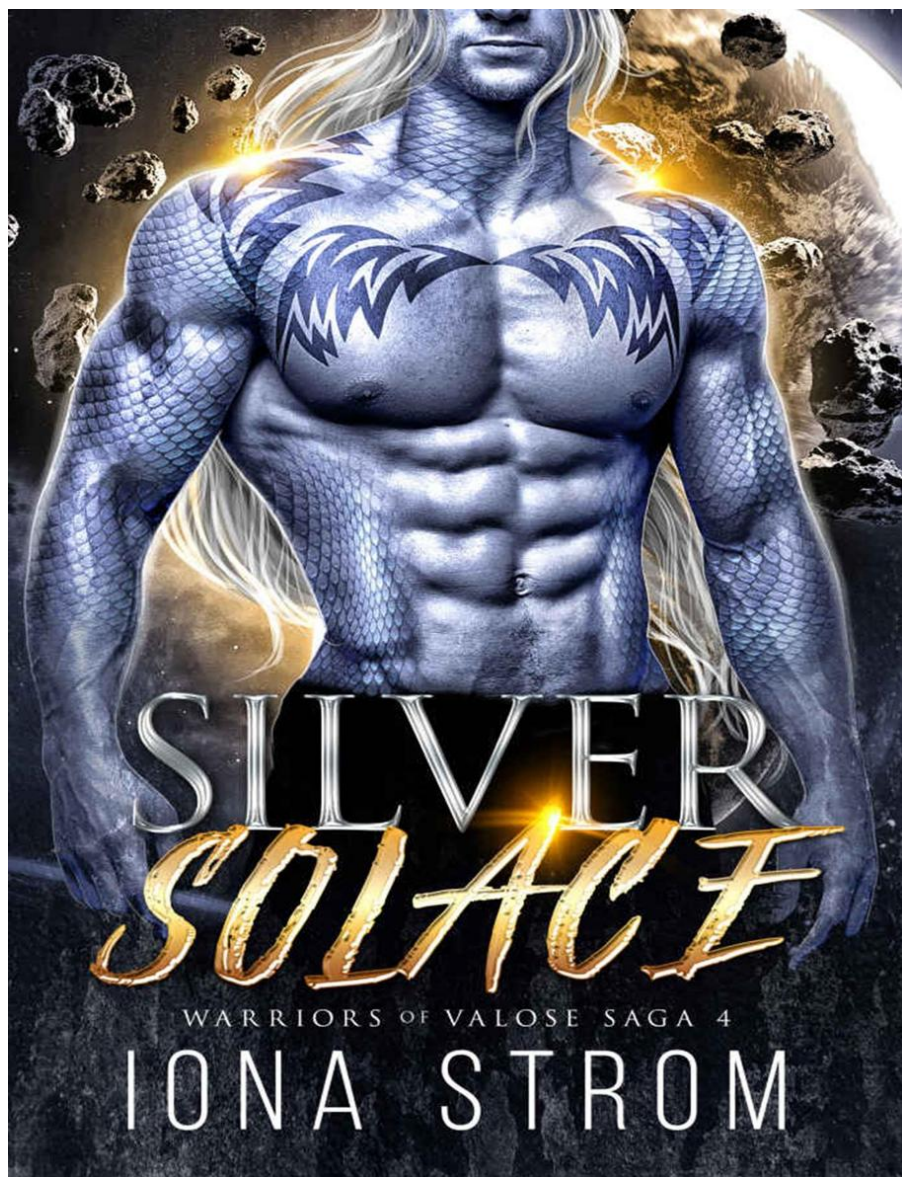




VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





Silver Solage By Iona Strom

Warriors Of Valose Saga Book 04

Aggar

Seu rosto tem me assombrado desde que ela se livrou do meu aperto. Eu havia retornado, e minha missão era honrar as fêmeas humanas que morreram no acidente, recolher o que pudesse da nave e encontrar aquela que escapou. Antes que eu pudesse pegá-la novamente, fui chamado de volta. O assentamento caiu sob ataque, e meu clã de exilados estava em movimento. O tempo estava se esgotando, e meu espírito gêmeo continuou a fugir de mim. Dividido entre o dever e a atração do meu espírito para o dela, meu coração auxiliar não me permite deixá-la para trás.

Jane

Eu não tinha memória de quem eu era ou como cheguei aqui.

Acordei amarrado a uma mesa cercada por aberrações cinzentas com bocas cortantes e cabeças bulbosas. Eu me soltei quando aterrissamos.

Agora eu estava me escondendo, esperando que minha memória voltasse e tentando encontrar uma saída daquela espaçonave quebrada. Então ele me encontrou, o de cabelos prateados. Ele não era como os outros, mas também não era humano. Algo dentro de mim o chamava, mas como eu poderia confiar em um estranho quando eu também era um estranho para mim mesmo?



Silver Savage: Warriors of Valose Saga 1

Silver Seducer: Warriors of Valose Saga 2

Salvador de Prata: Guerreiros de Valose Saga 3

Silver Solace: Warriors of Valose Saga 4

Silver Scout: Warriors of Valose Saga 5

Silver Silence: Warriors of Valose Saga 6

Silver Spice: Warriors of Valose Saga 7

Glossário de Termos Valosianos

Encontraram palavras valosianas ao longo deste texto.

Não são erros ortográficos, mas termos estranhos. Além disso, eles não estão mais em *itálico*, pois pareciam ter sido uma distração para alguns leitores.

Esta é uma lista cada vez maior e pode não ter capturado todas as palavras valosianas. Atualmente estou trabalhando nisso, então não me odeie por não ser perfeita.

Adrenalina- Um hormônio secretado pelas glândulas supra-renais apenas nos machos, que aumenta a força, resistência e resistência com o único propósito de proteger

seu espírito companheiro. Além disso, esse hormônio promove a cura.

Chiksin- O equivalente Valosiano de uma galinha.

Crikts- Insetos grandes que se parecem com grilos das cavernas.

Dearth- Uma criatura herbívora semelhante em tamanho e aparência de um cervo.

Electro-bars-Barras eletrificadas de luz.

Elksen- Uma criatura herbívora semelhante em tamanho e aparência de um alce.

Fates- Uma medida Valosiana equivalente a um pé.

Tubulação fibRose - Semelhante ao cabo de fibra óptica.

Flites- Pequenos insetos voadores que comem o esterco da rexose.

Floratrap- É uma planta carnívora semelhante a uma dioneia, só que muito maior.

Hipose- Uma criatura herbívora semelhante em tamanho e parece um hipopótamo.

Centésimos- Uma medida equivalente a cem.

Hurs- A Valosian equivalente a uma hora.

Insectóides- Espécies Nuttaki de mamíferos semelhantes a insetos.

Kiltus- Semelhante na moda a um kilt escocês usado apenas por homens.

Lood- Valosian equivalente à água.

Loodfall- O equivalente Valosiano a um chuveiro. Este termo também pode significar uma cachoeira.

Barreira Luminétrica - Blindagem transparente impenetrável.

Mims- O Valosian equivalente a um minuto.

Milose- Uma medida Valosiana equivalente a uma milha.

Mothis- Um inseto voador com asas felpudas.

Munthis- A Valosian equivalente a um mês.

Nula- Termo de carinho como namorado.

Nutrillium- Um mineral extraído em Valose com potencial para liberar energia armazenada.

Nutrone- Um mineral raro encontrado apenas no pico mais alto das Montanhas Jurigon.

Patooga- Um grande animal felino com enormes dentes caninos.

Penitentrium- Um edifício usado para abrigar prisioneiros.

Rovers- Um meio de transporte semelhante a um jet ski, só que são usados em terra. Eles são equipados com disruptores de gravidade para pairar acima do solo e usar propulsores para impulsioná-los para frente.

Rynose- Uma besta herbívora semelhante a um rinoceronte.

Sanitate system-É o equivalente Valosiano de um banheiro.

Sec- O equivalente valosiano a um segundo.

Skypod- Uma estrutura de metal leve destinada a flutuar usando um disruptor de gravidade.

Solares- Rochas que absorvem a energia solar e emitem luz a partir da quimioluminescência do fósforo.

Solitarium- cela de prisão isolada.

Splinth- Uma concha clara usada para definir ossos quebrados.

Espíritos – Deuses Valosianos.

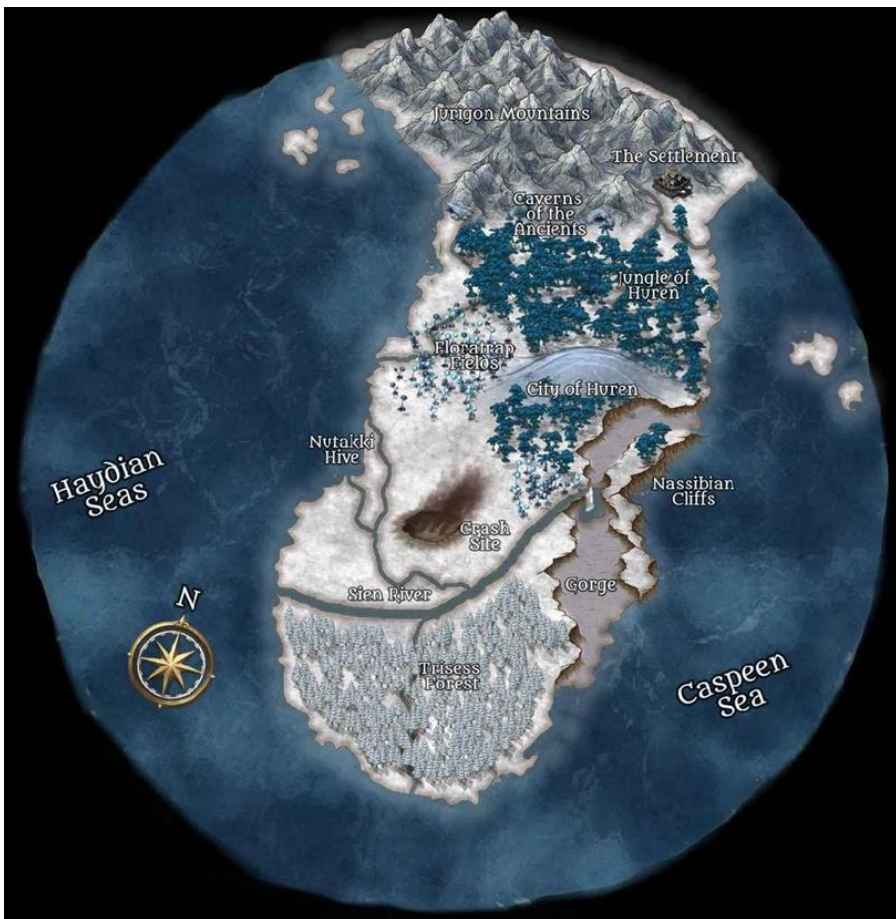
Squidlin- Criaturas marinhas carnívoras maciças com múltiplos tentáculos.

Suns-fall- A hora da noite em que os sóis gêmeos desaparecem e a luz do dia desaparece.

Suns-rise- O momento em que os sóis gêmeos aparecem acima do horizonte como resultado da rotação diária do planeta Valose.

Thrumming ou thrum- É um som vibratório baixo contínuo criado internamente por machos Valosianos para confortar ou aumentar o prazer.

Tondru- Uma enorme besta parecida com um lobo.



Tragore- Um dispositivo usado para detectar fontes de energia.

Turculina- Muito próximo em tom de turquesa.

Yerons- Uma medida de tempo de aproximadamente 365 dias.

Mapa de Valose

Capítulo um

JANE

Foram as pequenas coisas que me trouxeram alegria nos dias de hoje. Suspirei e me aconcheguei no tecido macio do cobertor que encontrei durante uma de minhas muitas explorações da nave. Meus olhos se fecharam e eu adormeci, segura dentro de um compartimento escondido que encontrei quando recuperei a consciência.

O guincho e o gemido de metal soaram por perto. Meu coração acelerou tanto; Eu podia sentir o latejar dentro dos meus ouvidos.

— É apenas a nave se acomodando, Jane. Isso é tudo, —
disse a mim mesma. — Acontece o tempo todo.

Respirei fundo, liberando o ar lentamente para acalmar meu coração martelando.

Eu tinha sido como um coelho assustado desde que acordei, nua e amarrada a uma mesa de exame com meus pés nos estribos e um alienígena cinza esquisito pronto para sondar minha vagina. Felizmente para mim, a nave espacial começou sua queda infernal, e eu escapei de ser violada.

O alienígena com a sonda partiu com pressa, deixando-me amarrada à mesa para aguentar o acidente. A

mesa de exames em que eu estava havia tombado com as explosões balançando a nave, soltando minhas correias.

Eu tinha me libertado, mas não do quarto. A porta estava trancada, e eu estava presa. Ou assim pensei. Assim que a nave atingiu o solo com uma força de quebrar os ossos, um painel de parede se abriu apenas o suficiente para eu abrir o resto do caminho.

Dentro havia um túnel forrado com fios e tubos estranhos semelhantes a fibras. O espaço me lembrou túneis de manutenção. Uma vez que reuni coragem suficiente para rastejar para dentro, descobri que era

exatamente o que eles eram. Eles corriam paralelos às paredes e se ramificavam em várias salas. Eu poderia explorar a nave em relativa segurança.

Meu corpo involuntariamente começou a tremer provocando minha raiva que começava a aumentar. Eu odiava ter medo.

Odiado. Isto.

Eu não tinha lembranças da minha vida antes dessa nave alienígena, mas não acho que fosse alguém arisca. Meu coração me dizia que eu era alguém que possuía força interior. Pelo menos, era assim que eu me sentia no fundo.

Não sei quem eu era antes de acordar aqui. Nem mesmo meu nome, então comecei a me referir a mim mesma como Jane Doe. Nomeado em homenagem a garotas não

identificadas, já que agora eu me enquadrava nessa categoria. Ter um nome me fez sentir no chão como se eu fosse uma pessoa real, em vez de um fantasma vasculhando esses destroços.

O raspar de metal em metal ralou em meus nervos esgotados, e eu tremi mais, puxando meu novo cobertor em volta das minhas orelhas. Dei uma olhada frenética ao redor do meu pequeno espaço, certificando-me de que ainda estava dentro do meu compartimento.

Respirei mais fácil quando vi que todas as minhas paredes ainda estavam intactas. O guincho rasgou o silêncio novamente e eu cobri a esfera brilhante aos meus pés, mergulhando na escuridão. Não gostei do escuro. Não importava que eu pudesse esticar meus braços e pernas e sentir todo o espaço de uma vez. A escuridão fez tudo parecer muito maior.

Contra o pano de fundo da escuridão, eu podia ver os rostos do alienígena cinza parado ao redor da mesa de exames muito mais claramente do que na luz. Foi uma imagem que nunca foi embora. Mas meu pequeno orbe brilhante afugentou o pior dos meus medos.

Eu sufoquei um grito quando passos bateram no alto. O

timbre profundo das vozes masculinas se filtrou pelo andar de cima. Mesmo se eu pudesse entender o que eles estavam dizendo, nenhuma de suas palavras fazia sentido. Era a

mesma língua estranha falada pelos homens de prata que estavam

aqui antes.

Um deles me pegou quando eu voltei para o quarto onde eu tinha acordado pela primeira vez. Eu estava procurando por mais daquelas barras de comida quebradiças, embrulhadas em papel alumínio que tinham gosto de sujeira.

Como a versão alienígena das rações, elas eram a única coisa comestível que encontrei até agora. Mas eu consegui me livrar do homem prateado e decolei como um tiro pelo corredor, mas não antes de ter um segundo para relaxar em seu aperto de aço.

Eu penso nele com frequência. Como seu cheiro fresco encheu meu nariz. Como seus olhos rodopiavam em uma prata tempestuosa. A sensação de seu estrondoso batimento cardíaco batendo no meu esterno enquanto ele me segurava contra seu corpo duro como pedra.

Cativada por suas orelhas de elfo, eu não tinha uma visão clara de seu rosto. Cobrindo a boca e o nariz, havia um copo transparente, como uma máscara sem respirador, usada para administrar oxigênio a um paciente.

Suponho que o peguei desprevenido, por mais forte que fosse, não havia outra maneira de escapar. O homem estava empilhado com placas de músculo agrupadas firmemente.

Não havia um grama de gordura nele. Onde minhas palmas pressionavam contra seus peitorais, pareciam travesseiros de concreto.

O choque de sua surpresa deu lugar a um calor que suavizou seus olhos. Então, meu cérebro confuso registrou a armadilha de aço de seus braços afrouxar. Foi quando eu fiz meu movimento e me liberei. Eu não ousei olhar para trás enquanto meus pés descalços batiam à distância com baques surdos no chão mole do corredor.

Às vezes eu fantasio sobre seus braços em volta de mim, me envolvendo em um casulo de segurança. Eu deixaria todos os meus medos irem, confiando em sua força desumana para conquistar tudo.

Enquanto ouvia as vozes masculinas se distanciando, deixei minha fantasia flutuar com elas. Por mais bonito que fosse o homem prateado, ele não me deu motivos para confiar nele. Uma vez que ele me descobriu naquela sala, sua intenção era me prender – o que ele tinha. A parte de liberação foi tudo obra minha.

Mais tarde, depois que eles foram embora, eu vi as gaiolas vazias e os cadáveres daquelas mulheres cuidadosamente alinhados contra uma parede da sala do outro lado do corredor. Eu tive que me perguntar o que os matou. Poderia ter sido no acidente, mas isso não explicava a disposição de seus corpos, então eu não podia descartar os homens prateados como os culpados. Pelo que eu sabia, o

homem prateado que me pegou poderia ter a intenção de quebrar meu pescoço.

Agora que o barulho tinha diminuído e as vozes masculinas tinham sumido ao longe, descobri meu orbe, dando um suspiro de alívio quando ele iluminou meu pequeno espaço.

A curiosidade me puxou enquanto eu me aninhava de volta para descansar. Por que os homens de prata voltaram?

Eles realmente tinham ido embora? Achei que o povo dos insetos os havia afugentado.

Agora isso tinha sido assustador pra caralho. Algo que eu nunca quis experimentar novamente. Depois de escapar do homem prateado, eu me escondi dentro de um poço de elevador destruído quando os insetos assustadores entraram por uma brecha no casco no andar de cima.

Foi aterrorizante, todas aquelas pernas segmentadas correndo por onde eu estava agachada. Se algum tivesse parado, eu teria sido encontrada com certeza. Mas eles continuaram até que o último passou correndo. O caos explodiu e eu sabia que tinha que encontrar um lugar melhor para me esconder.

Foi quando encontrei meu atual esconderijo. Ao lado do poço do elevador destruído havia um painel de malha, cobrindo o túnel de manutenção de seu funcionamento interno. Fiquei escondida lá dentro, ouvindo uma batalha

épica. Eu só podia imaginar que era entre o povo dos insetos e os homens de prata.

Achei que tinha acabado até que aqueles insetos começaram a correr para cima e para baixo no poço em um desfile sem fim. Com medo de ser encontrada, eu rastejei mais fundo no túnel e me fechei dentro de um compartimento quadrado. Depois de uma longa comoção, tudo ficou parado. Eu permaneci, com muito medo de me mexer, e acabei adormecendo.

Um barulho ensurdecedor de longe me acordou assustada. O que se seguiu foi um silêncio intenso. Eu reuni minha coragem e saí do meu esconderijo, esperando ver a carnificina da luta. Mas não havia corpos. Nada além de manchas azuis escuras marcavam onde a luta havia ocorrido. Será que os insetos levaram seus mortos?

O evento tinha acontecido nem uma noite atrás, e eu o marquei no meu calendário improvisado rabiscado na minha parede com uma ferramenta de escrita de cera que me lembrava um marcador de porcelana. Meus olhos tocaram a fileira de dias passados que eu havia desenhado como pequenas caixas.

Meu melhor palpite era que eu estava aqui há cerca de uma semana. Esses eram os dias que eu poderia contar depois que recuperei a consciência. Antes do acidente e

acordar na mesa de exame? Eu não tinha como saber quanto tempo havia se passado.

Eu sabia que não poderia ficar aqui para sempre. Eu também sabia que não estava pronta para enfrentar a selva azul e prateada do planeta alienígena além. Não sem uma arma ou duas. Talvez três.

Eu estava vagando por hectares desta nave espacial sem fim procurando por uma arma ou uma faca, qualquer coisa que eu pudesse usar para autodefesa, bem como barras de terra e bolsas de um líquido insípido e claro que era um pouco mais espesso que água. Pelo menos, as partes da nave que eu poderia acessar. Havia muitas portas trancadas e eu me preocupava com o que havia dentro desses quartos.

Havia também várias brechas no casco levando para fora. Eu enfrentei uma saída uma vez, entrando em um mundo lindo e exuberante com ar fresco e perfumado. A princípio, pensei que fosse um paraíso com sóis azuis gêmeos e uma brisa amena, toda encharcada de prateados e azuis vivos.

Então um dragão circulou acima, desceu e arrancou um enorme dinossauro do chão como se não pesasse nada.

Este planeta não era o paraíso. Era uma selva pré-histórica com todos os tipos de formas de vida estranhas e perigosas. A julgar pela cor da pele dos homens prateados e dos insetos de cor índigo - ambos combinando com a

folhagem do lado de fora - meu palpite era que os alienígenas cinzentos doentios não eram nativos desta área.

Então, eu decidi que até encontrar armas, eu ficaria aqui. Ainda havia muito da nave para explorar. Tinha que haver armas aqui em algum lugar. Eu só não tinha encontrado nenhum ainda.

Meu corpo estava enrolado sabendo que os homens prateados estavam em algum lugar dentro da nave. Todos os motivos para a presença deles passaram pela minha mente.

Imaginei que fossem catadores, porquê da última vez que estiveram aqui, novas portas foram deixadas abertas.

Foi quando encontrei meu orbe iluminado e uma pilha de quadrados de tecido branco que cortei e transformei em roupas. Costurar não era minha praia, mas eu consegui juntar um par de calças grosseiramente feitas e um top. Sem sapatos, no entanto.

Sentei-me e joguei meu novo cobertor de lado. Eu não aguentava. Eu tinha que saber o que eles estavam fazendo.

Eu deveria ficar escondida até saber que eles se foram, mas eu queria outro vislumbre do meu homem de prata. Não que eu soubesse com certeza que ele estava entre os daqui, mas talvez eu pudesse aprender algo com eles que me ajudaria.

Silenciosamente, eu me ajoelhei e levantei o painel de onde ele descansava na moldura. Deixando-o de lado, peguei

meu orbe brilhante e enfrentei o túnel que me cuspiria ao lado do poço do elevador destruído.

Recoloquei o painel e esperei, ouvindo o menor dos sons.

Estava mortalmente quieto, então me arrastei para frente, segurando meu orbe em uma das mãos para iluminar meu caminho, embora o túnel não estivesse completamente escuro.

A luz ambiente se derramava dos muitos rasgos e rachaduras na infraestrutura do navio. O orbe me deu segurança, me dando paz de espírito caso eu tivesse problemas e tivesse que me esconder em algum lugar escuro.

Eu não sentiria tanto medo se tivesse minha pequena luz.

Cheguei ao final e espiei através de um painel de malha localizado perto do chão do corredor. Tubos e fiações transparente estavam espalhados por todo o chão, mas era assim que sempre parecia. Tudo

estava parado e quieto, então eu deslizei o painel para o lado e me puxei para fora do túnel.

Com um gole forte, olhei para o poço do elevador destruído, onde uma luz suave descia dos andares acima. No topo havia um buraco negro como breu. Quando nada se moveu, soltei a respiração que estava segurando em uma corrida controlada.

O barulho vinha do andar acima de mim. Se eu fosse espionar os homens prateados, eu teria que escalar o tubo

que eu tinha feito uma corda de escalada com nós pendurada dentro do poço de dois andares acima.

Minhas mãos tremiam quando alcancei o nó mais alto e me levantei, colocando meus pés em concha ao redor do nó inferior. De mão em mão, agarrei o próximo nó e subi até chegar ao andar de cima. A porta do elevador estava aberta, descansando torto dentro do bolso onde deveria ter deslizado para a parede.

Eu balancei meus pés e pulei, aterrissando com um leve baque no chão preto e esponjoso. Agachada, olhei em ambas as direções onde o corredor formava um Y e esperei para ter certeza de que não era ouvida.

O brilho de pedras semelhantes a diamantes piscou para mim de onde estavam cravadas no chão de ébano. Tirei um pedaço de plástico que sempre mantinha à mão no bolso da calça e tirei um pouco. Uma vez que eu estava com a palma cheia, enchi meu bolso.

Eu não tinha ideia do que eram, mas eram bonitas. Por alguma razão desconhecida, elas pareciam refrescar o ar estagnado no meu compartimento de dormir, então continuei coletando-as.

Quando o corredor ficou quieto, olhei para os dois lados e decidi ir para a esquerda. O chão estava tão bagunçado nesse nível, então eu tive que abrir caminho entre os escombros. Com passos leves, viajei de sala em sala, parando

em cada porta aberta para espiar dentro antes de passar para a próxima.

Cheguei ao final do corredor onde a nave estava tão destroçada que não consegui passar. Até agora, nenhum avistamento de homens prateados. Uma estranha mistura de alívio e decepção se instalou na boca do meu estômago quando me virei e voltei pelo caminho que

vim.

Passei pelo elevador e continuei, passando por cima da confusão de tubos e fios até que meu pé ficou preso na tubulação. Olhei para baixo para soltá-lo. Quando olhei de volta para cima, tive que esfregar os olhos em descrença.

Como se surgisse do nada, ele estava a menos de seis metros de distância. Meu homem de prata. Ele tinha uma grande mochila pendurada em um ombro musculoso com uma das mãos enfiando algo dentro. Ele parecia estar se recuperando do acidente, como eu suspeitava.

Nossos olhos se encontraram. Seu rosto uma máscara de surpresa, o mesmo que o meu.

Um emaranhado de familiaridade que eu não conseguia localizar teceu seu caminho através de minhas memórias vagas, mas seu rosto era o de um estranho. Não parecia o mesmo que minhas memórias perdidas provocando a borda da minha mente. Isso era novo e acompanhado por estranhas agitações na minha barriga e um puxão atrás do meu esterno.

Fiquei tentada a ir até ele. Sentir seus braços em volta de mim mais uma vez. Sentir-me aliviada por finalmente ter sido encontrada. Eu queria ser encontrada. Para não mais se sentir perdida e sozinha.

Meu corpo ficou tenso quando ele tirou a mochila de seu ombro e a deixou deslizar para o chão. Ambas as mãos se ergueram em rendição. Nenhum de nós se moveu. Ficamos ali parados olhando um para o outro à distância.

Lentamente, ele estendeu a mão para mim. Suas pontas dos dedos se moveram, acenando para que eu viesse. Dei um passo hesitante para frente, atraída por ele de uma forma inexplicável.

Lábios esculpidos se ergueram nas pontas, em um sorriso satisfeito. Encorajado, ele deu um passo à frente. Eu vacilei, mas me mantive firme.

Eu mal conseguia respirar. Meu peito apertou com indecisão e sacudiu com a agitação de sentimentos que eu não deveria ter por um completo estranho. E um estranho nisso.

Posso não ter lembrado meu nome, ou quem eram minha família e amigos, mas sabia que era um ser humano.

Eu também sabia que minhas orelhas não eram pontudas como as de um elfo como as dele. E minha pele era de um Rose pálido em vez de um prateado manchado. No momento, manchas brancas e azuis estavam desaparecendo

como as escamas de um camaleão, o que fazia um sentido bizarro.

Pelo pouco que eu tinha visto de seu mundo; era um lugar perigoso. Ter a capacidade de se camuflar na densa folhagem da selva seria útil ao se esconder de um dragão ou de um dinossauro.

Apesar de nossas diferenças, seu rosto era profundamente bonito e seu físico era de arrasar. Meu rosto suavizou e meu corpo relaxou enquanto eu o admirava à distância.

Devolvi seu sorriso com um trêmulo e abri minha boca para proferir uma saudação quando outro homem prateado saiu de uma sala mais adiante no corredor.

Um olhar para mim e seus olhos se arregalaram. — Nue shies la cuel? — o outro homem disse.

— Assim matiz.— Meu homem respondeu em sua língua estranha. — Curfil nue starle matiz.

Em vez da introdução lenta que eu esperava, de repente eu era um animal encurralado. O outro homem deu passos rápidos em minha direção como se estivesse prestes a me apressar. Meu homem estendeu o braço para detê-lo, mas era tarde demais.

Pontadas de medo dispararam em minhas veias. Em uma explosão de pânico, girei nos calcanhares e corri para o poço do elevador, deixando cair meu orbe. O baque surdo

quando atingiu o chão trouxe uma onda de lágrimas aos meus olhos. Por mais que eu quisesse voltar para pegá-lo, não podia correr o risco de ser pega.

Assim que cheguei ao poço do elevador, fiquei tão abalada que pulei a corda e pulei para o próximo nível com um pouso forçado e uma torção dolorosa do tornozelo.

Capítulo dois

Tekkon teve a pior atitude de todos os tempos. — É essa a mulher que você está procurando?

— É ela, — eu respondi em um tom abafado. —Cuidado para não assustá-la.

A fêmea consumindo meus pensamentos estava a menos de vinte destinos de distância e sorrindo de volta – até que Tekkon a assustou.

Uma esfera solaris caiu de sua mão quando ela se virou para correr. A rocha fosforescente havia sido girada em um torno, tornando-a uma esfera perfeita. Eu sabia porque fui eu que fiz a máquina. Era uma que eu havia deixado para trás em nossa primeira viagem à espaçonave acidentada do Gretolic.

Orgulho brotou dentro de mim sabendo que minha fêmea fez uso de algo que eu criei. O orbe rolou em minha direção, parando na ponta da minha bota. Ajoelhei-me para pegá-lo, sabendo que ela precisaria dele durante as horas escuras e fui atrás dela.

Passei correndo pelo poço do elevador, pensando que ela havia continuado pelo corredor oposto. Eu verifiquei cada quarto com uma porta aberta. Nada. Correndo de volta para o poço do elevador, espiei a queda dos oito destinos. Ela teria pulado?

Olhei ao redor do espaço apertado e notei tubos fibrosos amarrados em intervalos regulares que não estavam lá na primeira vez que vasculhamos o navio. — Fêmea inteligente.— Eu sorri para sua ingenuidade.

Com Tekkon no meu encalço, pulei para o nível abaixo.

Este era o andar onde havíamos libertado as fêmeas de suas gaiolas. Tanto as vivas quanto as mortas.

Havia apenas um corredor neste nível, e seguia em frente, terminando onde o navio estava enterrado no chão.

— Tekkon, procure nos quartos da esquerda e eu procurarei os da direita. Se você encontrá-la, tente mantê-la contida e grite por mim.

— À esquerda, — Tekkon repetiu e começou sua busca.

Fizemos um rápido trabalho de busca ao longo do corredor sem sorte.

Minha fêmea estava longe de ser encontrada. Ela vinha sobrevivendo sozinha por muitos amanheceres. Em todo esse tempo, não tive dúvidas de que ela vasculhou o navio e encontrou todo tipo de lugar para se esconder.

Eu silenciosamente me amaldiçoei por não levar comigo o scanner que Nullar usava para detectar a presença de formas de vida. Eu poderia ter usado para encontrá-la. Mas eu estava com pressa para voltar. Após o inesperado conflito ao devolver o acordo que Sia Sakkar liderou e os ferimentos de Rose, minha mente não estava tão afiada quanto costumava estar.

Meu estômago afundou e meu coração auxiliar pulou uma batida. Tão pequena quanto minha fêmea era, ela poderia estar em qualquer lugar. Eu poderia procurar por Munthis e nunca encontrá-la.

— Maldito Hélio! — Eu amaldiçoei o Reino dos Perversos. — Ela estava bem ali na minha frente.

— Desculpe, Aggar. — Tekkon abaixou a cabeça com vergonha.

— Não foi sua culpa, — eu gritei. Minhas mãos se fecharam em punhos, querendo culpar o jovem guerreiro por sua pressa. — Minha fêmea é arisca na melhor das hipóteses.

— Sua fêmea? — Tekkon me deu um olhar de lado.

— Eu não sei o que estou dizendo. — Eu acenei para ele. Eu não tinha contado a ninguém, nem mesmo a Sia Jakkar, que tinha sido despertado pela fêmea. — Precisamos completar nossa busca de todos os níveis acima. Então,

preparamos as fêmeas mortas para serem homenageadas em uma pira.

— E a fêmea solitária?

— Com alguma sorte dos Espíritos, ela se revelará a nós novamente, — eu disse, agarrando-me ao meu otimismo cada vez menor. — Talvez ela deixe de lado seu medo e confie que estamos aqui para ajudá-la.

Tekkon abriu a boca, mas eu cortei sua resposta com a mão levantada. — Chega de conversa. Temos muito terreno para cobrir, e o tempo está passando.

Usamos a corda de escalada improvisada que minha mulher tinha

feito com o tubo e terminamos de procurar no andar de cima. Mais tradutores foram encontrados junto com uma sala cheia de dispositivos de comunicação em diferentes estágios de conclusão. Pegamos tudo sabendo que Zikkar, nosso especialista em tecnologia residente, poderia fazer uso da tecnologia.

Nível após nível, procuramos. Meu sistema auditivo avançado procura constantemente pelo menor som que possa pertencer à minha mulher. não detectei nada. Onde quer que ela estivesse, ela estava deitada, e eu me preocupava que ela estivesse no escuro e assustada sem o orbe solaris.

— Atenção! — Tekkon me empurrou para o lado um segundo antes que eu passasse por um buraco aberto no chão.

Caí de bunda para trás, irritado com quão distraído eu me deixei ficar. Estávamos explorando uma espaçonave alienígena. Um que pertencia ao nosso pior inimigo e aqui estava eu andando com a cabeça cheia de imagens de uma crina pálida e grandes olhos azuis. Um passo em falso meu deixaria um guerreiro recém-treinado sozinho. Como um guerreiro experiente, Tekkon era minha responsabilidade.

Eu precisava voltar ao meu treinamento de guerreiro e manter o foco. Isso tinha sido difícil desde que meu coração auxiliar bateu pela primeira vez, bombeando adrenalina em minhas veias, dando-me uma explosão extra de energia que eu não tinha como escapar.

Quanto mais eu passava sem encontrar minha fêmea, mais agressão surgia dentro de mim. A única medida de calma que senti foi quando coloquei os olhos nela no corredor. Agora ela se foi, e eu estava pronto para destruir este navio com minhas próprias mãos para encontrá-la.

Peguei a mão que Tekkon ofereceu. — Obrigado. Vamos verificar a última porta neste nível, em seguida, descer para preparar os corpos.

Até agora, tinha acabado por ser uma busca mundana.

Nós dois carregávamos dois pacotes cada um, cheios de

tecnologia que achamos que Zikkar poderia usar para nos ajudar em nossa luta contra os Gretolics.

A última porta a que chegamos tinha sofrido danos e estava trancada. Larguei minhas mochilas e usei o bloco de triot para abrir o cadeado. A porta clicou como se fosse abrir, mas ficou presa no trilho. Com alguns grunhidos e força valosiana para persuadi-la a abrir, nós a

empurramos de lado.

Assim que o fizemos, muitos pares de olhos redondos se transformaram em um. Os Gretolics estavam mais esqueléticos do que de costume e sua pele tinha um tom de cinza mais doentio. Parecia que eles estavam presos lá dentro desde o acidente, famintos e desidratados.

As bocas cortantes do alienígena começaram a se mover e Tekkon soltou uma série de maldições atrás de mim enquanto eu desembainhava minhas espadas. Uma nova dose de adrenalina percorreu minhas veias. Ambos os meus corações bateram forte em uma cadência ensurdecadora com a promessa de sangue Gretolic cobrindo minhas lâminas.

Sem pensar duas vezes, entrei na sala balançando em arcos largos. O tom brilhante do sangue do meu inimigo espirrou espesso e sujo enquanto eu cortava meu caminho através de seus passos lentos. Embora parecessem letárgicos, não demonstrei piedade.

Quando me aproximei do último Gretolic parado do outro lado da sala, fui atingido por trás. A dor explodiu em faíscas incandescentes atrás dos meus olhos. Adrenalyne veio em meu auxílio, correndo em minhas veias, e eu fui capaz de me livrar do golpe na parte de trás da minha cabeça.

Eu me virei para encontrar um Tekkon de olhos opacos levantando o punho de sua espada para me atacar novamente. Confuso no início, o canto dos meus estrondosos batimentos cardíacos abafou aumentou de volume.

— Mate o Valosian! — o Gretólico falava. — Mate-o.

Tekkon sucumbiu ao controle mental do Gretolic enquanto eu estava surdo à sua influência, graças ao meu coração auxiliar. Em um movimento ágil nascido de meu treinamento guerreiro, eu caí para uma das mãos desviando do balanço de sua espada, em seguida, chutei meu pé para conectar com seu joelho. Tekkon caiu no chão em uma pilha, me dando o tempo que eu precisava para despachar o último Gretolic.

Com o arremesso de minha mão, minha espada voou pelo ar, cabo sobre lâmina, separando a cabeça do corpo esguio do Gretolic. A cabeça bateu no chão e rolou até parar enquanto o corpo permanecia de pé. Com uma contração final, ela desmoronou com um baque doentio.

Virei-me para encontrar Tekkon recuperando o equilíbrio, favorecendo o joelho que eu havia chutado debaixo dele. As nuvens se dissiparam de seus olhos quando ele deu uma olhada perplexa ao redor.

— De quem é este sangue? — Perplexo, Tekkon piscou para o meu sangue tingindo o punho de sua espada.

Lembro-me de entrar na sala. Me deu branco no resto.

— O sangue é meu e você vai ter um joelho dolorido para provar isso.

Pela primeira vez, dei uma boa olhada no quarto. Não era apenas um espaço qualquer e explicava por que tantos Gretolics foram encontrados neste local.

Apontei para o que pensei ser os principais controles da nave. Tekkon ainda estava balançando a cabeça, tentando limpar sua mente enquanto se juntava a mim. Havia tantos interruptores e alavancas que eu não sabia por onde começar. Então, comecei a virar as coisas e apertar botões.

Telas começaram a piscar ao nosso redor, mostrando várias partes da nave. Alguns quartos eu reconheci como sendo os que já tínhamos vasculhado, enquanto outros estavam em partes fortemente danificadas da nave.

Enquanto percorria uma sala após a outra, comecei a procurar por sinais do meu espírito gêmeo. Ela tinha que estar aqui em algum lugar...

Voltei para a sala anterior com uma brecha considerável no casco emoldurando a selva do lado de fora. Ajustando uma roda, eu descobri que faria panorâmica e zoom, eu me concentrei na distorção circular.

— Você se lembra do que eu te mostrei sobre pilotar a nave esférica?

— Perguntei a Tekkon sem tirar os olhos da tela.

— Sim. Tudo.

— Quer tentar pilotar um dos seus? — Apontei para a réplica quase invisível da nave em que viajamos.

— O quê?

Nós assumimos que o pequeno navio era uma nave Gretolic quando o encontramos em nossa viagem de volta ao assentamento. Agora estava

confirmado. E parecia que tínhamos encontrado um segundo.

Meu comunicador pingou. Atendi esperando ouvir a voz de Zikkar do outro lado, mas fiquei surpresa ao ouvir Sia Jakkar. Antes que ele dissesse uma única palavra, eu sabia que algo estava errado.

— O acordo foi comprometido e eu preciso que vocês dois voltem a se juntar às fileiras. Rayyar escapou e levou três mulheres com ele. Draggar e Tisso foram atrás dele em um rover compartilhado.

— O que... — Minhas palavras ficaram presas na minha garganta.

— Estamos nos mudando para as Cavernas dos Antigos.

Encontre-nos lá.

— Sim, Sia.— Eu queria argumentar que minha fêmea ainda estava escondida em algum lugar na nave.

— Você honrou os mortos?

— Acabamos de chegar e só completamos uma busca nos níveis do lado sul da nave. Nossa próxima tarefa era construir a pira, — eu disse. — Eu também encontrei outra nave, mas não tenho certeza de sua localização exata.

Houve uma longa pausa antes de Sia Jakkar responder.

— Gostaria que tivéssemos mais tempo para limpar o acidente, mas preciso de todos os meus guerreiros para proteger as fêmeas.

— Eu entendo Sia.— Eu cerrei os dentes e folhee freneticamente pelas telas procurando por qualquer sinal do meu espírito gêmeo.

— Limpar a nave é secundário para cuidar dos mortos.

Não deixe essas mulheres naquela sala, Aggar,— Sia Jakkar advertiu.
— E encontre a mulher desaparecida se puder.

Você tem até o próximo nascer do sol, então espero ver vocês dois nas cavernas.

— Sim, Sia,— eu reconheci, então saí correndo. — E a Rose?

— Recuperando-se rapidamente sob os cuidados de Nullar.

— Isso é bom.

— Vejo você nas cavernas.— Com isso Sia Jakkar se despediu.

A mulher de estrutura leve com a mente afiada me lembrou tanto da irmã que eu perdi para o germe, e eu gostei dela instantaneamente. Ela era inteligente com a tecnologia e aprendia rapidamente.

Ela havia sido gravemente ferida em uma debandada de rinose em nossa viagem de volta ao assentamento e eu temia que ela não sobrevivesse. Então, Zikkar manifestou interesse nela quando chegamos ao assentamento. Entre ele e Nullar, o médico do assentamento, eu sabia que ela estava em boas mãos.

— O que devemos fazer primeiro, Aggar? Isso não nos deixa muito tempo.

Enfiei o dispositivo de comunicação de volta no bolso.

Minha mente correu para formular algum tipo de plano para agilizar todas as tarefas que precisávamos realizar em um período de tempo extremamente curto.

— É melhor começarmos a construir a pira agora enquanto ainda temos luz, — eu disse, apertando mais botões. — Podemos vasculhar mais a nave durante as horas escuras. Talvez, se os Espíritos nos mostrarem favor, encontremos a fêmea antes que nosso tempo acabe.

— Isso parece uma lesta de algum tipo.— Tekkon apontou para uma tela no console cheia de texto alienígena.

— O último botão que você apertou o trouxe à tona. Eu me pergunto se há uma maneira de traduzi-lo.

— Meus pensamentos exatamente.— Examinei o painel de controle. — Gostaria que Zikkar estivesse aqui. Ele já teria percebido isso.

Irritado com minha própria ignorância, bati as palmas das mãos no console e atravessei a sala. — Precisamos ir nessa pira, Tekkon. Mais tarde teremos tempo para estudar o console.

Saímos do quarto e colocamos a porta de volta no lugar.

Nenhum de nós falou enquanto descíamos a tubulação com nós até ao nível abaixo. Percorremos a distância até a sala onde eu havia cortado o casco para resgatar as fêmeas.

Usando o triot pad para destravar o cadeado, a porta se abriu junto

com uma enxurrada de memórias recentes. Eu não podia negar, meu sangue estava quente para Marie.

Quando encontramos as fêmeas trancadas em gaiolas, seu alto espírito chamou minha atenção. Sua juba escura e pele pálida, exótica e intrigante. No entanto, ela não foi a mulher que fez meu coração auxiliar bater pela primeira vez, nem a que acendeu meu sangue.

Aquele que continuava escorregando pelos meus dedos era aquele por quem meu espírito clamava. Eu tinha sido

castigado pelas outras fêmeas por perder meu domínio sobre ela. Ninguém poderia ter ficado mais decepcionado do que eu. Eu estava desesperado para encontrá-la, e o tempo estava se esgotando.

O quarto estava igual ao que havíamos deixado. Tekkon e eu cruzamos o chão cheio de detritos até ao buraco irregular que eu tinha cortado usando o cortador a laser do alienígena que adquiri em nossa primeira viagem. Não perdemos tempo removendo nossos respiradores e entrando na selva.

Economizamos tempo, usando o mesmo cortador a laser para derrubar mudas para construir uma pira funerária grande o suficiente para todas as mulheres que morreram no acidente. Assim que terminamos, o pôr do sol estava sobre nós.

De volta à nave, vestimos nossos respiradores e optamos por realocar os corpos mais perto da saída. Nós os colocamos cuidadosamente na sala ao lado, para que estivessem prontos para a cerimônia do nascer do sol que as receberia na próxima vida.

— Na primeira luz, vamos colocar os corpos e acender a pira logo antes de partirmos, — eu disse a Tekkon enquanto colocamos o último corpo com os outros. — Não há necessidade de atrair uma horda de Nuttaki com a fumaça.

cara.

— Que desperdício de vida, — Tekkon jurou suavemente e tocou levemente a crina pálida de uma fêmea. — Peço aos Espíritos que ninguém tenha sofrido.

Engoli em seco pensando na minha fêmea, talvez assustada no escuro sem o orbe solaris para a luz, escondida em algum lugar nesta nave.

— Vamos vasculhar a nave o máximo que pudermos.

Então, volte para a sala de controle e tente localizar aquela nave adicional. — Dei um tapinha no ombro de Tekkon e o afastei da fila de mulheres mortas.

Procuramos a maioria das horas escuras. Infelizmente, não encontrei nenhum sinal da minha fêmea. Isto é, até voltarmos ao poço do elevador que nos levaria de volta ao nível onde estava localizada a sala de controle.

Era apenas um som fraco. Minhas orelhas giraram e giraram para captar mais do ruído fino. Foi a mais suave das fungadas, como se alguém estivesse chorando baixinho.

Ambos os meus corações caíram aos meus pés. Cada instinto protetor dentro de mim gritava para confortá-la.

Fiz um gesto para Tekkon ficar em silêncio enquanto vasculhávamos a área. Perto do chão, e quase imperceptível, havia uma grade de malha de um tecido ultra-cinco. Eu peguei a costura quase invisível com uma unha até que ela se levantasse da moldura, e eu pudesse remover o painel inteiro.

Dentro havia um túnel longo e estreito feito para passar condutos e fibras. Muito pequeno para o meu corpo grande, mas era do tamanho perfeito para minha pequena fêmea rastejar. Até onde o túnel se estendia, eu não sabia.

Fiz sinal que pensei que ela poderia estar lá dentro.

Tekkon assentiu uma vez e me deu sua bolsa de rações. No início, sua ação me confundiu. Quando fui devolver a bolsa, ele assentiu e levou os dedos à boca.

Realização brilhou quente e eu me senti como um idiota por não pensar nisso eu mesmo. Ela provavelmente estava com fome, então deixar as rações na base do túnel funcionaria como uma espécie de armadilha. Derramei algum conteúdo e coloquei a bolsa no chão antes de recolocar o painel.

As telas de visualização na sala de controle tinham um visual nesta seção do corredor. Eu poderia ficar de olho nela enquanto procurava a localização da nave adicional.

Capítulo três

JANE

O que parecia uma mistura de rastros com pedaços de carne seca, nozes secas e frutas vermelhas estava um pouco além do meu alcance. Era a coisa mais próxima de comida de verdade que eu tinha visto desde que acordei amarrada à mesa de espécimes de um alienígena. Aposto que tinha mais gosto de comida de verdade em comparação com as barras de terra secas e quebradiças que eu comia há dias.

Eu me agachei no painel de malha que cobria o túnel com água na boca com curiosidade, imaginando o sabor do conteúdo derramado. Parecia que o saco de comida tinha caído por acidente. No entanto, eu não conseguia afastar a sensação mesquinha de que tinha sido colocado lá como uma armadilha pelo meu homem de prata.

Armadilha ou não, meu estômago roncando era a favor de me aventurar para pegá-lo. Eu não precisava de comida porque tinha um estoque de barras de terra. Mas minhas papilas gustativas exigia isso.

Eu me inclinei para trás, tomando cuidado para não colocar meu peso no tornozelo machucado, para espiar através de uma pequena brecha na parede do túnel. Eu

quase podia ver todo o interior do poço do elevador quando virei minha cabeça. Estava vazio.

De volta ao painel de malha, eu estiquei minha cabeça em todas as direções para ter certeza de que nenhum ponto cego estava escondendo um homem prateado de dois metros e meio de altura com orelhas pontudas.

Sem pensar duas vezes, removi cuidadosamente o painel e o coloquei de lado. Como uma criatura cautelosa da floresta, coloquei minha cabeça para fora para uma rápida olhada ao redor antes de sair correndo para o saco de guloseimas derramado.

Eu varri a comida do chão para o saco aberto, parando para colocar um pedaço da carne seca na minha boca. Eu mordi e gemi em torno da explosão de sabor. Eu não pretendia fechar os olhos para saborear o pedaço, mas parei para aproveitar o raro momento de prazer, deixando-me exposta e vulnerável.

O baque de botas batendo no chão mal tinha sido registrado antes de mãos fortes me pegarem. Ele se moveu para perto de mim tão rápido;

Eu não tive tempo de reagir.

Eu protestei contra meu captor, engasgando e tossindo com o pedaço de carne que eu estava mastigando. Meus olhos inundaram e molharam minhas bochechas com o esforço de limpar minhas vias aéreas. Uma vez que eu cuspi a carne, eu poderia me concentrar em me libertar.

Algo me disse para levantar meus braços e relaxar em seu aperto. Quando o fiz, escorreguei e caí no chão correndo, apesar das correntes dolorosas saindo do meu tornozelo torcido.

Dois passos rápidos e fui pega novamente. Eu gritei e chutei para trás fazendo contato com suas rótulas, em uma tentativa vã de afivelá-las. Ele era muito forte, então eu concordei e senti o estalo satisfatório de seu nariz.

Ele lançou uma série de maldições, tomando meu abuso. Então seu aperto aumentou, e ele começou a falar palavras suaves destinadas a me acalmar.

— Foda-se, idiota!— Eu gritei. — Deixe-me ir. Solte-me.

— Wue donf hunn,— ele falou com mais força desta vez.

— Nie tu le juun.

— Não não não!— Ele facilmente me subjugou com sua força superior.

— Seu idiota. Eu chutarei sua bunda. Você está me ouvindo? Você está implorando por uma surra.

Minhas ameaças eram uma piada em comparação com minhas ações. Ele tinha minhas mãos amarradas atrás das costas antes que eu pudesse piscar. Em seguida, ele me sentou no chão, segurando meu tornozelo bom e reajustando sua máscara, o interior agora salpicado com seu sangue azul. Eu tentei e não consegui fugir. Quando ele foi amarrar meus tornozelos, ele fez uma pausa e respirou fundo.

— Lew simf na, — ele acalmou, levantando a perna da minha calça com uma das mãos para dar uma olhada melhor no meu ferimento.

— Não deixa.

Ele sondou o inchaço, então limpou o sangue azul pingando debaixo da máscara que vinha de seu nariz.

— Ai!— Eu assobieei. — Sim, isso dói, gênio. Que tal não tocá-lo novamente.

Seus olhos pousaram em mim. — Nuh jut les druth.

Preocupado amarrou suas palavras, e ele apontou para o meu tornozelo inchado.

— Sim, dói. Muito.— Agora que eu estava focada no meu tornozelo, ele latejava mais do que antes. Tenho certeza de que minha corrida não ajudou.

Lágrimas de crocodilo escorreram pelo meu rosto quando ele amarrou minhas pernas logo acima do meu ferimento. Não havia como escapar disso. Eu estava bem e verdadeiramente pega, e eu não tinha ideia de suas intenções. O único positivo era o sangue ainda pingando de seu nariz. Eu estava orgulhosa que ele não tinha saído ileso.

Oh Deus. Eu desejei que ele voltasse. Agora que ele tinha, e eu estava à sua mercê, eu me senti como uma tola fantasiando sobre esse estranho.

Eu odiava que eu choraminguei quando ele estendeu a mão para mim. Cuidadosamente, ele me levantou do chão e

me colocou sobre um ombro enorme enquanto falava palavras em um tom reconfortante. Isso não me impediu de tremer quando ele facilmente se levantou e entrou no poço do elevador.

Sem esforço, ele escalou minha corda de escalada improvisada com uma das mãos enquanto me carregava pendurada em seu ombro. Com minhas mãos amarradas atrás das costas e minhas pernas amarradas, tudo que eu podia fazer era me mexer em vão para tentar me libertar.

No nível seguinte, ele me carregou até ao final do corredor e por uma porta que eu nunca consegui abrir. Fui colocada em um pequeno assento do tamanho de uma criança em um console no centro da sala. Meu homem de prata me dando um sorriso simpático quando ele enrolou uma corda em volta da minha cintura, prendendo-me com uma trava estranha e me amarrando à cadeira com a outra extremidade.

Quando nossos olhos se encontraram, meu medo começou a diminuir. Eu deveria estar morrendo de medo, mas tudo o que senti foi um enxame de borboletas na minha barriga e uma suave fusão de algo quente atrás do meu esterno. Isso não era nada como o medo absoluto

quando acordei pela primeira vez com o rosto de um alienígena cinza.

O segundo homem prateado já estava dentro da sala. Ele me cumprimentou com um aceno rápido antes de retornar à

sua tarefa de limpar os cadáveres de alienígenas cinzentos.

Eu me encolhi ao ver o que parecia um massacre. Meu reflexo de vômito convulsionando com o fedor de seu sangue gosmento e laranja.

Fixado na cena nauseante diante de mim, meu homem prateado colocou um pequeno dispositivo atrás da minha orelha antes que eu pudesse objetar. Eu vacilei quando a coisa sugou a minha pele.

— Guth, quem entende as palavras mui?

Eu me virei e minha boca se abriu. — Parte do que você acabou de dizer foi em inglês. Como isso é possível? — Por reflexo, tentei tocar o dispositivo preso à minha cabeça, mas minhas mãos ainda estavam amarradas.

— Du tradutor adapta a linguagem do huv du mer hu fala isso, — ele respondeu, então apontou para o meu tornozelo inchado. — Seu akul está ferido.

Quanto mais ele falava, mais suas palavras faziam sentido. Ele atravessou a sala e pegou a mochila que ele estava enchendo com itens recuperados do navio.

Estendendo a mão, ele puxou uma caixa quadrada e se ajoelhou aos meus pés. Ele tocou a amarração em volta das minhas pernas e olhou para mim.

— Eu não quero te fazer mal.— Ele ergueu a caixa.

— Eu posso tratar sua lesão.

— Me desamarre, — eu exigi.

— Se você prometer não tentar fugir, eu vou desamarrá-la.

— E por que eu deveria confiar em você?

Ele sentou-se sobre as pernas. — Porque eu estou tentando te ajudar assim como nós ajudamos as outras fêmeas humanas.

— Você quer dizer as mortas? — Eu zombei. — Não tente mentir. Eu

vi os corpos.

— Vamos homenagear aquelas que morreram no acidente no próximo nascer do sol, — disse ele. — Eu estava me referindo às fêmeas que resgatamos das gaiolas metaloides. Elas estão seguras e com o resto do meu clã.

Isso explicava todas as gaiolas vazias naquela sala.

— Há outros humanos ainda vivos além de mim?

— Sim.

Como eu poderia não ser cético em relação ao que ele estava me dizendo? Então, novamente, que razão ele teria para mentir? Se ele quisesse me matar, já teria. Ainda assim, ele ainda tinha que ganhar minha confiança.

— Por que você armou uma armadilha para mim? E por que estou amarrada se você está aqui para ajudar?

— Porque estou ficando sem tempo e você vai morrer se ficar aqui, — ele afirmou sem rodeios. — A única maneira de salvá-la era pegá-la. A menos que sua intenção seja permanecer neste nave acidentada.

Meus olhos procuraram seu rosto incrivelmente bonito.

De tão perto, suas feições eram ainda mais sobrenaturais, quase surreais. Se minhas mãos não estivessem amarradas atrás das costas, eu teria esticado e roçado meus dedos ao longo de sua mandíbula forte apenas para ter certeza de que ele era real. Algo no fundo me puxou para acreditar nele.

— Eu não posso ficar aqui, — eu sussurrei quase para mim mesma. — E você disse que existem outras garotas como eu?

— Sim.— Seu sorriso era quase infantil, atraindo-me a confiar nele. — Uma chamada Isobel até me castigou por não ter conseguido te pegar na primeira vez. Eu sei que elas estão ansiosas para te conhecer.

Pisquei de volta a pontada de lágrimas ameaçando fluir.

Isso parecia bom demais para ser verdade. Eu queria conhecer Isobel e as outras garotas. Para fazer novas memórias para substituir as que eu perdi.

— Se você está mentindo para mim...— Minhas palavras pararam com

um problema.

— Juro pela minha honra como guerreiro Valosiano, falo apenas a verdade.— Ele inclinou a cabeça, a cascata prateada de seu cabelo fluindo ao redor de seus ombros enormes. Minhas mãos se fecharam, querendo correr meus dedos por seus fios sedosos.

— Devo saber que tipo de guerreiro você é? — Eu perguntei. Minha respiração ficou presa, esperando que ele pudesse lançar alguma luz sobre meu passado esquecido.

— Você não é do meu mundo. Então não, você não saberia nada sobre os guerreiros de Valose. — Seu olhar varreu e pousou em mim em um redemoinho líquido.

— Somos homens honrados. Treinados para lutar por nosso clã e defender aqueles que não podem se proteger.

— Só para ficar claro, eu não preciso de proteção.

Minha resposta automática me surpreendeu enquanto a pontada da memória permanecia fora do meu alcance. — Eu quero sair dessas cordas agora, e você me dirá o que eu quero saber começando pelo seu nome.

Meu homem prateado inclinou a cabeça, me avaliando.

Sem dúvida, tão curiosa sobre mim quanto eu mesma. Se eu pudesse me lembrar de algo do meu passado. Indo pela minha reação natural, eu era ou uma foda ou uma idiota tagarela.

— Tekkon.— Meu homem prateado se levantou e se dirigiu ao segundo homem que havia voltado da limpeza dos corpos. — Vamos trancar a porta.

Me desanimou quando meu único meio de fuga foi colocado no lugar. Se ele fosse um mentiroso, eu não tinha para onde fugir. Sem saber onde ou quem eu era, não podia me dar ao luxo de confiar em ninguém.

Ele voltou e removeu as amarras das minhas mãos, então se ajoelhou aos meus pés, mas eu permaneci presa ao assento com uma corda e uma trava estranha que eu não tinha esperança de descobrir como soltar. Esfreguei meus pulsos enquanto nos encarávamos por um longo tempo, simplesmente estudando um ao outro.

Sua pele era principalmente prateada com lampejos de branco e vários tons de azul. As mudanças sutis de cor ondularam sobre sua pele, que tinha uma textura mais parecida com escamas. Ele era hipnotizante.

Quando ele finalmente falou, eu pulei. — Aggar.— Ele tocou levemente o peito. — Meu nome é Aggar.

Eu imitei seu gesto. — Eu sou Jane Doe. Pelo menos, esse é o nome que eu me dei.

— Jaay-n-doe?

— Apenas Jane está bem, — eu disse. — Eu não acho que eu realmente preciso de um sobrenome.

— Último nome?

— Sim, você sabe. Um nome de família. O sobrenome de seu pai?

Ele me olhou confuso e pegou a caixa que havia segurado mais cedo.

— Ah, você quer dizer meu senhor.—

Ele assentiu e abriu a caixa que estava cheia de suprimentos médicos estranhos. — Nós não temos apenas um nome em

Valose. Não há um segundo nome para identificar com qual pai nascemos.

— E se houver mais de um Aggar? Como você diferenciaria os dois?— Eu o observei, cautelosa com a caixa fina que ele pairava sobre meu tornozelo ferido.

— Só existe um Aggar.— Ele deu um tapa firme no peito e continuou com a caixa pairando. — E esse Aggar sou eu.

Aggar do Clã Huren.

Quando ele mencionou clãs, meus olhos caíram para o kilt multicolorido que ele usava, que combinava com suas escamas. Um alienígena escocês com orelhas vulcanas. Eu facilmente imaginei Leonard Nimoy vestindo uma saia. Era uma combinação ridícula e eu tive que abafar o riso histérico que ameaçava ferver à superfície.

Fiquei sóbria rapidamente, zangada por poder lembrar o nome de um ator e não o meu. — Onde exatamente estou, Aggar?

— Você está no planeta, Valose. Apenas dentro do território Huren.—

Ele gesticulou ao redor da sala, em seguida, passou uma pomada branca no meu tornozelo. A dor desapareceu magicamente, e eu me recusei categoricamente a admitir que gostei do jeito que seus dedos tocaram minha pele. — Atualmente, você está dentro de uma nave espacial Gretolic que caiu.

— Gretólico?— Eu olhei para ele. — É assim que os seres cinzentos são chamados?

— Sim.

— Esse foi o seu trabalho prático que o outro cara realizou em pedaços sangrentos?

— Sim.— Ele olhou para mim sombriamente. — Eles são nossos inimigos das estrelas.

— Eles são meus inimigos, também.— Meus olhos percorreram seu rosto e pousaram nas pontas de suas orelhas. — Nós temos isso em comum, pelo menos. Onde está o resto do seu clã e as outras garotas que você mencionou? — Eu o deixei envolver meu tornozelo em um tecido fino.

— Atualmente, levantando o assentamento e movendo-se para um local mais seguro, — disse Aggar, levantando sua máscara apenas o suficiente para limpar o plástico transparente e o sangue azul escorrendo de seu nariz. Em seguida, ele alisou o mesmo creme branco que usou no meu tornozelo.

— É para lá que você está me levando? Para o local mais seguro?

— Sim. No próximo nascer do sol e depois de prestarmos homenagem às fêmeas humanas.

— Por que você se importa tanto com elas?— Enquanto eu continuava a questionar Aggar, algo começou a se

encaixar. Por uma fração de segundo, senti como se estivesse no meu elemento. — Como você os conheceu se eles morreram no acidente?

— Lily, a companheira espiritual de Sia Jakkar, queria que as fêmeas tivessem um '*enterro apropriado*', como ela disse. — Ele se moveu para se sentar ao meu lado. Era muito pequeno para seu corpo grande, então ele teve que enfiar sua bunda nele. — Corpos não podem ser enterrados em Valose. Há muitas feras que iriam desenterrá-los. Então, nós honramos nossos mortos em uma pira e pedimos aos Espíritos que

os recebam.

Eu não me sentia como uma pessoa religiosa, mas o que ele acabou de explicar dizia muito sobre sua moral. — A pedido de Lily, você e Teeken voltaram para colocá-los para descansar? Garotas que você nem conhece?

— Tekkon, — ele corrigiu o nome do segundo homem.

— Sim. A pedido dela e para garantir que seus espíritos passassem para o Reino dos Espíritos.

Eu só podia assentir, absorvendo tudo o que ele tinha acabado de explicar. Engoli em seco e molhei meus lábios secos, desejando um gole de água. Como se Aggar pudesse ler minha mente, ele me entregou um odre.

— Isso é água? — Eu alegremente peguei dele e cheirei a abertura.

— Isso se chama Lood. — Ele respondeu e me entregou uma sacola que eu esperava estar cheia de comida. — Mas Rose me disse que é semelhante à sua água da Terra.

Quem era essa Rose que ganhou um sorriso torto do meu homem de prata? E por que eu continuo pensando nele como meu?

— Rose? — Eu trabalhei com a pontada de ciúme que me atingiu de fora do campo esquerdo.

Enquanto Aggar me contava sobre a mulher que ele via como irmã, tomei um gole hesitante do Lood antes de inclinar o odre para trás e engoli-lo em grandes goles. Rose estava certa. Era incolor e insípido como a água, mas com uma consistência mais espessa, assim como as bolsas que encontrei no navio.

— Rose tem uma mente afiada e curiosa como minha irmã, Nevva.

Com um pedaço de fruta seca em meus lábios, perguntei. — Sua irmã?

Ele assentiu lentamente e virou-se para o console. — Ela sucumbiu ao germe, da mesma forma que todas as outras fêmeas.

— Todas as outras mulheres?

Aggar contou a terrível tragédia de seu planeta de como todas as mulheres em Valose contraíram e sucumbiram a um germe mortal alguns meses antes de eu cair aqui. E

como seu mundo compreendia apenas machos que os marcavam para a extinção certa.

Ele contou sobre os Gretolics e seu controle mental sobre os guerreiros Valosianos e como um homem chamado Sia Jakkar estava descobrindo uma maneira de impedi-los de dominar o planeta. E que propósito os alienígenas cinzentos tinham para nos sequestrar.

Quanto mais ele falava e quanto mais eu aprendia, mais sobrecarregada eu ficava. Em que tipo de confusão eu caí?

— Você tem irmãos na Terra?

Sua pergunta parou minha mão enquanto eu procurava dentro da bolsa de comida por outro pedaço de carne seca.

— Eu não me lembro.

— Não?

— Não.— Bati na minha têmpora. — Eu não me lembro de nada antes do acidente. É por isso que eu disse que meu nome era Jane Doe. Isso é o que chamamos de mulheres não identificadas...— O fragmento de memória passou pela minha mente e se perdeu tão rapidamente. — Hum... de qualquer forma, já que eu não sei quem eu sou, eu me chamo de Jane.

— Nosso médico, Nullar, é muito capaz. Talvez ele possa ajudá-la a recuperar suas memórias perdidas.

— Eu gostaria disso.— Afundei-me mais na cadeira, pensando em quem eu era e como seria maravilhoso recordar uma única lembrança do meu passado.

Aggar enfiou a mão na mochila mais uma vez e tirou a coisa que eu havia perdido. — Eu acho que isso pertence a você.

— Obrigada.— Ele me devolveu o orbe e eu o embalei no meu peito. Meus olhos embaçaram com o gesto. — Eu pensei que estava perdido para sempre.

— Agora foi encontrado.— Com um último olhar, ele voltou sua atenção para o console estendido à nossa frente.

Fiquei tentada a dizer a ele o quanto o orbe significava para mim. Isso me salvou de ficar na escuridão completa e foi um bálsamo para meus

medos, mas eu não queria mostrar fraqueza.

Depois de Aggar contar a história de seu planeta e ver o brilho em seus olhos quando ele falou de Rose, que o lembrou de sua irmã falecida, eu relaxei consideravelmente em sua presença. E Tekkon manteve distância, basicamente me ignorando enquanto tomava a direção de Aggar para procurar um esquema da nave no console mais distante.

A intuição me disse que eu tinha sido uma boa juiz de caráter na vida que eu não conseguia me lembrar. Meus instintos me diziam que esses dois eram dignos de confiança,

mas minha natureza desconfiada não me permitia me deixar ir completamente.

Eu me esforcei para entender os grãos de memória começando a gotejar em minha mente. Eram fragmentos tão minúsculos, que eu estava apenas captando vislumbres fugazes de emoções. A frustração de me concentrar tanto em algo tão esporádico estava me dando dor de cabeça.

Sacudi-me e olhei ao redor da sala. Tekkon estava rolando diligentemente pelos arquivos na tela à sua frente enquanto Aggar estudava uma imagem ao vivo da brecha no casco da minha única aventura do lado de fora.

— O que você está procurando?— Eu me aproximei o máximo que minha corda permitiu e olhei com atenção para a imagem.

— Você vê essa distorção esférica?— Ele deu um zoom em uma área oscilante da selva escura além da brecha irregular. — Isso é uma nave. Eu preciso descobrir onde está, para que possamos levá-la conosco no próximo nascer do sol.

— Você está com sorte porque eu sei exatamente onde é.

Capítulo quatro

AGGAR

— Você sabe como chegar a este local?— Apontei para a tela e olhei para Jane com os olhos arregalados.

— Sim, — disse ela. — Parte da sala desmoronou é por isso que você não pode ver esta área aqui.— Ela acenou com a mão sobre uma parte da tela bloqueada. — A sala é maior do que parece quando você entra. Me lembra um hangar ou algo assim.

Eu segurei minha excitação, com medo de fazer qualquer movimento brusco. Ela estava começando a relaxar na minha presença, e eu não queria destruir a confiança que construí com ela. — Você pode me levar até lá?

— Claro.

— O que você está planejando fazer? — O olhar de Tekkon foi para Jane.

— Ao nascer do sol, Jane vai nos levar a essa nave.—

Apontei para a tela. — Nós podemos voar até a saída onde a pira está localizada. Com uma rápida atualização, você pode voar para as cavernas depois que nós honrarmos as fêmeas.

Os olhos de Tekkon fez um ping-pong entre mim e Jane.

— Você não acha que a fêmea tentará escapar assim que a porta for aberta?

— Você poderia? — Eu olhei para Jane. — Você tentará fugir de mim? Eu sei que é pedir muito para alguém, confiar cegamente em outro, mas não há nada nesta nave para você além de morte. E a selva de Valose não é lugar para uma pessoa sozinha.

Jane endireitou-se e cruzou os braços com força. — Eu fiz isso muito bem sozinha até agora, muito obrigada.

— O que levanta a questão de por que você não estava nas jaulas com as outras fêmeas.

— Eu estava sendo examinada por uma daquelas aberrações cinzentas quando caímos.— A naturalidade de Jane não alcançou seus olhos preocupados, então deixei o assunto de lado.

— Estou devidamente impressionado com sua desenvoltura e como você se manteve escondida.— Minha alma gêmea era adorável enquanto ela inchava de indignação. — Eu quis dizer isso como um elogio. Acredite em mim quando digo que este não é um lugar para ficar e você vai precisar da minha ajuda.

Jane ponderou minhas palavras por um longo tempo como se estivesse pesando suas opções. — Você percebe que a confiança cega é pedir muito de uma pessoa.

— Certamente é. Eu seria tão cauteloso quanto você se os papéis fossem invertidos.— Eu me mexi no meu pequeno assento e a considerei. — Em breve estarei colocando minha confiança em você para nos mostrar o caminho para a nave.

— No entanto, aqui estou eu sentada amarrada a uma cadeira, — ela rebateu.

— Há muitos painéis removíveis que levam a túneis de conduíte que revestem as paredes desta sala, — eu sorri.

— Aqueles que você já visitou.

— Quão observadora da sua parte você notou.

— Eu seria um tolo se subestimasse você novamente.

Você já me escapou uma vez.

— Eu fiz.— Jane recostou-se com um bufo e puxou a corda que a prendia ao assento. — Eu teria novamente se eu não tivesse deixado meu estômago dominar minha cabeça.

Eu deveria ter seguido meu instinto. Eu sabia que você armaria uma armadilha.

— Se eu não tivesse, não estaríamos tendo essa conversa. No próximo nascer do sol, eu teria que deixar você para trás pela segunda vez.

— Você voltaria para mim uma terceira?

— Quantas vezes forem necessárias para encontrá-la.

Minha busca seria interminável no que diz respeito a você.

A boca de Jane se abriu. — Eu não posso imaginar por que eu seria tão importante. Eu sou uma estranha para você.

Inclinei-me para explicar seu status como minha alma gêmea, mas pensei melhor. Agora não era o momento para tais coisas. Além disso, eu precisava de tempo para provar que era digno de sua confiança.

— Estranho ou não, eu posso imaginar que você é tão importante, —

eu desviei.

— Por que eu sinto que sua resposta foi evasiva?

— Quão observadora de sua parte, — eu repeti suas palavras anteriores de volta para ela.

Tekkon deslocou-se desconfortavelmente de seu lugar no console, lembrando-me da tarefa em mãos. Prefiro gastar tempo trocando palavras com minha mulher perspicaz, mas precisava extrair os diários da nave que Tekkon encontrou.

Minha missão estava quase completa. Graças aos Espíritos, encontrei minha fêmea e estaria honrando aqueles que pereceram em apenas mais algumas horas.

— Você deveria descansar.— Levantei-me para pegar meu catre e fiz um lugar para Jane dormir. — Será uma longa jornada para as cavernas.

— Eu não estou cansada,— Jane fingiu se acomodar no banco. — E você? Você não precisa descansar?

— Eu faço, mas eu preciso extrair tanta informação do banco de dados do Gretolic ainda mais,— eu expliquei.

— Quanto mais soubermos sobre os alienígenas, mais fácil será derrotá-los.

— Conheça seu inimigo,— Jane disse, conscientemente.

— Precisamente.

— Talvez eu possa ajudar.— Jane se adiantou para estudar o console.

— Você está familiarizado com a tecnologia Gretolic?

— Não mais do que você, — disse ela, apertando botões e acionando interruptores. — Não posso deixar de sentir que já fiz isso antes. Não exatamente isso, mas algo semelhante.

Você sabe, ficar acordado a noite toda procurando pistas para perguntas não respondidas.

— O que você lembra do seu passado?

— Apenas fragmentos minúsculos. Nem mesmo eventos parciais,

apenas pedaços de emoção intensificada. Como quando você mencionou seu treinamento de guerreiro para proteger os outros. Isso me pareceu familiar.

— Talvez você fosse um guerreiro na Terra?

— Não temos guerreiros, mas temos forças da lei que protegem as pessoas boas das más.— Sua sobranalha franziu. — Mas não consigo me imaginar como policial.

Procurar pistas e descobrir a verdade me interessa.

— Então vamos pesquisar os bancos de dados de nosso inimigo comum juntos.

A sala caiu em um silêncio sociável enquanto nós três trabalhávamos em diferentes áreas do longo console.

Muitas horas depois, eu me inclinei para trás e enfiei meus dedos em meu cabelo, e puxei. — Isso é tão frustrante.

Posso baixar os dados para um chip, mas não tenho como traduzi-los.

— O mesmo aqui,— Tekkon resmungou. — De que adianta tudo isso se não podemos ler? É uma completa perda de tempo.

— Talvez não,— Jane interrompeu, pensativamente mordiscando seu lábio inferior. — Esses pequenos dispositivos presos em nossas cabeças podem traduzir Gretolic?

— Claro. Eles são tecnologia Gretolic.

— Agora que você tem os diários baixados no chip, em qual dispositivo ele será conectado?

Intrigado para onde ela estava indo, mostrei a ela meu tablet, uma versão menor do processador de dados que Zikkar usava.

— Ele tem um recurso de leitura em voz alta? — ela perguntou.

— É verdade.— Eu sorri largamente, percebendo sua ideia.

— Então tente fazer com que seu tablet leia em voz alta,

— ela deduziu. — Os tradutores presos às nossas cabeças devem ser capazes de decifrá-lo para nós. E, a propósito, isso é um trabalho dentário sério que você está fazendo lá. Por favor, me diga que vocês

não mordem as pessoas e bebem seu sangue como vampiros.

— Um vampiro o quê? — Eu recuei com suas palavras.

— Não. Nós não mordemos as pessoas ou bebemos seu sangue. Isso é nojento. É uma prática comum na Terra?

— Não. Vampiros são personagens fictícios lendários conhecidos por suas presas que se parecem com as suas.

Ela gesticulou para minha boca.

Eu assenti com uma curva do meu lábio. — Vamos voltar para a tarefa em mãos, certo?

Inseri o chip preenchido com os diários dos bancos de dados da nave, ativei o recurso que leria o texto alienígena em voz alta e esperei. As palavras traduzidas eram, na verdade, uma anotação de diário desde o início de sua jornada que acabou por pousar aqui. Uma vez que a entrada foi concluída, eu pausei a reprodução para absorver o que eu tinha ouvido.

— Sua alma gêmea é brilhante.— O comentário de Tekkon quebrou o silêncio na sala.

— Você disse isso mais cedo quando se referiu a Lily.—

Seus olhos saltaram entre mim e Tekkon. — O que isso significa? Um companheiro espiritual?

Limpei a garganta e atirei a Tekkon um olhar silenciador. Ele ergueu os ombros em desculpa e voltou a percorrer os dados da nave.

— Acontece quando os espíritos de um macho e uma fêmea reconhecem seu complemento, — afirmei sem rodeios.

Havia muito mais do que isso. Entrar nos aspectos emocionais e no catalisador do acasalamento para iniciar o vínculo não era algo que eu queria discutir na frente de uma plateia.

Jane me estudou por um longo momento. — Você está falando de almas gêmeas? — ela riu. — Por que Tekkon pensaria que eu sou sua alma gêmea?

— Tekkon é tagarela e não sabe o que diz.— Eu cortei o outro guerreiro com um olhar duro, desafiando-o a me contradizer.

— Então, eu aterrissei em um planeta cheio de homens prateados vestindo kilt que são românticos sem esperança?— Jane sorriu.

— A única coisa sem esperança é a ressurreição de nossas fêmeas,— Tekkon grunhiu. — Se não fosse por essas aberrações cinzentas, meu espírito gêmeo ainda estaria vivo.

— Eu sinto muito, Tekkon,— Jane respirou suas palavras. — Eu não quis fazer pouco caso de suas crenças ou sua perda.

— Desculpas aceitas.— Tekkon corou em vários tons de azul e inclinou a cabeça, claramente querendo mudar de assunto. — O narrador mencionou um planeta chamado Tírius. Você acha que esse é o mundo natal dos Gretolic?

— Essa entrada foi o início de sua jornada que os trouxe aqui, — ponderou Jane. — Com todos os diários que você baixou antes desse, eu meio que duvido. Já que todas nós, garotas, estávamos nesta nave, aposto que há até uma entrada deles viajando para a Terra.

— Eu concordo.— Minha fêmea continuou a me impressionar com sua inteligência. — Vai levar muito tempo para ouvir tudo. Estou curioso sobre a nave de reconhecimento que eles mencionaram ter viajado para cá alguns anos atrás.

— Eu também.— Tekkon tamborilou os dedos no console. — Aqueles malucos estão aqui há muito mais tempo do que qualquer um de nós imaginava. O que eles estavam fazendo todo esse tempo e onde eles estavam se escondendo?

— Toque essa última parte novamente.— Jane sentou-se para a frente. — A parte pouco antes de eles baterem.

No meu tablet, passei a ponta do dedo pelo quadro da gravação até encontrar o que Jane pediu.

— O Yulineon está fora de sua jurisdição,— reclamou um Gretolic.

— Ele está ligando seus blasters!— outro exclamou.

— Aumentar o poder dos escudos.

— Ataque direto...

Uma explosão abafou os gritos dos Gretolics antes de interromper abruptamente a gravação. Eu silenciosamente torci pelo Yulineon até

que a realidade do que aconteceu depois me atingiu como uma debandada de rinose. Todas aquelas fêmeas haviam experimentado o ataque do Yulineon na nave Gretolic, algumas viveram, mas muitas outras morreram.

— Parece que Yulineon também não era fã dos Gretolics.— Jane relaxou em seu assento. — O Gretolic disse que estava fora de sua jurisdição. O que é um Yulineon? Como a polícia espacial ou algo assim?—

— Eu nunca ouvi falar de um Yulineon. E nunca soube da existência de Gretolics ou fêmeas humanas, para esse assunto. Pelo menos não até que está nave aterrisou aqui,

— eu disse. — Embora, a atual governante de Huren, Sia Sakkar, tenha viajado pelas estrelas. Ele nunca falou de Yulineons ou Gretolics, pelo menos não para mim. Há tantas perguntas sem resposta, mas esses diários conterão algumas dessas respostas.

Jane se virou e puxou a corda. — Agora que nos unimos ao nosso inimigo comum, alguma chance de me desamarrar deste assento?

Capítulo Cinco

JANE

— Eu não posso acreditar que você não confia em mim.— Cruzei os braços e observei Aggar enrolar a extremidade oposta da minha corda em volta da cintura e engatar o clipe de travamento.

— Você pode honestamente dizer que confia totalmente em mim?

Eu abri minha boca, então a fechei. — Eu estaria mentindo se dissesse um sim absoluto.

Aggar teve a coragem de dar de ombros casualmente.

— Eu não posso correr o risco de você mudar de ideia e fugir. Nós não temos o luxo do tempo para provar que somos todos confiáveis, então terá que ser assim.

— E se eu mudar de ideia e levar você na direção errada para longe da nave que você está procurando?

Aggar entrou no meu espaço pessoal. O calor de seu corpo enorme irradiava para o meu. Com 1,80m, minha cabeça atingiu a linha do mamilo ele era enorme. Eu tive que esticar meu pescoço para trás para olhar para ele. Aquele pequeno puxão no centro do meu peito doía para chegar ainda mais perto, o que era completamente louco.

Concedido, ele era geneticamente superior em comparação com os homens da Terra com suas características perfeitamente esculpidas e lajes de musculatura perfeitamente proporcionada. A atração física por si só não poderia ser a causa desse anseio interno. A coisa toda do companheiro espiritual era real? Aggar tinha considerado sem importância, mas eu poderia dizer que ele queria explicar mais.

— Você faria isso, Jane? — As palavras suavemente faladas de Aggar me tocaram da maneira mais hipnótica.

— Desviar-me?

Respirei profundamente seu aroma picante. — Sobre o que estamos falando?— Minha mente deu uma guinada impertinente, e o calor floresceu em meu núcleo.

— Induzindo-me ao erro.— Com um dedo longo, Aggar levantou meu queixo de onde meus olhos caíram para medir a largura de seus ombros.

Tekkon pigarreou ruidosamente. Foi apenas a interrupção que eu precisava para me sacudir para fora do meu estupor induzido pela luxúria. Dei um passo gigante para trás, chegando ao fim da minha corrente.

— O que você fez? — Eu esfreguei meu esterno. — Pare de olhar para mim como se você quisesse me comer.

— Eu não fiz nada.— Aggar mostrou suas presas em um sorriso magnético que enfraqueceu meus joelhos. — Não é minha culpa que você esteja atraída por mim.

Eu zombei de seu comentário e estava prestes a negar sua afirmação arrogante quando Tekkon se intrometeu.

— Se vocês dois terminaram de flertar, podemos continuar com nossa busca? — Tekkon resmungou.

Fiquei feliz pela presença de Tekkon. Algo sobre Aggar me deixou abalada. Eu não confiava em mim no que dizia respeito a ele. Eu puxei com força a corda que nos prendia.

Ele se certificou de que eu não poderia ficar longe dele.

— Eu mostrarei o caminho.— Aggar curvou-se para mim com um floreio. — Quer me dar direções?

— Como se eu estivesse tendo uma escolha.— Empurrei o ombro de Aggar, o que me rendeu uma risada. — Ele sempre foi tão presunçoso? — Eu perguntei a Tekkon.

Tekkon retornou com um sonoro — Sim .

Eu tive que rir do olhar ferido fingido no rosto de Aggar enquanto Tekkon reprimiu um sorriso. Apesar das orelhas de elfo, presas e escamas de caleidoscópio, esses caras estavam crescendo em mim.

— Tudo bem.— Eu puxei minha corda. — Vamos indo.

No final do corredor, passando pelo poço do elevador, para o último quarto à direita. Há uma brecha na parede que leva para dentro de outro quarto.

— Vimos essa violação, mas não a exploramos, — disse Aggar.

— Bem, eu tive muito tempo para olhar ao redor.—

Cortei minha mão no ar. — A outra sala leva a um corredor que você não pode acessar daqui. No final desse corredor você chega ao hangar amassado onde sua espaçonave invisível está esperando.

— Parece fácil, mas ficaremos alertas. Jane, eu quero que você fique de olho no gerador de imagens.— Aggar me entregou o bloco quadrado que encontrou junto com alguns outros dispositivos Gretolic na sala de controle.

— Assinaturas de calor aparecerão como bolhas brancas brilhantes. Preciso saber imediatamente se você vir alguma.

— Entendi.— Segurei o bloco fino de papel com cuidado. — Bolhas brancas brilhantes.

— Nós viajamos com espadas em punho.— Aggar puxou suas espadas gêmeas de onde estavam amarradas em suas costas. — Eu não vou correr nenhum risco com Jane.

O calor me espetou até o osso. Eu brilhava de dentro para fora sobre as medidas de precaução que ele estava tomando apenas para mim.

Depois que os caras tiraram a porta danificada do caminho, eles pegaram suas mochilas e me colocaram entre eles enquanto saíamos para o corredor.

Eu estava preocupada com essa viagem com meu tornozelo machucado, mas tinha curado milagrosamente durante a noite. Eu permiti que ele removesse o envoltório de tecido e meu tornozelo parecia perfeitamente normal. Deve ter sido aquele creme mágico que Aggar usou.

Aggar nos conduziu cautelosamente. Fiquei perto, mas não muito perto, no caso de ele ter que balançar aquelas lâminas de aparência letal. Até agora, não havia formas de vida aparecendo no imager que eu carregava.

Não demorou muito para que subíssemos pela brecha e entrássemos na sala ao lado, descendo o corredor e entrando nos destroços. Os caras tiveram que se abaixar para passar pelo pior da baía desmoronada. A luz da manhã estava começando a entrar pelo casco rompido.

Eu puxei o ar perfumado em meus pulmões, fechando brevemente meus olhos para saborear a brisa amena lavando minha pele. Minha cabeça ficou um pouco flutuante, e eu entendi o que Aggar quis dizer

sobre o respirador e o ar dentro da nave ser muito deficiente em oxigênio para ele.

Esta atmosfera era mais leve e mais limpa do que qualquer coisa que eu já tinha respirado antes.

Abri meus olhos para Aggar removendo sua máscara. Eu não tinha pensado que ele poderia ser mais bonito. Até agora.

Forcei meus olhos a estudar a selva densa. Eu realmente precisava conter essa paixão antes de fazer algo que me arrependesse.

— Você está detectando alguma coisa no gerador de imagens?

Fixado na folhagem exuberante além, levei um segundo para perceber que a pergunta de Aggar era dirigida a mim.

— Não. Nada, — eu respondi depois de um rápido olhar para o gerador de imagens.

Era tão estranho que eu não tinha notado a distorção esférica antes. Acho que fiquei tão fascinada com o azul e prata chocantes ao ar livre que passou despercebido. Mas, eu estava vendo isso agora. Com toda a folhagem engasgada perto do navio, era difícil dizer se era transparente ou refletia a selva ao redor.

Aggar deu um passo cauteloso seguido por Tekkon. A corda que me ligava a Aggar se apertou e fui forçada a segui-lo. Minha última experiência ao ar livre não tinha corrido bem, então eu droguei meus pés quanto mais longe Aggar se aventurava.

— Tudo limpo.— Aggar virou-se para mim e usou a corda para me puxar. — Siga-me ao redor da nave, para que eu possa localizar a porta.

Aggar estendeu um dispositivo fino e plano do tamanho de um cartão de crédito enquanto nos movimentávamos pelo

perímetro da nave. Estendi a mão e escovei meus dedos sobre o casco. Era estranho sentir uma forma sólida que parecia nada mais do que uma distorção ondulada.

Demos meia volta e paramos quando o dispositivo que Aggar segurava apitou. Ele bateu rapidamente na pequena tela e a porta da nave se abriu silenciosamente.

— Puta merda!— Eu não sabia o que eu esperava, mas essa coisa era legal como o inferno por dentro. Toda a estrutura estava livre, exceto o console e alguns compartimentos que revestiam a parede traseira. Era como olhar dentro de uma bolha de sabão.

Segui Aggar para dentro com Tekkon na retaguarda. Os machos foram diretamente para o console no centro da esfera onde Aggar deu a Tekkon uma lição de voo. Fiquei menos entusiasmada quando Tekkon empurrou seu corpo grande no assento de criança e assumiu o leme.

Sáímos em uma subida trêmula comigo batendo as costas do banco. Aggar manteve-se firme e firme, dando instruções a Tekkon enquanto nos voava sobre os destroços.

Cada molécula de ar deixou meus pulmões enquanto eu olhava pelo chão transparente para a nave quebrada. Eu sabia que era grande apenas pelo que eu tinha procurado lá dentro, mas essa coisa era enorme. Estendeu-se por uma boa milha. A julgar pelo vinco profundo no meio, eu me

arriscaria a adivinhar que a coisa havia se quebrado ao meio antes de sua aterrissagem final.

Tekkon nos guiou em um passeio vacilante antes de nos aterrissar perto de uma plataforma de madeira. Meu coração caiu aos meus pés quando eu reconheci o que era - a pira para as mulheres que morreram no acidente.

Aggar soltou a corda da cintura. Seus olhos se encontraram com os meus e por um momento de gaguejar, pensei que ele ia me deixar ir. Quando ele me prendeu no assento preso ao chão da nave usando a trava estranha, eu desmoronei de decepção. Eu ainda não tinha ganhado sua confiança.

— Você estará segura dentro da nave enquanto Tekkon e eu trazemos as fêmeas para completar a pira cerimonial.

Com raiva, eu reivindiquei o assento no console, dando-lhe minhas costas. Ele soltou um longo suspiro.

— Sinto muito, Jane, mas não posso correr o risco de você fugir e se esconder de mim.

— Eu mantive minha palavra e levei você a esta espaçonave que você tanto queria.— Eu joguei minhas mãos para cima. — Ainda assim, eu não provei a você.

Por que sua confiança significava tanto para mim era desconcertante. Eu não deveria ter me importado, mas aqui estava eu sentada fazendo beicinho.

Aggar girou o assento, então tive que encará-lo. Ele se inclinou tão perto que eu podia contar as manchas azul-marinho espalhadas em seus olhos prateados. — Você foi a coisa mais importante para mim quando me ofereci para esta missão. Agora que te encontrei, me recuso a correr o menor risco de perdê-la novamente.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Silenciosamente, sentei-me dura com as emoções sobre um alienígena que estava determinado a me resgatar.

— Ok. Estarei aqui quando você estiver pronto para ir.

Ele ficou de pé, parecendo satisfeito quando me deixou dentro da nave. Uma vez que ele e Tekkon desapareceram através de uma abertura no casco da nave acidentada para recuperar os corpos das meninas, a selva pareceu crescer três vezes o seu tamanho.

Encolhi-me na cadeira, sentindo-me pequena e muito sozinha. Olhei através do teto transparente para a vegetação exuberante acima. Enquanto a brisa separava as folhas gigantes do dossel, tive um vislumbre do céu da manhã. Era de um prateado brilhante, listrado com ralas nuvens azuis.

— É como um conto de fadas.— Nesse momento, Aggar e Tekkon saíram com várias mesas flutuantes, cada uma com um único corpo coberto por um fino lençol branco. Cada grama de admiração que senti pela paisagem alienígena foi consumida por uma dor solene.

Tekkon e Aggar humildemente colocaram cada garota na enorme pira que ele disse que eles construíram. Eu funguei e enxuguei meus olhos vazando enquanto eles faziam várias viagens para pegar todas as garotas.

Assim que terminaram, os dois machos se ajoelharam e curvaram a cabeça em reverência. Suas bocas começaram a se mover em uníssono. Fechada na nave-bolha, não consegui ouvir suas palavras, mas imaginei que estivessem proferindo um adorável elogio.

Soltei as lágrimas que estava segurando. Uma memória tentou vir à tona de uma época em que eu lutei para permanecer forte por causa de uma morte que era injusta.

Aquele tempo parecia agora. Eu estava com raiva e triste por uma garota que eu não conhecia que tinha morrido de uma maneira horrível.

Ela foi assassinada. O gosto amargo da determinação ainda tingia minha língua. Eu queria tanto descobrir a verdade sobre quem causou sua morte. Agarrei-me à memória, trabalhando duro para trazer seu rosto à tona.

Então tudo escapou.

Terminada a cerimônia, Tekkon embarcou na segunda nave. Ele aparentemente desapareceu diante dos meus olhos, mas eu sabia pelo contorno vacilante da selva que ele havia entrado na outra nave bolha.

Aggar deu um passo para trás e observou o contorno ondulado da nave decolar com um borbulhar e um mergulho antes de desaparecer no céu. Então ele voltou para a pira e acendeu uma chama com um objeto que ele tirou do bolso, incendiando a coisa.

Fiz um voto silencioso de lembrança para honrar as garotas que nunca conheci. Eu não sabia por que, mas uma resolução familiar se solidificou em meu intestino ao ver que a justiça foi feita aos responsáveis.

O ding me fez pular. Meus olhos caíram para o meu colo, onde o gerador de imagens estava. Ali na tela, uma bolha branca brilhante estava se aproximando rapidamente da posição de Aggar.

Saltei do meu assento enquanto ele casualmente se afastava da pira, ignorando qualquer perigo que estivesse a caminho. A corda me impediu de chegar à porta. Não importa o quanto eu puxasse, não havia escapatória.

— Agar! — Eu gritei. — Agar, corra.

Minha voz nunca o alcançou, e ele continuou com seu andar tranquilo. Como um idiota, eu pulei para cima e para baixo, agitando meus braços mesmo sabendo que ele não podia ver dentro da nave.

— Porra! Porra! — Olhei de volta para o gerador de imagens, e estava quase em cima de nós. Virei na direção de

onde vinha, mas não consegui ver nada se movendo na vegetação rasteira.

Uma sombra caiu sobre Aggar segundos antes de um dragão descer e tentar agarrá-lo. Ele sentiu o perigo e girou com as espadas desembainhadas.

Eu me animei quando ele balançou e cortou um pedaço do pé com garras do dragão. Ele rugiu e espiralou para o céu. Isso deu a Aggar o tempo que ele precisava para se lançar dentro da nave-bolha comigo.

Ele deslizou até parar aos meus pés. Ajoelhei-me e assobiei para os arranhões profundos em seus ombros.

Inalterado, Aggar saltou e bateu em uma alavanca que deslizou a porta fechada. Ele voltou e desmoronou ao meu lado onde eu estava sentada no chão.

— Você está bem?— Seus olhos varreram sobre mim.

— Eu?— Fiquei chocada com o compromisso dele em me proteger. — Você é o único que era quase o lanche da manhã de um dragão.

— Dragão? Isso é como as outras fêmeas os chamavam.

Eles são conhecidos como wetlocks aqui,— ele corrigiu.

— Bem, sejam quais forem, precisamos tratar sua lesão.

Isso parece muito profundo, Aggar.

— É apenas um arranhão.

Eu abri minha boca para argumentar quando o dragão, er... Wetlock zumbiu em nossa nave procurando por seu

lanche perdido. Gotas de sangue azul-escuras da ferida infligida por Aggar caíram no topo da nave e rolaram pelas laterais, dando forma à nossa nave invisível.

O corpo de Aggar se moveu sob o meu enquanto sua cabeça seguia o voo da fera. Ele me deu um aperto reconfortante e foi quando percebi que tinha rastejado em seu colo.

— Desculpe, — eu tentei fugir, mas ele me segurou firme.

— Não se desculpe. Sinto-me honrado com uma mulher tão forte como você buscou minha proteção.— Ele desbloqueou o clipe da corda em volta da minha cintura, me libertando. Em seguida, arrastei o gerador de imagens de onde o deixei cair. — Vamos permanecer no

chão até que o wetlock decida desistir e voar para longe.

Eu não podia discutir com essa lógica e me entreguei ao momento de segurança que ele estava oferecendo. O pesado fardo de ter apenas a mim mesma em quem confiar, me senti aliviada. Eu poderia me apoiar em Aggar. Ele já provou que seu objetivo era me proteger. E eu não podia negar o cuidado que ele teve com os corpos daquelas mulheres.

Então uma vibração rítmica me envolveu, levando consigo um pouco do meu medo. Eu achatei minha palma entre seus peitorais onde era mais pesado e suspirei. As vibrações vinham de dentro dele.

— Como você está fazendo isso?

— Isso se chama pulsar.— Ele me poupou um olhar antes de voltar a observar a bolha branca no círculo do gerador de imagens. — Os machos fazem isso para confortar seu companheiro espiritual em momentos de estresse ou para aumentar o prazer durante o acasalamento.

Meu rosto ficou quente, e eu tentei deixar de lado a reação aquecida do meu corpo à sua menção de sexo.

Estávamos em uma situação precária e aqui estava eu cobiçando um alienígena.

O wetlock fez outro passe. Eu instintivamente me abaixei quando ele veio baixo, me agachando e me aconcheguei no grande corpo de Aggar. Braços fortes me seguraram como uma carga preciosa. De alguma forma, eu sabia que nunca permiti que ninguém cuidasse de mim. Eu sempre tive orgulho de ficar em pé sozinha.

— Eu tenho você, minha pequena e feroz sumta.

A fera finalmente desistiu. A bolha branca no imager desapareceu da tela. Fomos deixados na quietude da selva e no fogo da pira rolando quente ao longe. Estranho como até o fogo queimava azul neste mundo.

— Nós precisamos ir.— Aggar facilmente ficou comigo em seus braços. — A fumaça da pira atrairá o Nuttaki.

Nossa pequena embarcação era apenas um monolugar, então Aggar me carregou para a parte de trás e me

acomodou no chão perto dos compartimentos. Com grande relutância,

tirei meus braços de seu pescoço e instantaneamente senti a perda do calor de seu corpo.

— Qual foi o nome que você disse?— Eu perguntei quando Aggar enfiou seu grande corpo no assento do tamanho de Gretolic atrás do console e nos levantou do chão.

— Nuttaki. Eles são insectóides. Um cruzamento entre um inseto e um mamífero. Criaturas estúpidas, mas perigosas por causa de seus números.

— Não. Eu quis dizer outra coisa. Suu-alguma coisa. O

nome que você me chamou.

— A,— ele jogou um sorriso por cima do ombro que derreteu meus ossos. — Um sumta é um felino exótico. Eles são pequenos e esquivos, vivendo em tocas subterrâneas.

— Não soa como um elogio, exceto talvez pela parte exótica.

— Eles têm uma suntuosa pelagem azul com manchas prateadas. Se você tiver a sorte de ver um, não confunda sua beleza com docilidade. Se você tentar pegá-la, ele o rasgará em pedaços.

— Isso soa mais como isso. Eu posso ser uma sumta.

Aggar riu e esfregou o nariz curado. — Você certamente pode.

Eu me afastei para me apoiar nos compartimentos e estiquei as pernas na minha frente. Olhando para baixo através do chão claro, o pesadelo da nave alienígena caída ficou menor.

Subimos acima do dossel da selva a uma altura vertiginosa, mas não foi isso que me fez suspirar. Lá embaixo no céu estavam duas esferas azuis gêmeas. Ao contrário do sol na Terra, eu podia olhar diretamente para os sóis e não sentir a queimadura de minhas retinas.

— Nascer do sol, — eu murmurei. — Achei que o tradutor estava interpretando mal, mas você estava me dando uma tradução literal.

— Seu mundo não tem sóis?

— Apenas um sol. E é amarelo brilhante e impossível de olhar.

— Estranho,— Aggar murmurou.

— A selva parece tão pacífica daqui de cima.— Devorei a paisagem com olhos gananciosos.

— É por enquanto. Exceto pelo molhado ocasional, as feras da selva são noturnas. Viajar durante as horas claras é o momento mais seguro.

Eu tinha toneladas de perguntas prontas para serem feitas que foram interrompidas por um relâmpago disparado do chão. Aggar estava tão surpreso quanto eu, manobrando a nave em uma guinada que me fez deslizar pelo chão.

Eu me mexi em vão na superfície lisa para voltar à posição sentada. Mas o melhor que pude fazer foi arranhar o chão para tentar ficar parado enquanto Aggar manobrava o segundo raio que nos errou por pouco. Por fim, fomos atingidos por um terceiro e lançados no ar como uma bola de beisebol rebatendo em um taco.

— Segure-se em alguma coisa, eu perdi o controle, —

gritou Aggar. — Nós estamos indo para baixo.

Meu corpo voou no ar, e eu estava grudado no teto curvo enquanto o chão corria para nos encontrar.

Capítulo Seis

AGGAR

A sua pequena nave estava morta. Eu não tinha como dirigir e nem como desacelerar nossa descida descontrolada.

Seria uma aterrissagem difícil. — Que os Espíritos nos levem em segurança para o chão, — sussurrei para mim mesmo.

Eu rapidamente olhei para trás para encontrar Jane presa ao teto e pendurada em uma porta do compartimento que havia aberto. O assento pequeno em que eu estava tinha um cinto automático que me mantinha no lugar. Eu me soltei e fui subindo, agarrando Jane e enrolando meu corpo ao redor do dela.

Estávamos caindo dentro do território Huren, mas a explosão do neutralizador que nos atingiu não pertencia ao meu clã. Nós não possuímos tais armas.

O chão se ergueu para nos cumprimentar com uma força de quebrar os ossos, meu corpo sofrendo o impacto do impacto. Os guerreiros do clã Jurigon vestidos com leggings de pele se moveram rapidamente para nos interceptar. O

símbolo de sua tribo, um patooga, brilhou na fivela de seus cintos.

— Você está bem? — Eu perguntei enquanto avaliava rapidamente o corpo de Jane em busca de ferimentos.

— Eu estou bem. Eu acho.— Ela riu nervosamente.

— Nada quebrado. Apenas um pouco abalada. E você?

— Já estive melhor.— Eu me virei para encarar o macho que abriu a porta para nossa nave e me posicionei para proteger minha fêmea. — Fique atrás de mim.

Ele liderou o caminho com uma lança de nutrone, mas eu nunca me acovardei com ninguém. Especialmente para um clã de covardes que fez os Nuttaki lutarem por eles.

Desembainhei minhas lâminas, mas minhas espadas não eram páreo para a ponta brilhante e quente de sua arma. Um tiro e abriria um buraco em mim.

— Agache-se, Jane. Se ele atirar, não quero que você seja atingida.

— O quê? Por quê? Ele não é um de vocês?

— Não, — eu avisei. — Não um de mim. Ele é de um clã rival.

— Bem, eu não estou me escondendo.— Jane tentou me desviar, mas eu a bloqueei com um braço estendido.

— Vamos, Aggar, eu posso ajudá-lo a lutar com ele.

— Não desta vez, minha pequena e feroz sumta.— Eu gentilmente a convenci. — Por favor, faça o que eu peço.

Nenhum de nós é páreo para a arma que ele carrega.

Jurigon era o único clã conhecido por possuir o minério raro que só podia ser encontrado no pico mais alto de sua cordilheira.

Há muito suspeitamos que eles armaram a horda Nuttaki que devastou a cidade de Huren - agora conhecida como o assentamento - qualquer reconciliação entre nós e o Clã Jurigon se transformou em cinzas.

— Ok. Ok,— Jane concedeu e se abaixou atrás de mim.

— Mas da próxima vez, eu entro em ação.

Um único macho corpulento entrou enquanto o resto circulava a nave. Uma gargalhada era a última coisa que eu esperava dele. — Eu deveria saber que encontraria um idiota Huren em vez de um daqueles filhos da puta cinza.

— Você está muito fora de seu território, rastreador de cavernas Jurigon.— Fechei minha postura para esconder o máximo de Jane que pude. — Como é que vocês fodidos primitivos aproveitaram o poder do nutrone em uma arma?

— Eu não acho que você está em posição de fazer as perguntas.— Seus olhos baixaram para meus pés calçados e brilharam. — Que tipo de criatura você está escondendo, Huren?

— Não é da sua conta, Jurigon.

— É assim mesmo? — O guerreiro Jurigon avançou, zombando de minhas lâminas enquanto eu as trazia para frente em um arco amplo.
— Seu Sia nunca lhe disse para

não trazer o aço Valosiano para uma luta de nutrones? Você está fodido se eu decidir atirar em você.

— Verdade. Mas isso faria de você um covarde aos olhos dos Espíritos para tirar a vida de outro guerreiro em uma vantagem injusta.

Ele grunhiu sua resposta e acenou para os outros três guerreiros Jurigon que cercavam nossa nave com uma das mãos carnuda. Seus olhos se estreitaram em Jane aos meus pés.

— Isso é uma fêmea? — Ele torceu os dedos em sua mão livre para ela. — Venha aqui, minha linda.

— A fêmea é minha! — Eu rugi.

Eu já estava em uma explosão de adrenalina, mas suas palavras acenderam um fogo em meu sangue que eu não hesitei em agir.

Liderando com minhas espadas, atirei-me ao outro guerreiro. Eu fui para os joelhos dele, derrubando-o, então chutei a lança de nutrone de sua mão quando ele caiu em uma pilha. Espadas cruzadas em sua garganta; seus olhos se arregalaram em descrença.

— Um movimento imprudente que apenas um tolo teria feito, — ele cuspiu.

— Eu não chamaria de imprudente defender meu espírito gêmeo contra você. — Eu fervei. Minhas lâminas mordendo sua garganta.

— Companheiros espirituais não existem mais, graças ao seu clã, — ele retrucou apesar da gota de sangue escorrendo por sua garganta. — Se ela fosse sua alma gêmea como você afirma. Onde está seu shawra?

— Nós não iniciamos o vínculo. Eu lhe asseguro; ela é minha.

Movimento brilhou ao meu lado. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, minha pequena e feroz sumta pegou a lança de nutrone e estava lutando para levantar a ponta pesada do chão.

— Ela é sua própria pessoa. — Jane lutou com a lança até apontá-la para a porta. — Eu pertenço apenas a mim mesma.

Apesar das lâminas em sua garganta, o guerreiro Jurigon caiu na gargalhada. — Parece que você tem seu trabalho cortado para você, Huren. Seja o que ela for, ela é uma beleza. Eu não posso dizer que invejo você, no entanto.

Eu prefiro que minhas fêmeas estejam dispostas.

— Congelem, idiotas! — Jane ordenou que os machos passassem pela

porta, parando-os. — Larguem suas armas e desçam no chão. Agora! Mãos atrás de suas cabeças.

Eu não poderia estar mais orgulhoso de como Jane estava lidando com os três guerreiros Jurigon. Era como se ela já tivesse feito isso antes. Eles se elevavam sobre ela, não



apenas em altura, mas em circunferência. Ela parecia uma jovem em comparação, mas eles fizeram o que ela ordenou.

Eu não vi o macho se esgueirando por trás de nós até que fosse tarde demais. Não era de admirar que o macho preso sob meu aço permanecesse imperturbável por sua situação. A rachadura no casco era uma abertura perfeita para lançar um dardo tranquilizante. O primeiro me acertou na parte de trás da coxa. O próximo se incorporou nas minhas costas.

Meu aperto em minhas espadas afrouxou enquanto eu lutava para ficar de pé. Jane levou o terceiro dardo no ombro. Ela estava inconsciente antes mesmo de bater no chão.

— Não adianta lutar.— As palavras do guerreiro gorjearam quando ele empurrou minhas lâminas impotentes para o lado e ficou em um borrão ondulado. — Você não vai ganhar contra o traquis. A droga é muito potente.

Caí de joelhos e cambaleei para o lado, arrancando o dardo do ombro de Jane. Ela me negou como seu espírito companheiro, mas ela não era menos minha. Eu a peguei em meus braços antes que a escuridão me consumisse.

A CONSCIÊNCIA VOLTOU para mim na forma de fogo líquido sendo disparado em minhas veias quando uma agulha foi puxada do meu braço. Apesar da dor excruciante, levantei minha cabeça de onde pendia pesada entre meus ombros e olhei ao redor do quarto desconhecido para Jane.

— Onde ela está?— Minha língua estava grossa na minha boca. Minhas palavras se misturaram em uma.

— Quem?— O guerreiro com a risada desagradável se inclinou, então nos encontramos, olho no olho. — Oh. Você quer dizer a fêmea alienígena que negou você como seu companheiro espiritual? Ela está segura.

— Traga-a... para mim agora! — Eu estava recuperando forças a cada batida do meu coração auxiliar. A adrenalina que bombeou fazendo seu trabalho para limpar minhas veias do traquis e qualquer droga que eles tinham acabado de me injetar.

— Você tem certeza que o soro funcionará?— O

guerreiro com a risada obscena virou-se para um homem segurando a agulha gasta. — Quando ele vai começar a falar a verdade?

— Faça uma pergunta a ele, Murrox, — o macho segurando a agulha respondeu. — Não vai matá-lo dar-lhe mais.

— Há quanto tempo Huren está abrigando o inimigo cinza? — Murrox exigiu, todo humor drenado de seu rosto.

— Huren não está abrigando nada, — eu zombei. — A cidade foi ultrapassada.

— Mentiras! — Murrox rugiu. — Ele está desperdiçando meu tempo. Dê-lhe outra dose.

Meus músculos se retesaram contra as amarras que me prendiam à cadeira. O macho se aproximou com uma seringa recém-carregada. Um rosnado feroz curvou meus lábios. Meus braços e pernas podiam estar amarrados, mas minhas presas estavam livres para causar danos.

Assim como eu esperava, o macho com a seringa ficou ao alcance da mordida. Golpeei como uma vipris, minhas presas cavando em sua marca no antebraço do macho. Eu balancei levando um pedaço de carne comigo enquanto eu me afastava.

A observação de Jane sobre algo que ela chamava de vamp-iiros, aquele que mordida e bebia sangue, veio à mente.

Eu nunca usei minhas presas para nada, exceto comer e ocasionalmente pastar entre as coxas de uma fêmea. Eu me perguntei se Jane encontraria prazer com minha boca sobre ela do jeito que as

mulheres valosianas tinham.

O grito indignado do macho picou meus ouvidos e me tirou da minha fantasia. Ele segurou seu braço ferido perto de seu corpo, olhando para mim como se eu desse a mínima.

Cuspi sua carne a seus pés e sorri. Isso me rendeu uma surra de Murrox. Minha cabeça virou para o lado com um

estalo. Apenas a distração necessária para uma agulhada no ombro.

Eu fervei com os dentes cerrados com a invasão de fogo.

Minha mente nublada, mas parecia se abrir ao mesmo tempo. À medida que o fogo em minhas veias se reduzia a um rugido maçante, fiquei com tremores atormentando meu corpo.

Fui treinado para que um guerreiro Valosiano com qualquer honra nunca mostrasse fraqueza ao inimigo. Eu bati de volta no banco e me concentrei em apertar cada músculo até que eu parei de tremer.

A risada de Murrox veio de uma grande distância, embora ele estivesse bem na minha frente. — Agora, escória Huren, a quem você serve?

— Sia Jakkar, formalmente da cidade de Huren, agora exilada.— As palavras saíram dos meus lábios tão facilmente quanto a saliva ainda pingando das minhas presas.

— Um exilado, você diz?— O olhar de Murrox foi para um macho real usando uma coroa adornada com minério de nutrone encostado casualmente contra a parede mais distante da caverna. Essa tinha que ser a Sia do Clã Jurigon.

— Quando e por quem o exilou?

Apertei meus lábios contra o soro que estava me forçando a falar. Como guerreiros, fomos ensinados a reter

informações de nossos inimigos. Quanto mais eles soubessem, mais forte eles poderiam nos atingir.

— Sia Sakkar e o Conselho Real.— As palavras explodiram. — Seu próprio irmão arrancou a coroa de sua cabeça.

— Isso é boato ou você testemunhou o ato?— o macho real falou.

— Testemunhado.— Virei a cabeça para olhá-lo. — Eu estava lá quando aconteceu.

— E você foi exilado junto com ele?— Murrox questionou.

— Não. Fui considerado um exilado quando parti com meu Sia preferido.

— Por que em nome dos Espíritos você escolheria viver como um exilado?— Murrox inclinou a cabeça para trás e falou para o teto.

— Porque Sia Jakkar é um governante honrado e Sia Sakkar foi maculado pelos Gretolics!— A fúria tomou conta de mim, e eu avancei, apenas para esbarrar nas restrições que me prendiam.

Murrox me encarou por um longo tempo antes de perguntar. — Os Gretolics, eu presumo, são a infestação alienígena cinza em nosso mundo?

— Sim, — eu murmurei. — Por que você derrubou minha nave? O que você quer de nós?

Murrox soltou uma risada e desviou os olhos para o macho real antes de voltar a descansar em mim. — Você está aqui para responder às perguntas, não eu.— Murrox descansou os punhos nos quadris. — Qual é o seu nome?

— Aggar.

— Tudo bem, Aggar. Vamos começar do começo, certo?

Eu estava exausto e minha garganta queimava quando Murrox terminou de me questionar. Meus ombros caíram de vergonha. Eu disse a esse pedaço de merda de Jurigon tudo o que ele queria saber sobre Sia Jakkar, e aqueles de nós que escolheram segui-lo, encontrando abrigo no assentamento, e o ataque que Sia Sakkar liderou, sob a influência do Gretolic, uma vez que voltamos com a nave invisível e os humanos que salvamos do compartimento de carga da nave que caiu.

Como eu iria olhar Sia Jakkar nos olhos novamente?

— E a mulher com você era um rouge sem gaiola?

— Sim.

— E você voltou para ela porque ela o despertou. Por que ela não

estava enjaulada?

— Porque os Gretolics a estavam examinando em um laboratório quando a nave caiu.

— Entendo. E a pira no local do acidente foi feita para as mulheres que morreram no acidente? — o macho real interveio.

— Sim.

— Eu não teria atrelado ao Clã Huren por sua bravura.— A declaração de Murrox não foi dirigida a mim, mas ao macho real.

— Você não sabe nada sobre nós,— eu rebati, recuperando sua atenção.

— Ah, agora sim.— Murrox dobrou-se na cintura até estar a um fio de cabelo de distância. — Graças a você. Você tem sido bastante acessível.

— Já que estamos sendo honestos. Eu tenho minhas próprias perguntas.

— É justo, — o macho real empurrou a parede e se aproximou. — Faça suas perguntas, Aggar.

— O Clã Jurigon forneceu aos Nuttaki armas baseadas em nêutrons para atacar a cidade de Huren?

— Você vai direto ao ponto, não é? — O macho real riu.

— Eu gosto disso em um homem. Sem brincadeiras, apenas mire bem no coração da coisa.

— Bem, você fez?— Minha demanda me rendeu um soco na cara, elogios de Murrox.

— Cuidado com seu tom, escória Huren,— Murrox advertiu. — Sia Xennox foi bom o suficiente para entreter suas perguntas. Sua insolência não será tolerada.

Juntei o sangue que enchia minha boca e cuspi nas botas de Murrox. Ele recuou para me atacar novamente, mas

eu não me importei. Eu merecia o abuso. Sob nenhuma circunstância era honroso vaziar informações sobre o clã. Eu só podia esperar que Sia Jakkar me perdoasse.

— Para responder a sua pergunta.— Sia Xennox levantou a mão, parando o próximo golpe de Murrox. — Sim e não.

— Cuidado ao elaborar?— Eu propositalmente desrespeitei a Sia de Murrox, testando seus limites. Tive prazer em limpar o sempre presente sorriso de seu rosto.

— Basta,— Sia Xennox ordenou e gesticulou para Murrox no fundo da caverna. — Aggar está provocando você intencionalmente.— Então sua atenção voltou para mim.

Seu rosto grave enquanto falava. — Nós armamos os Nuttaki.

O controle mental dos alienígenas não funciona neles, mas eles se tornaram desonestos. Eles deveriam atacar os Gretolics escondidos nas minas de nutrillium, não a cidade de Huren.

— Muitos guerreiros foram mortos, incluindo o pai de Sia Jakkar.

— Sinto muito por isso, Aggar,— Sia Xennox inclinou a cabeça em reverência. — Os Nuttaki entraram no território de Jurigon e fomos forçados a agir. No entanto, a queda de sua cidade foi sua própria culpa. Seu clã não deveria estar abrigoando os alienígenas.

— Nós nem sabíamos de sua existência até o acidente.—

Eu assenti.

Sia Xennox estreitou os olhos céticos em mim. — A tecnologia para criar a cúpula não existia até depois que os Gretolics chegaram aqui. E seu clã fechou todas as entradas da mina de nutrillium, exceto uma que fica dentro da cúpula que cobre a cidade de Huren. Se não for para abrigar seus novos aliados alienígenas, então por quê?

— Nós não fizemos tal coisa, — defendi. — Como eu já disse, Huren não estava ciente da existência dos Gretolics até depois do acidente.

— Eu não consigo entender como você permaneceu ignorante de sua existência quando eles estavam vivendo sob seus pés nas minas de propriedade de Huren para seus senhores?— Sia Xennox lançou um olhar desconfiado.

— Eles já reuniram informações sobre nós. Como vivemos. Nossos pontos fortes e fracos. Eles sabiam onde nos atingir quando liberaram o germe que matou todas as nossas fêmeas. a cidade de Huren.

Sia Xennox começou a andar. Seu rosto uma máscara de concentração. Eu me preocupava com Jane e esperava, pelo bem deles, que ela estivesse sendo bem tratada. Eu me esforcei contra minhas amarras, testando qualquer fraqueza.

— Você e os outros exilados podem muito bem ser inocentes, mas eu quero nomes,— Sia Xennox rosnou.

— Começando com quem no Clã Huren sabia dessa invasão alienígena e quem foi responsável por encobri-la.

— Diga-me, Sia Xennox.— Inclinei-me para frente, tanto quanto minhas amarras permitiram. — Se seu clã é tão inocente, então como você tem conhecimento sobre os Gretolics?

— A primeira nave de reconhecimento deles nunca saiu de Valose.— Ele plantou seu rosto na frente do meu.

— Porque está presa ao lado da porra da minha montanha.

Capítulo Sete

JANE

Minha boca estava cheia de algodão, assim como minha cabeça. Eu abri meus olhos para uma visão embaçada de paredes de pedra suavemente iluminadas com pedras brilhantes incrustadas em intervalos periódicos.

Como eu cheguei aqui?

Eu vasculhei meu cérebro nebuloso para minha última memória. Nós caímos e estávamos na nave que parecia uma bolha. Então fomos abordados por um cara prateado musculoso com calças de pele e uma lança brilhante.

Ele era monstruoso com músculos volumosos e uma presença barulhenta. Ele era tão grande que até superou Aggar por um pé e isso estava dizendo algo, já que Aggar tinha dois metros de altura e era construído como um tanque.

Aggar o pegou de surpresa em um movimento ágil, desarmando-o. Eu me lembrei de correr para pegar a lança que ele havia derrubado – *que pesava uma tonelada* – e segurar mais três caras prateados na porta de nossa nave. A raiva tinha me cegado para o perigo. Eu andava com

adrenalina, muito chateada com Aggar me reivindicando como se eu fosse um pedaço de carne, para sentir medo.

Quando Tekkon mencionou espíritos companheiros pela primeira vez, eu desconsidereei. Então eu senti um puxão quente e confuso em direção a Aggar que eu não conseguia explicar. Mas para ele dizer que eu era dele foi longe demais.

Eu não pertencia a ninguém além de mim mesma.

Então Aggar foi atingido por trás por dois tubos finos de metal, e algo dentro de mim desmoronou como se perdê-lo fosse me aleijar de alguma forma.

Eu rolei para o meu lado e esfreguei meu ombro dolorido. Meus dedos gentilmente sondaram uma área elevada de carne raivosa. Eu devo ter sido atingida por um daqueles tubos de metal também.

A cama onde eu estava era acolchoada e confortável.

Muito confortável. Se eu não me forçasse a me levantar, com certeza

voltaria a dormir. Pisquei os olhos grogues para clarear minha visão ondulada e observei a caverna escassamente mobiliada. Havia uma abertura em uma extremidade com barras brilhantes que eu tinha que assumir que era a saída. Parecia que eu era uma prisioneira.

Chamei Aggar apenas para ter minha voz ecoando de volta para mim. Ele não estava em lugar algum para ser visto. O pânico me deu forças para rolar para fora da cama.

Minhas pernas vacilaram e eu desabei no chão. Um tapete de pelúcia de pele amorteceu minha queda.

— As acomodações poderiam ser piores, — murmurei, passando a mão sobre a pele sedosa.

Minha bexiga cheia doía e o fio de água ao longe não estava ajudando. Lutei para ficar de pé. Minha cabeça girava enquanto eu cambaleava ao redor da sala e encontrava a fonte do som.

Em um quarto contíguo, encontrei o que imaginei ser um banheiro primitivo. Enfeitado com uma pequena cachoeira de um lado que desaguava em uma pequena piscina esculpida no chão de pedra e o que eu esperava ser um banheiro atrás de uma meia parede.

Abaixei minhas calças e caí no assento de pedra fria.

Era basicamente apenas uma rocha com um topo plano e um buraco esculpido no centro. Soltei minha bexiga e rezei para que fosse para algum tipo de encanamento.

Terminado o meu negócio, apontei para a cachoeira para lavar as mãos. O que quer que eles tivessem atirado em mim estava pendurado, me deixando enjoada quanto mais eu me movia. Alguns respingos de água no meu rosto e algumas respirações profundas ajudaram a acalmar meu estômago revirando.

Sentei-me contra a parede e estudei meus arredores.

— A coleção Stonehenge de Kohler, — eu ri. Agora não era hora para piadas, mas essa merda era engraçada.

Fiquei sóbria rapidamente, um nó se formando na boca do meu estômago. — Oh, Aggar. Onde você está?

Deixei meus olhos fecharem pelo que pensei ser apenas um segundo quando despertei com os sons de vozes masculinas vindo da sala

principal. Eu enrijei, ouvindo suas brincadeiras antes que a pancada de um corpo batendo no chão de pedra terminasse sua conversa.

Com respirações rasas, rastejei até a porta do banheiro e espiei pela esquina.

— Aggar!

Eu pulei, rastejei, então corri para sua forma deitada de bruços bem do lado de dentro da porta. Seu lindo cabelo prateado como uma mortalha ao redor de sua cabeça.

Coloquei minha mão em suas costas e apertei meus olhos em alívio quando o senti respirar.

Minha mão tremia enquanto eu cuidadosamente afastei seu cabelo para revelar seu rosto machucado. As feridas profundas deixadas pelas garras do wetlock começaram a cicatrizar. Há quanto tempo estávamos aqui?

— O que eles fizeram com você?— Engoli em seco e dei uma sacudida em seu ombro. — Aggar. Acorde.

Seus olhos se abriram, e ele me pregou com um olhar duro. Chocado, caí de bunda para trás.

— Jane.— Ele descuidadamente sentou-se e caiu, estendendo a mão para mim. — Graças aos Espíritos. Você está aqui.

— Eu estou aqui e você também.— Lágrimas picaram meus olhos e eu corri para frente. — Eu estava preocupada que eu não iria vê-lo novamente.

Seu sorriso torto ainda era encantador, apesar do dano em seu rosto. — Isso significa que você sentiu minha falta?

Eu de brincadeira dei um tapa em seu peito e abaixei minha cabeça para enxugar secretamente minhas lágrimas.

— Eu estava preocupada com o seu bem-estar, sim.

Sua provocação ficou séria. — Você está bem? Você está ferida?

— Não. Mas olhe para você.— Ele acariciou minha mão enquanto eu gentilmente cobri seu rosto machucado.

— Parece que você levou uma surra. Vamos te limpar.

Há um banheiro nos fundos.

Aggar fechou os olhos como se saboreasse meu toque.

Meu coração disparou sobre sua reação inocente.

— Aqui.— Eu me levantei com as pernas trêmulas.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Um macho nunca deve mostrar fraqueza na frente de sua companheira espiritual.— Aggar tropeçou em seus pés como um bêbado.

Eu não discuti e permiti que ele avançasse por conta própria. Posso não me lembrar de quem fui, mas valorizava a independência. Eu não baratearia sua dignidade insistindo que ele precisava de ajuda, mesmo que parecesse que ele estava pronto para cair de cara no chão de pedra.

Foi uma viagem difícil para o banheiro. Eu o segui logo atrás com minhas mãos estendidas prontas para pegá-lo se ele caísse, mas Aggar fez isso por sua própria vontade. Ele quase desmaiou na beira da pequena piscina. Com as mãos descuidadas, ele tirou as botas e o kilt.

Encostado na parede, meus joelhos dobraram, e eu deslizei para o chão enquanto ele me mostrava um traseiro perfeito antes de mergulhar todo o seu corpo na piscina. A água estava mais profunda do que parecia quando Aggar surgiu na superfície e se levantou, as ondas batendo em sua cintura fina.

Sentei-me no chão, paralisada, enquanto Aggar pisava sob a pequena cachoeira. Ele inclinou a cabeça para trás e abriu a boca, enxaguando as listras azuis que eu assumi que eram sangue de seu rosto. Então ele se virou e deixou a água escorrer sobre seu espetacular conjunto de músculos. Os contornos de seu abdômen inflexível agindo como pedregulhos em corredeiras de água branca, espirrando e mergulhando com os cumes duros.

— Você vai me dar o sabonete?

Sua pergunta me chamou de volta à atenção. — O

quê?— Minhas bochechas queimaram por ter sido pega olhando para ele.

— O sabonete,— ele apontou para uma prateleira que eu não tinha notado antes. — Você vai me entregar?

— Oh,— eu me balancei e empurrei o chão frio.

— Certo.

Agarrei a barra grosseiramente feita e coloquei-a na palma da mão aberta. Seus dedos capturaram os meus antes que eu pudesse me afastar e puxar. — Você pode se juntar a mim se quiser. Eu poderia usar uma das mãos para lavar minhas costas.

Ele estava falando sério? Estávamos em uma caverna de prisão, e ele estava dando em cima de mim. Concedido, nós compartilhamos alguns momentos especiais no local do acidente – *aqueles que eu não podia negar* – mas este não era o momento ou lugar para romance.

Além disso, ele era um alienígena! Com um corpo balançando e cabelos longos e esvoaçantes, ambos implorando pelo meu toque. Eu não deveria me sentir atraída por um homem de outro mundo, mas aqui estava eu me divertindo em cada centímetro de prata dele.

Ele puxou minha mão novamente, um sorriso conhecedor virando um canto de sua boca inchada. — Eu

prometo não morder.— Suas escamas mostravam uma profusão preguiçosa de blues.

Uma risada genuína me escapou. — Você é incorrigível.

Seu sorriso se alargou. O lado inchado de seu rosto distorceu o que deveria ser um sorriso radiante. — Quem bateu em você?— Do nada, fui atingido por uma onda de possessividade. — Foi aquele babaca barulhento da nave bolha?

— Se fosse, você se vingaria em meu nome?

— Eu totalmente faria. Por favor, me diga que você bateu nele de volta.

— Eu estava amarrado a uma cadeira,— ele admitiu, toda a malícia saindo de suas feições.

As cores piscantes de suas escamas desbotaram para uma prata pálida me levando a acreditar que suas emoções estavam ligadas às suas habilidades de camuflagem.

— Esse pedaço de merda covarde.

— Eu não poderia concordar mais.— Aggar soltou meus dedos e afundou na água até o queixo.

Sua súbita melancolia era desconcertante. — O que aconteceu com você, Aggar? Por que ele bateu em você?

— Eu estava sendo meu eu habitual insolente quando confrontado com meu inimigo.

— O que eles querem com a gente?

— Você? Eu não sei. Eles ficaram surpresos com sua presença, — disse ele. — Comigo. Eles queriam respostas para suas perguntas.

— Elas?

— Clã Jurigon. Principalmente seu Sia.

— Que tipo de perguntas? O que você disse a eles?

Aggar soltou um suspiro exasperado e me jogou água.

Uma boa maneira de me dizer para calar. — Agora você está molhada. É melhor terminar seu banho.— Ele acenou para mim com um movimento do dedo.

— Eu vou depois que você sair.

— Você não é divertida, — ele fez beicinho. Seu lado brincalhão ressurgindo.

Eu inclinei minha cabeça para ele. Havia uma gravidade em sua expressão que ofuscou o brilho travesso em seu olhar. O que quer que ele tenha experimentado nas mãos do clã Jurigon foi intenso. — Eu sou um bom ouvinte.

A garganta de Aggar deu um nó duro. Seu olhar brilhou e seus lábios se contraíram.

— Isto é, quando você estiver pronto para falar sobre isso,— eu disse suavemente, então estendi minha mão.

— Por enquanto, que tal eu lavar suas costas?

Não apenas seu rosto se iluminou, mas seus braços e peito também,

exibindo uma profusão de azuis, brancos e prateados. Eu ri quando ele correu para frente, causando

uma onda de água espirrando para o lado e molhando o chão. Ele pressionou o sabonete na minha mão e girou ao redor, apresentando-me com suas costas.

Seu cabelo prateado estava grudado nas costas, pendurado em um lençol molhado entre as omoplatas. As pontas flutuavam na água até a cintura.

Juntei o comprimento na minha mão e coloquei sobre um ombro enorme. Engoli em seco com a extensão muscular de enorme que acabei de descobrir. Aggar foi rasgado. Quero dizer, esse cara envergonha os lutadores profissionais.

Aggar espiou por cima do ombro, esperando pacientemente que eu continuasse com a lavagem. Seu olhar encapuzado. Seu sorriso travesso um desafio claro.

Limpei minha garganta seca e ensaboei o sabonete entre as palmas das mãos. Timidamente, meus dedos roçaram sua carne deixando para trás um fino rastro de espuma. Ele me deu permissão para tocar, mas seu físico era assustador.

Havia tanto dele.

A respiração que eu não tinha percebido que estava segurando saiu correndo e eu achatei minhas palmas para suavizar a carne sutil esticada sobre o granito vivo. Todo lugar que eu tocava causava uma erupção de pratas e azuis cintilantes em suas escamas.

Intrigada, corri minhas mãos pelo comprimento de sua coluna e de volta para espalhar sobre a largura de seus

ombros. Seus músculos ondularam sob meu toque. Meu próprio corpo respondeu na mesma moeda. Minhas coxas se apertaram enquanto meu núcleo afrouxava. Sob minha blusa solta, meus mamilos endureceram.

As costas de Aggar se expandiram enquanto seus pulmões puxavam o ar. Ele gemeu e ficou tenso, farejando o ar. — Eu sabia que você estava atraída por mim.

Minhas mãos vacilaram. — O quê? Do que você está falando?

— Seu aroma.— Aggar revirou os ombros poderosos como se sua pele estivesse de repente muito apertada. — É

inebriante.

— Meu cheiro?— Eu ri nervosamente. — Eu não sei do que você está falando.

— Negue tudo o que quiser, minha pequena e feroz sumta. Ele se virou para mim com a velocidade da luz e capturou meu rosto em suas grandes palmas. Seus lábios roçaram os meus em um beijo provocante antes de derivar para a concha da minha orelha. Suas palavras sussurradas fizeram cócegas, — Mas eu sei a verdade.

Cada osso do meu corpo derreteu. Fogo líquido disparou em minhas veias para se estabelecer em meu núcleo, desfraldando uma necessidade perversa em minha barriga enquanto ele reivindicava minha boca em um beijo

escaldante. Uma culminação de calor rodou em um puxão irritante atrás do meu esterno.

Ele recuou, gentilmente quebrando nossa conexão. Eu segui, querendo mais. Seu rosnado sexy enviou tremores elétricos pela minha espinha enquanto ele espalhava beijos sobre minhas bochechas, terminando com um beijo suave no meu nariz.

Este alienígena era muito sensual para seu próprio bem.

Eu caí para frente quando ele deu um passo para trás para se lavar sob a cachoeira, meu corpo doendo para seguir o dele. Minhas bochechas queimaram ao ver o rastro de espuma de sabão que deixei em seu peito pelas minhas mãos errantes. Eu o senti totalmente.

Voltando à beira da piscina, meus olhos nunca o deixaram. — Sua vez. O Lood frio faz maravilhas para livrar-se dos efeitos entorpecidos das drogas.— Ele me pegou em seus braços, me levantando do chão e me jogando na piscina antes que eu pudesse protestar.

Totalmente vestida, ele jogou minhas pernas na água fria. Aggar estava certo sobre a água fria, qualquer efeito residual da droga com a qual eu fui injetada desapareceu com a mudança chocante de temperatura.

Suguei um suspiro e joguei meus braços ao redor de seu pescoço e envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura, agarrando-me ao calor

de seu corpo e encontrando-o

totalmente ereto. A crista quente de seu sexo estava entre nós. O contraste entre seu calor e o frio da água me fez estremecer, não com frio, mas com um desejo profundo.

Meus quadris se curvaram contra seu eixo grosso. Aggar baixou as mãos para segurar minha bunda, e nós balançamos um no outro.

— Nós provavelmente não deveríamos.— Minhas palavras soaram tão fracas quanto meu autocontrole. Eu estava vivendo em um constante estado de trepidação por tanto tempo, eu queria deixar ir e sentir algo diferente do medo.

— Apenas um gostinho, — ele murmurou pouco antes de seus lábios cobrirem os meus.

Consumido de dentro para fora, eu não me importei quando Aggar rasgou minhas calças do meu corpo, ou que ele puxou minha blusa pela minha cabeça. Imediatamente, ele agarrou um mamilo e depois o outro, girando uma língua perversa em torno de cada pico antes de chupar, até meus dedos dos pés se enrolarem e eu me contorcer contra ele, incapaz de ficar parada.

Quando não aguentei mais suas provocações, fui gentilmente deitada na beira da piscina com Aggar de pé entre meus joelhos abertos. Eu me contorci enquanto seu olhar vagava sobre mim como se eu fosse um banquete para

um homem faminto. Meus seios doíam por mais de sua atenção.

— Apenas uma amostra.— Foi todo o aviso que recebi antes que ele se inclinou e com um movimento de sua língua, separou minhas dobras lisas em uma única lambida longa. Seu corpo inteiro se iluminou com uma vibração inebriante, emitindo um ritmo erótico que aumentou minha excitação a um ponto de febre.

Antes que eu pudesse terminar de processar a sensação incrível, ele mergulhou a língua no meu centro. Seus lábios encontraram os meus no mais íntimo dos beijos, trabalhando minha carne até que gozei com tanta força que vi estrelas.

Desossada, ele me puxou para perto e me mergulhou na piscina gelada.

— Por que o único chuveiro neste lugar tem que ser de água fria?—

Eu reclamei.

— Meu skypod está equipado com uma queda de água aquecida pelos sóis gêmeos.

— Então sairemos daqui e ir para o seu skypod.—

Aconcheguei-me mais perto do corpo grande, quente e prateado de Aggar. Meus dentes pararam de clicar quando minha pele gelada começou a descongelar.

— Se eu soubesse uma maneira de passar pelas barras eletrônicas, já estaríamos nos esgueirando para fora daqui.—

Aggar colocou o sabonete nas minhas costas e esfregou as

mãos. Com movimentos lentos, ele ensaboia minhas costas.

Deitei minha cabeça em seu ombro desfrutando do luxo de ser banhada.

Até que suas mãos caíram e ele passou a mão ensaboada pela costura da minha fenda. Eu fiquei tensa e sacudida pela invasão, me afastando dele com uma onda de água.

— Ufa.— Eu espirrei em seu rosto risonho. — Eu não posso acreditar que você acabou de fazer isso.

Aggar riu muito mais. — Por quê? Quando eu tinha meu rosto enterrado entre suas coxas.

— Essa área está fora dos limites,— eu avisei, tentando segurar minha expressão severa.

— Algumas mulheres gostam de ser tocadas lá.

— Não está fêmea.— Eu balancei um dedo para ele.

— Apenas saída, Aggar.

— Tudo bem, tudo bem.— Ele rio com diversão e ergueu as mãos em rendição. — Enquanto você termina seu banho, encontrarei algo limpo para vestir.

Aggar ficou descaradamente me encarando em toda sua glória nua. O frio da água ao redor esquecido. Meu desejo sexual rugiu para a vida querendo saber como toda aquela anatomia alienígena se sentiria.

— Precisamos cuidar de você.— Minhas coxas se apertaram e o calor se desenrolou na minha barriga.

— Em breve, — ele sorriu. — Quando eu souber que você está pronta.

— Como você sabe que eu não estou pronta agora?

— O jeito que você está me tocando com os olhos é o suficiente para me levar ao orgasmo, — ele rosnou baixo.

— Será melhor se esperarmos.

— Esperar pelo quê? — Por que eu estava ficando com raiva porque Aggar queria esperar para selar o acordo?

Tínhamos sido capturados por seu clã rival. Não era como se estivéssemos de férias no Four Seasons.

— Você está certo, — eu disse. — Devíamos esperar.

A decepção me perseguiu quando Aggar se virou e entrou na sala principal, se acomodando em uma dor oca onde meu coração deveria estar.

— Caramba, Jane, um orgasmo alucinante e você está pronta para se casar com o cara.— Eu calmamente me repreendi.

Sem a presença de Aggar para aquecer meu sangue, a água de repente ficou fria novamente. Tomei banho e lavi meu cabelo rapidamente. Fiquei emocionada por estar limpa depois de todos os dias que passei enfiado na nave alienígena e ainda mais feliz por ver Aggar carregando uma pilha de tecidos dobrados. Ele usava uma grande faixa de tecido amarrada frouxamente em torno de seus quadris.

— Você está com sorte.— Ele me entregou um pedaço de material retangular fofo enquanto eu me levantava para fora da piscina. — Você pode usar isso para se secar. Há várias seleções de roupas para você escolher.

Enrolei o material fofo em volta de mim enquanto Aggar se encostava na parede e vasculhava a pilha de tecidos dobrados. Uma roupa branca finamente tecida chamou minha atenção. Puxando-a livre, eu o levantei para encontrar calças curtas com um cordão. Eles seriam enormes em mim, mas seria a coisa mais próxima de calcinha que eu tinha desde que acordei nua.

Em seguida, escolhi um pedaço de pele retangular que funcionou muito bem como um vestido envolvente.

— Um banho e roupas limpas?— Sequei meu cabelo com a ponta da minha toalha improvisada. — Que tipo de prisão é essa afinal?

— Um criado às pressas.— A testa de Aggar franziu com preocupação.
— Este espaço parece mais com alojamentos.

Eu não acho que eles estavam planejando uma companhia.

— O que eles planejam fazer conosco?— Eu engoli em seco.

— Não tenho certeza. Não quero esperar aqui para descobrir.— Aggar baixou a cabeça e esfregou as mãos no rosto. — Eu olhei para aquelas barras elétricas. Elas foram

adaptadas para caber na nossa porta. Tem que haver uma maneira de contorná-las.

A esperança me encheu. — Se alguém pode descobrir uma maneira de sair daqui, é você.

— Eu aprecio a confiança, — disse ele, — só sei, eu vou protegê-la mesmo que isso me custe a vida. Não deixarei nada acontecer com você, Jane.

— Ninguém está morrendo.— Meus olhos se arregalaram para encontrar os dele. — De alguma forma, vamos encontrar uma saída.

O pensamento de perder Aggar, de nunca mais vê-lo, apertou minhas costelas ao redor do meu coração como uma armadilha de aço. Eu não conseguia explicar, mas no breve tempo que o conheci, não conseguia imaginar minha vida sem ele.

Capítulo Oito

AGGAR

Eu só queria provar seus lábios, mas o cheiro de sua excitação era uma atração irresistível. Meu autocontrole se derreteu com o calor que irrompeu entre nós, e eu mergulhei entre suas coxas e experimentei os doces mais doces.

A luta para reter minha alma gêmea foi uma tortura quando tudo em mim gritou para reivindicá-la. Meu pau ainda estava doendo por ser negado, mas a coisa mais dolorosa de tudo era o desejo vazio do meu espírito de se unir ao dela.

Esfreguei rapidamente os nós dos dedos sobre o esterno para aliviar a queimação do meu espírito carente. Iniciar o vínculo não seria justo com Jane. Ela não sabia nada de shawras ou encadernação. Eu não ia forçá-la a um acasalamento para o qual ela não estava pronta, mesmo que a espera estivesse me matando.

Nascida na classe guerreira, tive minha cota de mulheres dispostas antes que o germe as levasse. Havia menos de nós do que a classe civil, então fomos procurados e valorizados por nossos físicos maiores. E se uma fêmea

encontrasse seu companheiro espiritual em um guerreiro, seu status na sociedade Valosiana se elevaria.

Sexo com um companheiro espiritual foi além do físico, havia um elemento espiritual que entrou em jogo também.

Uma coalescência da essência, a força invisível que animava nossos corpos e nos tornava quem éramos como pessoas.

Uma vez que o vínculo foi feito, era quase impossível quebrá-lo.

Eu estava no primeiro estágio de descobrir meu espírito gêmeo. Depois que minha força vital reconheceu a dela, meu coração auxiliar começou a bater e bateu um ritmo para bombear adrenalina em minhas veias, tornando-me mais rápido, mais forte. Mais difícil de matar, então eu poderia proteger melhor minha companheira.

Sendo uma humana, Jane não estava ciente de que ela havia me despertado, mas eu sabia que ela sentiu o chamado. Eu a tinha visto esfregando o esterno com um olhar curioso estampado em seu rosto.

Quando eu acasalasse com Jane, seria a pedido dela.

Ela teria que me escolher como dela antes que eu iniciasse o vínculo que nos uniria para sempre. Primeiro, eu precisava explicar o que tudo isso significava. O tempo era o que era necessário para aliviá-la. Vir muito forte só a assustaria.

Ter encontrado meu par em um ser de outro mundo era insondável. Eu queria uma companheira para mim desde

que eu conseguia me lembrar. Assim que eu atingi a maioridade, eu estava em uma busca para encontrar aquele que faria meu coração auxiliar bater.

Eu até fui em uma farra de sexo, esperando apressar as coisas, deitando com tantas mulheres quanto eu pudesse ter prazer. Mas meu coração secundário permaneceu imóvel em meu peito, e meu desejo mais profundo me iludiu.

Quando Sia Jakkar me encarregou de recuperar a mulher solitária que me escapou durante nossa primeira viagem ao navio acidentado, fiquei exultante. Eu mal tive tempo de processar o choque de sentir a única coisa que eu mais queria; as batidas do meu coração auxiliar.

Naquela viagem, quando entrei pela primeira vez na sala onde o scanner mostrou sua presença, ela ficou escondida, então se lançou para a porta aberta. Foi tolice minha não tê-la fechado. Mas eu pensei que ela seria cooperativa como as outras fêmeas que libertamos das jaulas.

Ela não era como as outras. Eu não sabia então que ela estava sem suas memórias. E sem nenhum dispositivo tradutor, minhas palavras tranquilizadoras foram sem sentido. Além disso, eu não percebi que ela não tinha conhecimento das outras mulheres do outro lado do corredor e foi na defesa. Eu a peguei pela cintura enquanto ela lutava comigo como uma sumta presa.

Eu não queria abraçá-la com muita força para não machucá-la. Então eu senti seu corpo macio relaxar no meu.

Seus olhos eram selvagens e enormes em seu rosto delicado.

Estupidamente, eu baixei minha guarda, afrouxando meu aperto apenas o suficiente para ela se soltar.

Em minha própria defesa, o choque do meu despertar depois de todo

esse tempo procurando pela única mulher destinada a ser minha para sempre, me deixou fora de controle.

Deitada na cama ao meu lado em nossa caverna da prisão, Jane se contorceu em seu sono, então eu puxei os cobertores mais apertados ao redor dela. Felizmente para mim, Sia Jakkar queria que eu voltasse ao local do acidente para encontrá-la, então não foi necessário implorar.

Isobel me deu muita dor por deixá-la ir. Eu mal podia esperar para me juntar a Sia Jakkar e os outros para mostrar a ela que eu tinha me redimido.

Pensamentos na minha Sia apertaram meu peito. Eu tinha derramado minhas entranhas para um clã rival.

Induzido por drogas ou não, foi um ato desonroso.

Inadvertidamente, pinteí um alvo em todos os guerreiros exilados.

No entanto, Sia Xennox também compartilhou informações comigo. O mais surpreendente foi sua admissão de armar o Nuttaki com armas baseadas em nutrones. Teria

sido um bom plano se o Nuttaki fosse confiável. No entanto, não culpei a Sia de Jurigon por sua tentativa.

E eles tinham o primeira nave de reconhecimento. Agora que sabíamos como traduzir a linguagem escrita do Gretolic

– graças a Jane – eu adoraria entrar lá e explorá-la.

Eu também me preocupava se Tekkon tivesse chegado às cavernas. Eu tinha sido despojado do meu comunicador e não podia contatá-lo ou Sia Jakkar. Eu esperava que o jovem guerreiro tivesse se juntado ao nosso clã de exilados e estivesse escondido em segurança dentro das Cavernas dos Anciões.

Por fora, eu parecia calmo, relaxado. Com Jane dobrada ao meu lado, uma das mãos descansando sobre meus corações e uma perna balançando sobre minha coxa, eu deveria estar contente. Mas eu não estava. Por dentro, eu me movia inquieto em um emaranhado de pensamentos acelerados.

Para o Clã Jurigon, Huren parecia culpado como pecado. Que tolos fomos não saber o que estava acontecendo sob nossos pés calçados

com botas. Sia Jakkar precisava ser informado do que eu tinha aprendido. Se ele me perdoasse ou não, eu tinha que escapar e avisá-lo.

Incapaz de ficar parado, eu cuidadosamente desvencilhei os membros de Jane dos meus e caminhei até às barras elétricas nos prendendo lá dentro. A porta do nosso quarto

havia sido removida, deixando para trás as dobradiças. No que diz respeito aos penitenciários, este era o paraíso.

Inspecionei o encaixe dos contatos na parte superior e inferior do batente da porta.

Havia lacunas óbvias, como se o dispositivo de retenção tivesse sido encaixado às pressas. Eu me agachei e deslizei meus dedos sob a última fileira de contatos e me esforcei para levantar, mas não cedeu. O mesmo aconteceu com a linha de cima.

Lambi meus dedos e belisquei uma das barras finas e iluminadas que corriam entre os contatos superior e inferior.

Eu recuei, sacudindo o formigamento áspero em meu braço.

Olhei o mais para a esquerda e depois para a direita que pude sem que meu rosto tocasse as barras. Tudo o que eu podia ver era um corredor de paredes lisas cortadas na pedra da montanha com portas de madeira separadas uniformemente.

Nossos clãs podem compartilhar um inimigo comum, mas isso não nos torna aliados. Soro da verdade ou não, eu tinha minhas dúvidas sobre o quanto Sia Xennox acreditava no que eu disse. Mesmo que ele tenha expressado, ele me achava inocente do envolvimento do Clã Huren com os Gretolics. A culpa por associação poderia facilmente garantir minha execução.

Eu perambulei pela caverna, correndo minhas mãos por todas as superfícies na esperança de encontrar uma alavanca escondida ou a fenda de uma saída escondida, como as passagens secretas que apenas alguns guerreiros de confiança conheciam nas Cavernas dos Antigos. Depois de uma segunda passagem, e depois uma terceira, não encontrei nada.

Frustrado, virei meus olhos para uma Jane adormecida.

Ela era adorável em seu repouso. Sua estranha carne humana brilhava

com um tom suave. Sua cor ainda estava alta de seu lançamento anterior.

Meu pau pulou lembrando quão docemente ela gozou na minha língua. Eu pressionei minha ereção através do meu kiltus, desejando que ele esvaziasse. A coisa tinha vontade própria e permaneceu mais dura do que as paredes de pedra ao meu redor.

A forma adormecida de Jane me chamou. Quanto mais eu negasse o chamado do meu espírito ao dela, mais difícil seria me manter sob controle. A maneira como seus olhos me consumiram quando eu estava diante dela na piscina quase me fez liberar minha semente.

Eu me juntei a ela na cama. Ela se virou para mim no sono e estendeu a mão para mim. Meu espírito rodou em uma dança ansiosa, pressionando com força contra a gaiola do meu esterno. Pior de tudo, meu pau pulsava no mesmo

ritmo do meu coração auxiliar. Aquele monstro voraz com certeza me manteria acordado.

Em breve. Eu explicaria a Jane o que significava estar bem e verdadeiramente acasalada. Então, eu mostraria a ela.

Capítulo Nove

JANE

A coronha da arma me acertou na parte de trás da minha cabeça. Eu fui estúpida por não ter esperado por reforços, mas o suspeito estava prestes a fugir do local, e eu queria esse pedaço de merda fora das ruas!

Só porque ele não tinha sido considerado culpado em um tribunal não o tornava inocente. Eu sabia que ele havia estuprado e matado aquelas garotas. As provas contra esse cara eram inegáveis. Por que o juiz lhe concedeu fiança era uma incógnita.

Ele pagou a fiança e matou novamente.

Eu estava em perseguição quando o perdi no armazém.

Ele de alguma forma voltou e me pegou desprevenida, me despojando da minha arma e distintivo. Foi uma jogada de principiante entrar sozinha, mas a dica que recebi não podia esperar.

Ele me empurrou de cara na parede áspera do armazém onde ele estava se escondendo. — Você é muito bonita para ser uma detetive.

Meu crachá de couro foi jogado no chão aos meus pés antes de seu punho me dar um soco no centro das minhas

costas, roubando minha próxima respiração. A pele macia da minha bochecha arranhada pela fachada de tijolos, mas eu não me importei. Se eu entrasse em pânico, estaria morta.

— Você quer um pouco do que as outras garotas conseguiram?— Foi um choque sentir sua ereção empurrando contra o meu traseiro. — Você quer meu pau antes que eu acabe com você?

Eu me forcei a permanecer calma quando ele alcançou entre minhas coxas e segurou meu sexo.

Um gorgolejo de bile se formou no fundo da minha garganta. Tive medo de responder porque vomitaria se abrisse a boca, então engoli de volta. O elemento surpresa era a melhor saída para uma situação descontrolada, então girei meus quadris e gemi.

O suspeito mordeu a isca. — Você gosta de bruto, hein?

Eu te foderei até você sangrar.

Ele enganchou uma das mãos carnuda no cós da minha calça e começou a puxar. Distraído, eu me virei para ele com um cotovelo no pescoço. Ele uivou e deu dois passos para trás. Eu não lhe dei tempo para se recuperar, dando uma joelhada nas bolas e executando um golpe direto no queixo que enfiou o nariz em seu cérebro. Eram apenas os ferimentos que eu precisava para virar sua arma de volta para ele.

— Vá para a porra do chão, seu pedaço de merda!

Mãos invisíveis me sacudiram. Eu os afastei, indo para minhas algemas.

— Jane. Acorde.

Jane? Esse não era meu nome. Meu nome era...

EU ACORDEI com um choque em um rosto prateado com orelhas de elfo e olhos preocupados de outro mundo olhando para mim. Eu me arrastei para trás em pânico até que uma pedra fria interrompeu meu progresso e uma realidade deu lugar a outra.

O estranho com o rosto familiar olhou com apreensão, uma das mãos estendida em oferta. — Você estava se debatendo e falando enquanto dormia. Achei melhor acordar você.

De repente, memórias recentes caíram sobre mim.

— Aggar.— Eu me joguei em seus braços. Ele me pegou e me segurou perto. — Parecia tão real como se eu estivesse realmente lá.

Uma vibração calmante pulsava por trás de seu esterno.

Sua música rítmica instantaneamente me acalmou. Aggar já havia feito isso antes, mas esse ritmo era diferente. Isso me acalmou em vez de incendiar minha libido.

— Foi apenas um sonho,— Aggar acalmou e correu uma palma gigante para cima e para baixo na minha espinha.

— Não, não foi.— Minha voz engatou em uma fungada.

— Era uma memória do meu passado. Eu sabia que não era uma COP e meu pesadelo confirmou essa verdade.

Sua mão parou no centro das minhas costas, onde o suspeito me deu

um soco. O calor dele aliviou a dor do meu passado. — O que é um k-
oop?

— É uma gíria para um policial. Alguém que aplica a lei,— esclareci.
— Como o que vocês guerreiros fazem.

Treinam e trabalham para manter as pessoas seguras.

Exceto que eu era mais que um policial. Eu era um detetive de homicídios. O homem em meu pesadelo era um estuprador e assassino que quase escapou.

Aggar gentilmente se afastou para capturar meus olhos com os dele.
— Eu sabia que o coração de um guerreiro batia em seu peito.

Ele colocou sua grande palma sobre meu esterno.

Admiração era um redemoinho de prata líquida em um olhar que encheu meu coração a ponto de explodir. Um anseio lembrado de ser aceito por quem eu estava se concretizando aos olhos desse guerreiro valosiano.

Meu Guerreiro.

A possessividade feroz me chocou e me agradou ao mesmo tempo. Aggar era meu. Eu não sabia como eu sabia, mas algo primitivo dentro de mim o chamava. Este macho alienígena prateado era a outra metade de mim.

Estendi a mão para roçar meus dedos ao longo de sua mandíbula orgulhosa. Ele era mais do que apenas bonito.

Mais como, o epítome da masculinidade. Todas as feições esculpidas como se seu rosto tivesse sido esculpido em pedra pela mão de um artista.

O cabelo que crescia em seu couro cabeludo era mais branco do que prateado e fluía até a cintura em um lençol líquido. Eu não pude resistir a mergulhar meus dedos naqueles fios sedosos, trazendo uma mecha para colocar sobre um ombro maciço.

E aqueles olhos. Absolutamente hipnótico. Eu poderia facilmente me perder nas profundezas agitadas.

— Lindo, — eu murmurei com admiração.

A boca de Aggar se abriu como se ele não conseguisse respirar o

suficiente. Suas bochechas coraram em um tom pálido de azul. — Guerreiros não deveriam ser bonitos, Jane.

— Bem, você é para mim.

— Bonita é o que você é.— Agora foi a minha vez de corar. — Talvez pudéssemos ir com incrivelmente bonito para mim.— Ele balançou as sobrancelhas, então fez uma pose de modelo que me fez jogar a cabeça para trás de tanto rir.

— É uma coisa boa que você é humilde.— Eu golpeei seu peito.

Aggar abaixou a cabeça e acariciou meu pescoço, atirando faíscas na minha espinha. — Eu não sei o que eu fiz

para que os Espíritos me mostrassem favor. Estou tão feliz que a armadilha funcionou para pegar você.

— Eu também.— Estremeci com um desejo inexplicável.

— Eu não tinha certeza de qual seria meu próximo passo, mas sabia que não poderia ficar a bordo daquela espaçonave para sempre, e lá fora não era melhor.

O brilho em seus olhos falou muito. — Não apenas na nave. Eu desejei por você toda a minha vida.

— Como você pode dizer isso? Você não me conhece.—

Eu concordei. — Eu nem sou do seu mundo.

— Nada disso importa.

— Nossos espíritos nunca estão errados ao reconhecer seu complemento em outro.

— Você está falando de almas gêmeas, Aggar.— Fiquei séria. — É uma noção muito romântica. Estou mais que lisonjeada que você me olhe dessa maneira, mas é completamente irrealista.— Eu disse as palavras sem convicção. — Como algo que você leria em um romance brega.

Aggar esfregou atrás da orelha o tradutor grudado em sua cabeça. — Eu não posso... algumas de suas palavras não se traduzem. O que begaa significa?

— Significa algo exagerado. Clichê.— Almas gêmeas não poderiam existir na vida real, mas aqui eu estava esfregando um nó quente

girando nas proximidades do meu coração.

Aggar levantou meu queixo, então não tive outra opção a não ser olhá-lo nos olhos. — Jane. Nossos espíritos foram feitos para ficarem juntos. Eu sei que você pode sentir o mesmo desejo que eu.

— Eu sinto isso,— eu engoli em seco. — O que isso significa?

— Seu espírito anseia por se unir ao meu.— O peito de Aggar começou a vibrar com aquele ritmo reconfortante que eu podia sentir em meus ossos. Com uma batida cadenciada, ele chamou isso. — O mesmo que o meu anseia por se unir ao seu.

Eu estava louca por sentir uma conexão tão forte com alguém que eu mal conhecia? Talvez meu cérebro estivesse lutando para sair na areia movediça das minhas memórias perdidas. Ou talvez eu tivesse enlouquecido.

Seja qual for o motivo, sempre que eu estava nos braços de Aggar, eu me sentia segura. Protegida. Depois de todos aqueles dias, sozinha e com medo, escondida naquela nave acidentada sem ninguém no mundo para estar ali também, ele me encontrou. Aggar era o consolo que eu precisava desesperadamente.

— Você está falando sobre uma união literal de nossas almas?— Seu zumbido aumentou e também o puxão atrás do meu esterno.

— Sim.— Sua resposta de uma única palavra disparou na minha espinha. — Mas primeiro devemos nos unir fisicamente. O acasalamento é o catalisador para a criação do shawra.— O calor de sua grande palma entre meus seios enrolou meus dedos dos pés. — Esse é o portal onde nossos espíritos se unem, formando um vínculo eterno.

Algo dentro de mim queria sair, e de repente eu estava desesperada para saber o que significaria ser o espírito gêmeo de Aggar. — Isso soa tão romântico.

Aggar baixou a cabeça e eu levantei meu queixo para receber seu beijo. Havia um fogo em minha barriga e uma dor em meu coração que precisava ser apagada.

Eu não hesitei em retribuir seu beijo vagaroso. Ele lambeu minha boca, me explorando em uma queima lenta.

Foi tão fácil me entregar. Eu não tinha que ser sempre uma fodona. Eu

poderia deixar ir e ser vulnerável com ele. De alguma forma, eu sabia que ele sempre estaria lá para me proteger.

O tamborilar de Aggar aumentou no ritmo e também o pulso entre minhas coxas. Eu era um fio vivo, pronta para ser dedilhada por mãos de prata. O calor rodopiante que vivia dentro de mim começou a se agitar como se estivesse se preparando para algo mais.

Eu choraminguei quando Aggar interrompeu o beijo abruptamente. Ele me empurrou para trás de seu corpo

grande, suas orelhas pontudas alertas e curvadas para frente como se estivesse se esforçando para ouvir sons que eu não conseguia ouvir.

— O que é isso? — Eu calmamente perguntei.

Suas orelhas se contraíram. — Alguém está vindo,— ele jogou por cima de um ombro antes de ficar de frente.

Eu não era de me esconder atrás de um homem. Eu preferia me manter em qualquer situação, mas este era um jogo totalmente novo. E confiei em Aggar para me manter segura até que descobrisse todas as regras.

Um macho que eu nunca tinha visto antes apareceu do lado de fora das barras de luz carregando uma bandeja do que eu esperava que fosse comida. Outro estava ao lado dele com uma daquelas lanças brilhantes apontadas para Aggar.

— Permaneça onde está, Huren. Não tente nada estúpido.— Com o apertar de um botão em um dispositivo portátil que me lembrava um abridor de porta de garagem, a parte inferior das barras de luz levantou cerca de um pé do chão apenas o suficiente para deslizar a bandeja para baixo.

Aggar ficou tenso, mas por outro lado, não se moveu. Ele permaneceu cauteloso e vigilante, rígido e pronto para atacar até que as barras baixaram e os machos nos deixaram em paz. Só então ele respirou.

— Por favor, me diga que isso é algo para comer.—

Comecei a me levantar da cama, mas Aggar tinha outras ideias.

— Deixe-me ir primeiro.— Ele me levantou do chão como se eu fosse uma criança e me colocou de volta no centro da cama. No fundo, eu sabia que se fosse qualquer outra pessoa, eu teria me revoltado. Mas

era Aggar, e eu confiava nele implicitamente.

Ele se aproximou da bandeja com extrema cautela, cutucando-a com o dedo do pé. A tampa, em forma de cúpula, deslizou apenas o suficiente para um delicioso aroma escapar.

— Pode estar envenenado,— Aggar teorizou em voz alta enquanto levantava a cúpula.

— Qual seria o ponto? — Eu respondi, vindo atrás dele.

— Eles poderiam nos matar com essa coisa de lança. Por que perder tempo nos alimentando?

— Verdadeiro.— Aggar levou a bandeja para uma pequena mesa com assentos para dois. — E não é honroso que os guerreiros matem de forma tão covarde, mas não estou disposto a arriscar no que diz respeito a você.

Sentamos um de frente para o outro com a abundância de comida entre nós. Aggar escolheu um pedaço fumegante de carne branca e cheirou. — Não cheira a envenenado. Aqui

não tem nada.— Aggar colocou a carne na boca e mastigou.

Eu observei sua garganta com corda enquanto ele engolia.

— Não tem gosto adulterado. Apenas no caso desses machos não terem princípios, esperaremos um momento para ver.

Sentei-me rigidamente na minha cadeira, esperando que Aggar não tivesse consumido algo que o deixasse doente, ou pior. Minha testa estava coberta de suor. Eu estava quase congelada com medo de que ele desmoronasse diante dos meus olhos.

Apesar da gravidade do momento, o cheiro da comida provocou um ronco embaraçoso no meu estômago.

— Só mais um pouco,— Aggar sorriu, aliviando o clima pesado.

Eu estava descobrindo que Aggar era um daqueles caras que levavam seus deveres a sério, mas em vez de parecer durão o tempo todo, sua personalidade tinha um lado brincalhão. Eu adorava ver seus olhos brilharem, e o sorriso sexy que se esgueirava em seus lábios perfeitos quando ele estava brincando.

— Desculpe, estou faminta por algo que não é seco ou embrulhado em

papel alumínio. Não consigo me lembrar da última refeição de verdade que comi.

— Você disse que era um executora da lei,— ele gentilmente me afastou do foco no meu estômago vazio. — O

que mais seu sonho revelou?

Agarrei-me à distração que ele estendeu. — Meu crachá e minha identidade. Foi levado pelo suspeito e depois caiu no chão aos meus pés. Eu não conseguia ler o nome. Estava tudo embaçado como se minha mente estivesse escondendo informações. Infelizmente, eu me lembro do evento. em quase todos os detalhes.

— Você ultrapassou seu atacante?

— Sim.— Eu montei o pico de adrenalina da memória.

— Me lembro até dos rostos dos policiais que o prenderam.

Por alguma razão, os nomes me escapam.— Eu esfreguei minha testa.

— Me dá uma dor de cabeça quando tento forçar as memórias.

— Se dê tempo.

Dei-lhe um sorriso fulminante. — Parece que eu nunca vou me lembrar de quem eu sou.

— Eu sei quem você é.— Aggar estendeu a mão sobre a mesa e segurou minha mão na sua muito maior. — Você é como eu. Uma lutadora pela justiça e uma protetora para os outros. Você é honrada e boa, caso contrário, meu espírito não seria atraído pelo seu. Você é uma mulher feroz com a força interior para rivalizar com qualquer guerreiro Valosiano, — afirmou com orgulho.

— Eu quase acredito em você.— Eu bufei uma risada.

— A verdade é que não sou tão dura quanto quero que as pessoas acreditem. Neste momento, estou apavorada com tudo. Você é um apoio muito fácil de se usar.

— Quando você sentir sua força diminuir, então se apoie em mim, Jane.— Ele deu um aperto suave na minha mão.

— Eu sempre estarei aqui para você.

Um brilho de lágrimas não derramadas embaçou minha visão. Por que

eu senti que essas eram palavras que eu sempre quis ouvir? —
Obrigado, Aggar.

Aggar enxugou uma lágrima solitária que escorreu pelo meu rosto. —
Não sinto nenhum efeito nocivo da carne.

Acredito que seja seguro.

Sacudi a sobrecarga emocional e peguei o pedaço de carne que Aggar ofereceu. Enfiei na boca sem pensar duas vezes e mastiguei com os olhos fechados. — Tem gosto de porco assado.

— Chama-se chiksin, — disse Aggar. — Uma pequena ave que pasta em tufo de grama rala. Eles se assustam facilmente, ensinando ao caçador uma lição de paciência.

— Parece que parece frango.— Peguei outro pedaço do prato que dividimos. — Temos um pássaro semelhante na Terra que é um alimento básico na dieta da maioria das pessoas. — Minha risada foi seca. — Você sabe o que é tão estúpido sobre toda essa coisa de perda de memória? Eu

posso me lembrar do sabor do KFC, mas não tenho a menor ideia do meu endereço.

— Jane...— Aggar começou, mas eu o parei.

— Eu posso ouvir a simpatia em sua voz. E eu aprecio isso.— Toquei seu antebraço quando ele começou a se inclinar sobre a mesa. — Eu faço. Mas eu preciso parar de sentir pena de mim mesma e seguir em frente. Esta é a minha realidade, quer minhas memórias voltem ou não.

Chega com a festa da piedade.— Eu precisava chegar a um acordo com a minha situação. — Diga-me algo sobre este planeta. O que há com a rixa entre os clãs, Huren e Jurigon?

— Além disso, Trisess, — acrescentou antes de mastigar uma fruta de casca esbranquiçada.

— Uau. Então, existem três clãs em Valose e nenhum de vocês se dá bem?

— Não no momento. No entanto, dada a presença do Gretolic, Sia Jakkar esperava que os clãs se unissem para lutar contra nosso inimigo comum.

— Ele soa como um líder inteligente.

— É por isso que eu o segui, — Aggar se esquivou, pegando a casca de sua fruta meio comida. — Você me acharia menos honroso se eu lhe dissesse que eu estava com um grupo de exilados?

Eu me inclinei para trás em meu assento, querendo dar a ele o benefício da dúvida. Aggar era um cara bom demais

para ser um vilão. Eu queria ouvir o lado dele. — Primeiro, me diga por que você foi exilado.

— Foi a pedido de Sia Emmar, a ex-governante do Clã Huren, que após sua morte, seus filhos gêmeos governariam juntos. Sakkar foi treinado como estudioso, aprendendo os caminhos da política enquanto Jakkar foi treinado como guerreiro.— Agar começou. — Sakkar desenvolveu um amor pelas estrelas durante seus ensinamentos e estava sempre olhando para cima em vez do que estava acontecendo ao seu redor. Jakkar era dedicado a Valose e seu povo e não se importava com nenhuma exploração além das nuvens.

Sakkar encarregou Hexxus, O homem mais brilhante do clã Huren, para projetar e construir uma nave que pudesse viajar além das estrelas. Para surpresa de todos, ele fez isso e Sakkar levou para as estrelas.

— Em uma viagem de volta, ele trouxe de volta um germe. Um que infectou e matou todas as nossas fêmeas.

Jakkar pensou que seria o fim do fascínio de Sakkar pelo espaço, mas quando ele planejou outra viagem antes que a última pira fosse queimada em cinzas, Jakkar falou contra as aventuras de seu irmão.— Aggar parou para tomar um gole de um copo cheio de suco azul-claro. — Esse foi o começo do fim do governo compartilhado de Jakkar. O

Conselho Real ficou do lado de Sakkar e Jakkar foi destituído, destituído de sua coroa e exilado. Havia muitos de

nós que discordavam da injustiça, viam Sakkar como egoísta, e escolheu compartilhar o exílio de Jakkar, o homem que todos nós ainda reconhecemos como o governante legítimo do Clã Huren.

— Puta merda.— Eu tinha esquecido meu estômago vazio, cativado com a recontagem de Aggar do exílio de seu governante e por que ele e um pequeno grupo de homens estavam com seu líder, me fez respeitá-lo ainda mais.

— A última vez que falei com Sia Jakkar foi no navio acidentado. Ele ordenou que Tekkon e eu voltássemos porque estava preocupado com a segurança do assentamento e estava realocando todos.— Aggar comia enquanto falava.

— Ele disse que Draggar e Tisso saíram para procurar três mulheres desaparecidas que foram levadas por Rayyar, um espião de Sia Sakkar. Agora que penso nisso, Rayyar nunca esteve sob a influência do controle mental do Gretolic da maneira que Sakkar e seus guerreiros estavam quando atacaram o assentamento antes de eu voltar para você.—

Aggar mastigou com uma profunda ruga entre as sobrancelhas.

— O que não fazia sentido até agora. Sia Xennox afirma que os Gretolics vivem no subsolo nas minas de nutrillium de propriedade de Huren há muito tempo. Ele afirma que o Clã Huren tem uma aliança com os Gretolics.

— Você acha que isso é verdade?

— Eu não posso deixar de acreditar que alguns dos meus membros do clã venderam seus próprios membros do clã para os alienígenas.— Ele abaixou a cabeça. — Rayyar sendo um deles.

— Talvez o Conselho Real também, — raciocinei. — Se Sakkar estava sob controle mental durante o ataque, então talvez ele esteja sendo usado como marionete pelos Gretolics.

— Seria lógico, — concordou Aggar.

— Eles já encontraram as garotas desaparecidas que Rayyar roubou?

— Eu não sei. Meu comunicador foi tirado de mim quando fomos trazidos para cá.— Aggar apresentou a dobra do braço e depois o ombro, apontando para as manchas escuras que marcavam suas escamas. — Mesmo que a Sia de Jurigon tenha dito que pensa que eu e os outros exilados somos inocentes de colaborar com os alienígenas, temo que tenha piorado as coisas para Sia Jakkar. Eles usaram uma droga para forçar informações de mim e agora eu devo encontrar uma maneira de avisá-lo. O clã Jurigon sabe para onde os exilados estão se mudando.

— O que eles querem com a gente?— Eu perguntei, mordiscando uma fruta estrangeira que tinha gosto de maçã, mas parecia uma uva gigante.

— Eu não sei o final do jogo deles, — respondeu Aggar honestamente.
— Eles estão nos alimentando, então eles

querem nos manter vivos - por enquanto. No que diz respeito ao penitentiário, este é mais adequado para os hóspedes.

Além das barras eletrônicas.

Aggar levantou uma tigela da bandeja com uma substância cremosa que me lembrou iogurte e deu uma mordida. — Nada mal para rastreadores de cavernas.—

Aggar me ofereceu um gosto na ponta do utensílio para comer.

— O que é isso?

— Auvi root mash, — disse ele como se eu soubesse o que era.

Eu fui para ele e fiz uma careta. — É um pouco azedo demais para mim.

Agar riu. — É um gosto adquirido.— Então seu rosto ficou sério, e um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

— Isso é metalóide.— Ele balançou o utensílio para mim.

— Assim?

— Então, meu pequeno e feroz sumta, o metalóide pode ser usado para interromper os circuitos.— Aggar sorriu sério e apontou para as barras de luz nos prendendo dentro da sala. — Eu tenho uma ideia que pode funcionar.

Capítulo Dez

AGGAR

Dois nascer do sol depois, acordei com passos pesados ecoando pelo corredor. Eu não tinha desistido de encontrar uma maneira de passar pelas barras eletrônicas onde dois guerreiros do Clã Jurigon estavam agora. Ver os guerreiros do meu clã rival fora das grades do nosso quarto não era incomum, mas o momento de sua aparição estava errado.

Com Jane dormindo, abraçada ao meu lado, deslizei minha mão entre a cama e a parede, empurrando a ferramenta que estava construindo mais para baixo. Meu plano estava quase pronto para ser colocado em ação.

Algo havia mudado, e esses guerreiros não estavam aqui com sua entrega regular de comida.

Eles desativaram as barras elétricas e eu me joguei para fora da cama, pegando minhas lâminas gêmeas e saindo vazia. Minhas mãos se fecharam em punhos apertados ao meu lado. Sem armas, plantei meus pés descalços, assumi uma postura de luta e me preparei para a batalha.

— Eu não preciso te dizer para se manter atrás porra,—

o guerreiro apontando a lança nutrone rosnou.

— O que está acontecendo?— Jane se mexeu e se sentou, esfregando os olhos cansados. — É muito cedo para eles deixarem uma bandeja de comida.

— Eu sei, então fique atrás de mim,— eu avisei. — Eu não sei o que eles planejaram para nós.

Os dois machos entraram, ombro a ombro, bloqueando a porta com uma parede de músculos. Se não fosse pela lança apontada para o meu peito, eu não teria hesitado em enfrentar os dois.

Com Jane na sala, e tão perto, eu não podia arriscar que ela fosse atingida por uma explosão de nutrone. Contra a minha natureza, fiz o que o inimigo disse e desisti. Agora não era hora de fazer algo impulsivo. Eu tive que esperar meu tempo, ser um cativo cooperativo e esperar pela próxima bandeja de comida.

Apenas mais um utensílio para comer me daria metalóide suficiente para terminar o disjuntor de contato que eu estava planejando usar para curto-circuitar o energizador da barra elétrica. Então, Jane e eu poderíamos fugir.

Meus planos bem elaborados deram errado quando os machos se separaram, abrindo espaço para um par de guerreiros que eu não tinha visto esperando atrás deles. Dois corpos foram arrastados para dentro e jogados aos meus pés antes de saírem. Em seguida, duas bandejas de comida e food foram entregues.

O kiltus que os guerreiros inconscientes usavam era distintamente do Clã Huren. Suas identidades estavam escondidas sob a queda de suas jubas prateadas.

As barras elétricas foram reativadas, mas eu não tirei meus olhos dos guerreiros Jurigon até que eles limpavam o salão. Jane correu para o meu lado e juntos nos ajoelhamos para rolar os machos de costas.

— Oh não, Tekkon,— Jane gemeu. — Quem é o outro?

— Vallon, —, eu disse, verificando o pulso de cada guerreiro. — Eles estão vivos. Eles devem ter sido o grupo de busca procurando por nós.

— Parece que eles foram vítimas do soro da verdade que foi injetado em você. — Jane indicou as marcas de agulhas descolorindo as escamas em seus braços.

— Escória de Jurigon! — eu amaldiçoei. — Quando nos libertarmos daqui, eu pessoalmente cuidarei para que o Clã Jurigon pague por seu tratamento desonroso aos meus membros do clã.

Jane enrolou as peles e colocou a cabeça de cada guerreiro na almofada. Então ela os cobriu com cobertores extras.

Eu assisti com olhos cheios de orgulho enquanto ela cuidava dos machos que eu lutei ao lado. — Esses machos vão acordar pensando que cruzaram para o Reino dos Espíritos com quão bem você os está tratando.

— Eles não mereciam ser tratados como merda,— Jane fervia. — E nós também não!

Eu levantei meu queixo e fiquei mais alto sobre sua defesa dos meus membros do clã. Ela estava certa. Nenhum de nós deveria estar aqui.

— Fomos atacados dentro do território do seu clã.—

Jane foi em um discurso retórico. — Isso é besteira total.

Esses caras não tinham nada que nos derrubar, nos encher de drogas e forçar você a falar. E aquele idiota que bateu em você tem outra coisa vindo quando sairmos daqui.

Minha alma gêmea era adorável quando cuspia veneno.

Seu desejo de vingança combinava com o meu. O fogo em seus olhos aqueceu meu sangue e disparou direto para o meu pau, fazendo-o pular. Segui meu impulso e a agarrei, esmagando-a contra mim. Minha boca cobrindo seu suspiro.

Jane endureceu; seus lábios pressionados firmemente juntos até que eu persuadi meu caminho para dentro com suaves lambidas ao longo da costura de sua boca. Então, ela se abriu para mim com uma necessidade ardente que rivalizava com a minha.

Eu esperava depois de nossa conversa sobre espíritos companheiros que Jane se oferecesse para mim, mas ela se conteve. No nascer do sol que se seguiu, Jane permaneceu quase sempre quieta, sempre imersa em pensamentos.

Então, eu dei a ela o tempo que ela precisava para refletir

sobre o que quer que estivesse em sua mente enquanto ela usava meu ombro como travesseiro e segurava minha mão como se quisesse se manter aterrada.

Seu toque era torturantemente casto. Meu espírito se agitou inquieto e quanto mais ela negava ao meu pau a bacia quente de seu corpo, mais agitado e agressivo eu me tornava. O desejo de me unir, corpo e espírito, estava me deixando louco, mas eu não aceitaria o que ela não ofereceu livremente.

Ela estava oferecendo agora enquanto seus braços e pernas me envolveram mais apertados do que um constrictor buviano. Eu segurei seu leve peso acima do chão com minhas mãos segurando sua bunda apertada. Sua língua dançou com a minha em um emaranhado escorregadio aumentando minha necessidade de acasalar em um frenesi.

— Mantenha os olhos fechados, Vallon.— A voz de Tekkon filtrada acima do sangue latejando em meus ouvidos do meu pulso errático. —

A menos que você queira testemunhar um acasalamento.

Relutantemente, eu me afastei, terminando o beijo.

— Nós temos uma audiência,— eu disse a Jane.

O vinco profundo entre sua testa aliviou quando o significado das minhas palavras tomou forma em sua mente.

Jane se contorceu e eu deixei cair suas pernas. Suas

bochechas ficaram vermelhas quando ela ajeitou sua roupa de pele emprestada.

— Fico feliz em ver que você está consciente, mas você poderia ter nos dado mais dez mimos.— Eu me agachei enquanto os dois machos se acomodavam em posições sentadas. — Talvez quinze.

A risada de Vallon estava grogue. Um macho alegremente espirituoso, ele era um guerreiro inexperiente.

Aquele que se destacou no treinamento. Suspeitei que sua extrema autodisciplina se originasse da perda de seu senhor na última guerra Nuttaki. O filho queria vingar a morte de seus pais da única maneira que sabia: tornar-se um grande guerreiro como seu pai havia sido.

— Quando você não chegou imediatamente às cavernas depois que eu pousei, comecei a me preocupar.— Tekkon esfregou as mãos no rosto. — Parece que minhas preocupações eram válidas. Estou feliz em ver que Jane está com você.

— Oi, Tekkon.— Jane mostrou a palma da mão e sorriu timidamente.

— Eu gostaria que você não tivesse vindo nos procurar.— A culpa era um ácido queimando um buraco no meu intestino. — Agora olhe para a bagunça que eu te coloquei.

— Nós nos voluntariamos.— Tekkon ficou de pé.

— Nada disso foi culpa sua.

— O que o Clã Jurigon estava fazendo dentro do território Huren? — perguntou Vallon.

Eu ofereci uma de minhas mãos a Vallon. — Eles culpam o Clã Huren pela invasão Gretolic.

— Isso é ridículo,— Tekkon explodiu. — Somos tão inimigos dessas aberrações cinzentas quanto qualquer clã.

— Sia Xennox tinha muito a dizer sobre os invasores cinzentos. Eles não ofereceram nenhuma informação quando você foi questionado?— Eu perguntei.

Ambos os machos abaixaram suas cabeças com vergonha.

— Fui forçado a falar. Tentei reter minhas respostas às suas intermináveis perguntas, mas minha boca se abriu por conta própria, — admitiu Vallon com uma expressão azeda.

— A minha também,— Tekkon adicionou com uma maldição. — Eu disse a esses rastejadores de cavernas tudo o que eles queriam saber.

Bati nos ombros de ambos os guerreiros. — Sou tão culpado quanto vocês. Vou me curvar diante de Sia Jakkar e implorar seu perdão por todos nós. Voluntários ou não, eu sou a razão de você estarem aqui.

— Desculpe, Aggar, mas eu não posso deixar você arcar com a desonra que eu trouxe sobre mim, — disse Tekkon.

— Nem eu, — Vallon entrou na conversa.

— Eu deveria quebrar seus dois crânios.— Dei a cada macho uma sacudida firme e apontei para o fundo da caverna. — Se algum de vocês está interessado em um banho frio, há uma queda de água gelada lá atrás. Faz maravilhas para limpar sua mente e corpo das drogas.

Ambos os machos se viraram e seguiram na direção que indiquei, desaparecendo no que Jane chamava de banheiro.

Enquanto os sons de respingos enchiam o silêncio da caverna enquanto os machos se revezavam na piscina, eu segurei a parte de trás da cabeça de Jane e a trouxe para um beijo forte.

— Temos negócios inacabados, — disse ela.

— Sim, nós temos, — eu concordei, alisando meus dedos por sua bochecha sedosa. — Mas primeiro, sairemos daqui, para que possamos encontrar alguma privacidade.

Pegando o último utensílio necessário para completar minha ferramenta, eu pesquei o que eu tinha escondido entre a cama e a

parede e me juntei a Jane esperando por mim no chão atrás do baú cheio de peles e roupas.

Trabalhamos juntos com a mesma fluidez da primeira vez, apertando o utensílio com uma pedra que eu havia arrancado da parede do banheiro que estava sendo usada como prateleira. Acrescentei o metalóide achatado a uma extremidade da minha ferramenta e apertei, prendendo-o no

lugar com uma resina que Jane havia raspado sob a casca das pernas de mesa que era de madeira.

— Isso deve servir.— Eu me levantei quando Tekkon e Vallon saíram do banheiro, parecendo revividos. — Vocês machos estão prontos para tirar o Helios daqui?

— Qual é o seu plano?— Tekkon esfregou as mãos.

Eu levantei minha criação para sua perplexidade mútua.

Vallon olhou de soslaio para o meu projeto. — O que é isso?

— Espero que, quando encaixado entre as duas placas que compõem a barra de contato, funcione como um disruptor de contato, — expliquei com Tekkon esfregando o queixo em consideração. — Se funcionar do jeito que eu acho, as barras elétricas devem entrar em curto-circuito e desativar.

— Vamos em frente.— Tekkon caminhou até às barras elétricas e esticou a cabeça em ambas as direções. — Pelo que posso ver, o corredor está limpo.

Para os próximos batimentos cardíacos, Jane e eu nos olhamos, a ansiedade gravada em suas feições delicadas. Ela nunca disse as palavras em voz alta, mas eu podia ler sua inquietação em cada linha de seu corpo. Ela odiava ser prisioneira tanto quanto eu.

— Vai funcionar, — eu disse com tanta convicção quanto pude reunir.

— E se isso não acontecer, eu encontrarei outra maneira de sair daqui.

— Tenho toda a confiança em você.

As palavras de Jane foram o melhor elogio que eu poderia ter recebido. Meu espírito gêmeo não era alguém que se entregava facilmente aos cuidados de outro. Ela era de espírito livre, preferindo ficar em seus próprios pés.

Fiquei honrado que ela estava se apoiando em mim para conforto e apoio. Mesmo quando eu a enganei para a captura, ela rapidamente me presenteou com sua confiança.

Não havia nada em Valose que pudesse se comparar a isso.

Eu me agachei na porta e murmurei para os Espíritos me mostrarem favor. Entre a costura fina onde as duas placas foram unidas, comecei a inserir minha ferramenta artesanal quando um par de botas apareceu de repente no lado oposto das barras elétricas.

Fomos pegos antes mesmo de começarmos. Eu me levantei, segurando a ferramenta destinada a libertar minha fêmea com tanta firmeza, o metalóide cortado em minha palma.

— A fuga não será necessária, embora eu aplauda sua ingenuidade, — disse Sia Xennox antes de escanear a palma da mão para desativar as barras elétricas.

Sem a barreira iluminada, ficamos frente a frente.

Grande e formidável, ele era de criação real e ao contrário de Sia Jakkar, eu duvidava muito que a Sia de Jurigon tivesse passado por treinamento de guerreiro. Eu estava confiante de que poderia levá-lo.

— Onde estão seus guardas pessoais? — Equilibrei meu peso uniformemente em uma postura defensiva. Vallon e Tekkon se aproximaram para me flanquear. — Sia não vai a lugar nenhum sem pelo menos um.

— Esta é a minha casa. Estou perfeitamente seguro dentro da minha fortaleza na montanha.— Sia Xennox abriu os braços. — Eu não preciso de um guarda pessoal a menos que você esteja planejando me atacar.

— Bem, você está nos mantendo cativos.

— Não mais. Todas as suas histórias são coesas, —

disse Sia Xennox. — Depois de todo o questionamento, acredito que os exilados do Clã Huren sejam inocentes de qualquer colaboração com os invasores cinzentos. Agora vocês são meus convidados.

Eu endureci com a incerteza. Isso foi um truque?

Sia Xennox recuou para nos permitir passar pelo que antes era

barrado. — Há quartos prontos para cada um de vocês.— Ele indicou o comprimento do corredor pontilhado de portas fechadas.

Quando nenhum de nós fez um movimento, Sia Xennox disse: — Eu entendo sua hesitação. clã rival estava abrigoando um inimigo abaixo de seus pés.

— Sia Jakkar nunca teria invadido o território de outro clã, para começar,— Tekkon rebateu.

— Estávamos dentro do território Huren quando você nos atirou do céu e nos levou cativos, — acrescentou Vallon.

— O clã Jurigon não tinha negócios em solo Huren.

— Peço desculpas, jovem guerreiro, mas o Clã Jurigon tem interesse em impedir a infiltração de Valose e você estava voando em naves Gretolic,— Sia Xennox retrucou.

— E dado o fato de que o Clã Huren tem duas espaçonaves Gretolic alojadas dentro de sua blindagem protetora, só nos leva a acreditar que seu povo se aliou a eles. Em retrospecto, as linhas territoriais invisíveis que separam os clãs não parecem ter tanta importância, dada a atual situação global .

— Estávamos viajando em navios encontrados, —

desafiei.

— E como iríamos saber disso?— Murrox invadiu o corredor.

— Como você conseguiu ver as bolhas quando elas são praticamente invisíveis?— Jane abriu caminho entre mim e Tekkon.

Minhas escamas se eriçaram, piscando um aviso em um azul raivoso para Sia Xennox. Seu sorriso para Jane era de admiração demais para o meu gosto.

— Que espécie você é, fêmea?— Sia Xennox perguntou, ignorando meu desagrado. — Nem todas as suas palavras estão traduzindo.— Ele nos mostrou o dispositivo de tradução atrás da ponta de sua orelha.

— Como é que um clã de cavernas, conhecido em Valose por ser limitado em sua tecnologia, vem por meio de dispositivos de tradução Gretolic?— Não resisti ao jab.

— Adquirido, — ele sorriu. — O mesmo que você.

— Jane,— meu espírito gêmeo interrompeu e ficou mais alto. — Meu nome é Jane e eu sou humana. Uma abduzida do meu planeta chamado Terra.

Sia Xennox me procurou para tradução. Eu o agradeci apenas porque Jane queria que eu o fizesse.

— Todas as fêmeas humanas são tão briguentas quanto você?— Ele fixou os olhos interessados em Jane.

— De jeito nenhum.— A resposta de Jane foi fria.

Agradou-me que ela não se incomodasse com seus encantos.

— E você não respondeu minha pergunta.

— Humph.— Sia Xennox cruzou os braços

frouxamente, entendendo o suficiente de suas palavras para ficar ofendida.

Eu pisei na frente de Jane, bloqueando o olhar absorvente de Sia Xennox. Ela não estava tendo nada disso e me evitou.

— Como você conseguiu ver as capsulas de bolhas?—

ela exigiu.

Todos nós estávamos desarmados, mas aqui enfureceu minha mulher como a guerreira que eu sabia que ela era.

Murrox endureceu não gostando do desrespeito que ela estava mostrando a sua Sia. — Reduza seu tom, fêmea.

— Ou o quê?— Jane deu de ombros, sem medo. — Você vai me amarrar a uma cadeira e me dar um soco na cara como fez com Aggar?

Nós três nos movemos para interceptar Murrox enquanto ele dava um passo à frente.

— Pelo que eu aprendi sobre os guerreiros Valosianos de Aggar, você forçou esses três machos a agir de forma desonrosa,— Jane acusou, implacável.

Sia Xennox me surpreendeu ao se posicionar entre Murrox e Jane. — Chega. De vocês dois.— Ele olhou incisivamente para Jane. — O único

caminho para a verdade era através do soro. Mas eu concordo, as reparações estão em ordem.

— É uma coisa boa que concordamos com isso, porque prometi a Aggar que vingaria o que foi feito injustamente com ele.

— E como você fará isso, mulher?— Murrox soltou uma risada áspera.

Jane se moveu rápido como um raio. Em um segundo ela estava um pouco atrás de mim e no próximo ela estava enfrentando um Murrox confuso. Ela era pequena em comparação com seu corpo volumoso, e eu temi por sua segurança, até que a palma de sua mão disparou, jogando a cabeça de Murrox para trás. O estalo da cartilagem e o jorro de sangue foram suficientes para tirar o sorriso arrogante de seu rosto.

— Fodido Helios,— Tekkon amaldiçoou quando o enorme guerreiro caiu de joelhos, balançando a cabeça.

— Essa merda acabou de acontecer? — Vallon sibilou.

— Temo que sim. — Agarrei uma desafiadora Jane fora do alcance de ataque enquanto o guerreiro recuperava o equilíbrio.

Jane afastou minha mão segurando seu braço com um grunhido e olhou com punhais para Murrox, silenciosamente desafiando-o a retaliar.

Murrox enxugou o sangue que escorria do nariz com as costas da mão. Seus olhos penetrantes e ilegíveis. A ligeira contração de seu lábio superior foi o único precursor para jogar a cabeça para trás em uma risada ruidosa que sacudiu as paredes de pedra ao nosso redor.

Permaneci alerta, apenas relaxando um pouco, e me preparei para o ataque do guerreiro.

— Como eu disse antes, você está com as mãos cheias, Huren.— Murrox continuou a gargalhar enquanto segurava o nariz para evitar que o sangue pingasse em seu rosto.

— Quanto à sua pergunta, mulher,— Sia Xennox continuou. — Seria mais fácil mostrar a você. Siga-me.

Meu grupo trocou olhares questionadores, mas que outra escolha tínhamos? Podíamos tentar fugir, mas Sia Xennox não era tola. Meus instintos guerreiros me diziam que a falta de guardas era um ardil. Sem dúvida, havia um grupo de guerreiros esperando na curva do

corredor por um sinal de seu Sia se ele caísse sob ataque.

Sia Xennox assumiu a liderança enquanto Murrox ficou na retaguarda. Eu me certifiquei de que Jane ficasse no centro, protegida por nós três enquanto viajávamos pelo corredor até um conjunto de degraus de pedra curvados que pareciam intermináveis. Subimos e subimos até eu jurar, estávamos no topo do pico mais alto do Monte Jurigon.

Com o golpe de sua mão, um painel metalóide se abriu para revelar outro corredor de pedra. Ao contrário de onde tínhamos acabado de chegar, este salão terminou abruptamente. Pedregulhos irregulares marcavam o contorno de uma distorção aérea.

Sia Xennox não mentiu. Havia um navio preso na encosta de sua montanha, e estávamos prestes a embarcar no primeiro navio de reconhecimento Gretolic.

Capítulo Onze

JANE

Era como estar entre três lutadores profissionais — só que maiores. Eu não conseguia ver nada com a parede de músculos bloqueando minha visão. Uma vez que consegui abrir caminho pela multidão de caras prateados, foi como pisar em um set de filmagem de ficção científica.

— Puta merda.— Eu empurrei à frente do grupo. — Me leve para cima, Scotty.

— Quem é Scotty?— O ciúme do meu guerreiro não perdeu o ritmo quando ele se juntou a mim dentro do que parecia ser uma versão maior de uma nave auxiliar direto da nave estelar Enterprise.

— Devagar. Ele é um personagem fictício.— Sorri de volta para Aggar, gostando de seu lado possessivo.

Esta deve ser a primeira nave de reconhecimento que Aggar me disse que estava presa na montanha. De um lado, havia danos visíveis no casco. Rochas azuis se projetavam para dentro, tendo descascado a pele da nave como se ela tivesse voado perto demais da montanha.

Dois assentos giratórios foram aparafusados ao chão na frente de um longo console que sofreu pequenos danos em

um lado. Um terceiro assento, ocupado por um homem, sentava-se perpendicularmente na parede lateral, de frente para um banco de monitores. Ele estava de costas para nós quando chegamos, mas se virou no banco e cumprimentou Sia Xennox.

— Linnox,— Sia Xennox ordenou. — Mostre a eles como fomos capazes de rastrear as naves do alienígena.

Eu estava segurando minha opinião sobre o governante de Jurigon. Minha primeira impressão foi de um esnobe bem-nascido. Sempre que ele olhava para mim, era como se eu fosse um inseto interessante que ele colocava em uma jarra. Quanto mais tempo eu estava perto dele, descobri que ele tinha uma profundidade que era estranhamente encantadora.

Aggar fez fila para o macho sentado, cuja atenção havia voltado para as telas de monitor espalhadas à sua frente.

Uma enorme quantidade de informações rolava em um dos monitores,

enquanto outro mostrava uma fileira de linhas com picos variados e suaves, como ondas de rádio. Todo o resto mostrava bolhas de diferentes tons de azul e prata, que Aggar achava fascinantes, mas que faziam pouco sentido para mim.

— Quando os alienígenas energizam suas naves, o rastreador capta uma frequência específica na forma de uma onda, — explicou Linnox, apontando primeiro para o

monitor com as linhas e depois para as telas com as bolhas.

— Também podemos ver a fonte de energia, quando não ligada, que mostra como uma assinatura de calor específica neste tom estranho. Quanto maior a assinatura de calor, maior a nave.

— Vermelho, — eu soltei. — O tom estranho é a cor vermelha.

— Pronto. Você tem sua resposta, fêmea humana.— Sia Xennox abaixou a cabeça. — Jane da Terra.

— Obrigado, macho Valosiano.— Eu devolvi sua reverência ligeiramente zombeteira com um sorriso em meus lábios. — Sia Xennox de Valose. E apenas Jane ficará bem.

Seus olhos se estreitaram daquele jeito avaliador dele, então eu virei as costas e vaguei ao redor da nave. Eu não precisava fingir interesse, porque essa coisa era muito mais legal do que a nave em que eu pousei.

A porta da nave se abriu e depois fechou. Eu não me incomodei em me virar quando Sia Xennox saiu, levando Murrox com ele. Meus músculos, que estavam tensos, relaxaram quando seu olhar não estava mais queimando em mim.

Ele deve realmente confiar nos três machos Huren para deixá-los sozinhos com Linnox.

— Que tipo de fonte de energia eles estão usando?—

Aggar questionou, excitado.

— Nada conhecido por Valose, — respondeu Linnox.

— Se você pode detectar quando suas naves se movem, como é que você não derrubou minha nave quando eu deixei o local do acidente?

— Tekkon interveio. — Por que você esperou até eu voltar para

procurar Aggar?

— Nossos guerreiros não desceram a montanha a tempo, — explicou Linnox. — Mas então estávamos em melhor posição para interceptar as duas naves logo depois.

Quando Linnox e Aggar caíram em um monte de jargão técnico, o para-brisa que eu achava inútil começou a clarear.

As nuvens finas se separaram, dando lugar a uma paisagem de outro mundo. Fale sobre suas vistas de cobertura.

Eu cambaleei para trás e caí em um assento no console, incapaz de compreender algo tão surreal. Era como olhar para baixo em terras de um conto de fadas tão alto. Picos irregulares de um azul celeste se espalhavam em uma paisagem cheia de dentes. A densa folhagem de uma exuberante selva de azuis, prateados e brancos engoliu a terra até aonde a vista alcançava.

— Por que tudo em Valose é limitado em cores? —

Perguntei a Vallon que havia reivindicado com entusiasmo o assento ao lado do meu.

— Não toque em nada,— Tekkon o advertiu como um irmão mais velho mandão.

Vallon o ignorou e olhou para mim com olhos que brilhavam como os de uma criança na manhã de Natal enquanto estudava todos os interruptores e botões. — Minha fêmea... Bem, ela ainda não é minha, mas espero que seja logo. Minha Elise me contou tudo sobre sua Terra colorida.

Parece incrível.

— Ela é uma das garotas que Aggar ajudou a resgatar do navio acidentado?

— Sim.— Eu não acho que seu sorriso poderia ficar mais brilhante. — Estou aprendendo a língua dela porque ela fala com as mãos. Ela diz que eu aprendo rápido.

Vallon demonstrou uma amostra da linguagem de sinais americana em movimentos rápidos e fluidos. Minhas mãos se levantaram e sem pensar duas vezes, eu respondi. A única explicação lógica era a memória muscular. Parece que usei ASL em minha vida cotidiana, da

mesma forma que as técnicas de autodefesa que usei em Aggar quando escapei dele.

Eu estava começando a me lembrar de pedaços aleatórios da minha vida, pré-abdução, mas nada disso parecia sequencial e só me deu dor de cabeça tentando juntar os grãos dos eventos.

— Você conhece a linguagem das mãos!— Vallon sorriu para mim com admiração sincera. — Nenhuma das outras fêmeas pode falar isso. Só você e Elise.

Havia algo tão aberto e honesto em seu rosto que me lembrava tanto o de uma criança, mas ele era adulto e quase tão alto e largo quanto Aggar.

— Posso te perguntar uma pergunta pessoal?

— Certo.— Desinibido, ele levantou um ombro.

— Quantos anos você tem, Vallon?

— Vinte e seis anos de idade.

Eu supunha que um yron era uma volta planetária ao redor do sol, o mesmo que os trezentos e sessenta e cinco dias que a Terra levou.

— E quantos anos tem Aggar?

— Setenta e dois yerons.

Virei a cabeça e olhei por cima do ombro. Aggar estava inclinado sobre o console, olhando mais de perto as telas. Eu o tinha visto nu, e ele não parecia ter mais de vinte e cinco anos. — Quanto tempo vocês todos vivem?

— O homem mais velho que conheço viveu seiscentos e trinta e dois anos.

— Uau! Sério?

— Sim.— Vallon inclinou a cabeça. — Quantos anos você tem?

— Eu abri minha boca para responder, mas fechei e franzi a testa. — Eu não sei. Não consigo me lembrar de nada antes do acidente.

— Oh, desculpe.— O rosto de Vallon se contorceu com simpatia. — Isso deve ser difícil para você.

Eu teria concordado com ele alguns dias antes de conhecer Aggar. Agora que estava com meu guerreiro, não me sentia mais sozinha. Com Aggar ao meu lado, lembrar do meu passado não parecia mais tão terrível.

— O que vocês dois estão gritando aqui?— Aggar estava atrás de mim, possessivamente colocando suas mãos em meus ombros.

Seu toque formigava sobre minha pele como um bálsamo calmante. Eu não sabia quando Aggar se tornou minha rede de segurança, mas sempre que ele estava perto, eu me sentia confortada como se nada pudesse me machucar.

— Apenas conversando com meu novo amigo. Coloquei minhas mãos sobre as de Aggar, prendendo-as ali.

Vallon sorriu para mim.

— Linnox fez um ping para Sia Xennox, — disse Aggar.

— Ele está mandando um de seus machos trazer nossas matilhas. pode descobrir mais sobre nosso inimigo.

— Eu quero ajudar,— eu me apressei.

Depois de ser trancada na prisão da caverna com pouco mais a fazer além de lutar contra minha atração por Aggar, eu estava pronta para uma distração. Tudo o que eu tinha pensado nos últimos dias era deixá-lo nu.

Agora que eu tinha uma melhor compreensão do que um espírito gêmeo implicava - sexo sendo o catalisador - eu não tinha certeza se estava pronta para ser acasalada por toda a vida com um cara elfo prateado que eu mal conhecia quando estava apenas começando a entender, me conhecer. Aquela pressão quente atrás do meu esterno mexeu como se discordasse.

As mochilas voltaram, Aggar pegou o tablet que usamos para ler o chip cheio de diários baixados da nave acidentada.

— Sem comunicação,— Aggar bufou, ainda vasculhando a bolsa.

— O meu também está um pouco leve,— Tekkon resmungou. — O clã Jurigon manteve mais do que nossas malditas comunicações.

Vallon cedeu seu lugar para Tekkon no console e Aggar me levantou

do meu assento e sentou comigo em seu colo.

Seu corpo grande e quente envolveu o meu. Com as duas mãos no console, acionando interruptores e apertando botões para dar vida aos bancos de dados da nave, fui enjaulada por braços enormes. Eu me acomodei e aproveitei minha cadeira musculosa.

Linnox juntou-se, mostrando a Aggar e Tekkon o que ele já havia descoberto sobre a nave. Quando ele abriu os diários, o texto das telas parecia diferente do que estava no navio acidentado.

— Não conseguimos traduzir nada disso, mas havia muitas imagens da vida cotidiana dos Valosianos, —

explicou Linnox. — É por isso que sabemos que eles estavam coletando informações sobre nós.

— Como não podemos ler o idioma, minha mulher muito sábia teve a ideia de anexar o tradutor do Gretolic ao tablet enquanto estiver no modo de leitura, — Aggar cantou meus elogios, me aquecendo de dentro para fora. — Conseguimos traduzir o texto coletado do navio acidentado dessa maneira.

— Engenhoso, — Linnox cortou os olhos na minha direção, mas desviou o olhar rapidamente. Eu tinha a sensação de que Aggar iria sorrá-lo se ele olhasse por muito tempo.

Aggar inseriu um chip de dados vazio no console da nave e baixou os diários enquanto Tekkon se ocupava percorrendo as imagens que os alienígenas haviam capturado.

— Por todos os Espíritos,— Vallon ofegou.

Tekkon ampliou uma cena congelada no tempo. O ar ao meu redor parecia ter engrossado com a dor. Um homem e uma mulher caminhavam, de mãos dadas, por um caminho cortado por estruturas de madeira que pontilhavam a paisagem de uma aldeia.

A fêmea estava sorrindo para algo que o macho havia dito. No centro de seus peitos brilhavam desenhos

combinando em um padrão rodopiante – a shawra que Aggar havia me falado. Fui atingido por uma pontada de inveja.

Tekkon rolou para a próxima imagem e depois para a próxima. Era mais a vida da aldeia, pintando um quadro de como os Valosianos

viviam. E as fêmeas eram todas lindas.

Elas tinham longos cabelos prateados como os homens, a maioria usando penteados elaborados em coques.

Um complexo de inferioridade, eu não tinha percebido que existia, rugiu para a vida. Eu me mexi desconfortavelmente no colo de Aggar me sentindo indigna do homem que me deu tanta atenção.

Tekkon rolou novamente e Aggar endureceu. Apanhados no meio do balanço estavam dois machos empunhando espadas no meio de um campo de grama branca. Na fronteira havia mais homens com espadas.

— O campo de treinamento,— Tekkon murmurou e deu um zoom em um rosto que eu vinha estudando há dias.

— É você.— Eu virei meus olhos para Aggar.

— Foi tirada antes do germe dizimar nossas fêmeas. E

mesmo antes da última guerra com os Nuttaki, — disse ele.

— Aquele era o campo de treinamento do guerreiro dentro da cidade original de Huren. Eu estive lá pela última vez com Sia Jakkar e os outros exilados apenas alguns nascer do sol atrás.

— Agora que eles se mudaram, todos eles ainda devem estar em segurança dentro das Cavernas dos Anciões, —

disse Tekkon. — Precisamos fazer contato, para que eles não enviem outro grupo de busca.

— Sia Jakkar não faria isso, — comentou Aggar. — Ele queria que nos juntássemos às fileiras para ajudar a proteger as fêmeas.

— Sim,— Tekkon concordou. — Mas uma vez que foi determinado que você não estava seguindo, ele não hesitou em enviar a mim e Vallon procurando por você.

— São três guerreiros caídos, — argumentou Aggar.

— De jeito nenhum ele arriscaria outro grupo de busca.

— Talvez você esteja certo, — disse Tekkon. — Mesmo assim, precisamos voltar ao nosso clã.

- Concordo. — Aggar liberou o chip baixado com os diários Gretolic.
- Falarei com Sia Xennox sobre a devolução de nossas comunicações.

Aggar inseriu o chip no tablet, colocou-o para ler em voz alta e esperou. A voz eletrônica que soou estava em um dialeto bizarro e não se traduzia em nada que pudéssemos entender.

— Algo não está certo.— Aggar mexeu no tablet e reiniciou o recurso de leitura em voz alta. A mesma linguagem estranha tocava. Quanto mais ouvíamos, mais as palavras começavam a ser traduzidas.

— Por que um dispositivo Gretolic está tendo problemas para ler texto Gretolic? Talvez o tradutor esteja com defeito,— eu ofereci. — Tente um diferente.

Aggar fez como eu sugeri, sem resultado melhor. — O

texto não é Gretolic.

— O que mais poderia ser?— Tekkon ergueu as mãos.

— Estamos sentados dentro de um navio Gretolic.

Eu me empurrei do colo de Aggar e deixei de lado minha admiração pela nave, olhando para os meus arredores com um olhar exploratório. Assim como a memória muscular da ASL que usei como uma segunda língua, deixei meus instintos virem à tona. Havia muitas diferenças entre esta nave e a nave acidentada, além de ser menor em tamanho.

— Esta não é uma nave Gretolic,— eu disse o que deveria ser óbvio para todos nós.

— O quê?— Os olhos de Aggar me seguiram enquanto eu me movia pela nave e de repente se estreitaram em alarme. — Por que você diria isso?

— Por um lado, os assentos têm o dobro do tamanho do corpo esguio de um Gretolic. Por outro, o texto naquela tela não é o mesmo que vimos nas telas do navio acidentado.—

Como se para provar meu ponto de vista, o tradutor Gretolic ligado à tabuinha continuou a tropeçar nas palavras alienígenas que ainda tocavam no fundo. Foi como se minhas primeiras palavras fossem trocadas com Aggar; os

dispositivos de tradução que usamos levaram um tempo para aprender

a língua antes que nossas palavras fizessem sentido umas para as outras.

— Ela está certa,— Aggar trocou um olhar perturbado entre os outros machos.

— Se este navio não é Gretolic, então o que é?— Linnox perguntou.

— Eu não sei,— Aggar respondeu e se levantou. — Mas precisamos de nossas comunicações agora mais do que nunca. Onde podemos encontrar Sia Xennox?

— Vou pedir uma escolta para levá-lo até ele,— Linnox ofereceu.

— Espere.— Eu balancei minha cabeça e então esfreguei minha testa.

— Sou um idiota. Por que não pensei nisso antes? O que aconteceu com os alienígenas que derrubaram está nave em sua montanha?— Perguntei a Linnox.

— Dois morreram no acidente. O terceiro foi morto pelos guerreiros que vieram investigar quando o acidente ocorreu pela primeira vez.

— E os corpos? — Eu investiguei. — Onde eles estão?

— Queimado em cinzas há muito tempo.

— Merda.— eu amaldiçoei. — É possível para mim questionar esses guerreiros?

— Envie a primeira onda de Gretolics para se infiltrar, —

a voz desencarnada gritou do tradutor preso ao tablet que Aggar ainda segurava.

Capítulo Doze

AGGAR

Eu fiquei perto de Jane quando ela foi autorizada a questionar os guerreiros Jurigon que fizeram o primeiro contato com os alienígenas a bordo da nave de reconhecimento presa no pico do Monte Jurigon.

Enquanto ela demonstrava suas habilidades de sua vida na Terra como detetive, isso me lembrou de como Dragger interrogava testemunhas para descobrir a verdade. Um dever adicional dado aos guerreiros mais experientes; ele às vezes era chamado para resolver o crime ocasional na cidade de Huren.

— Eles eram tão altos, — o guerreiro, Verrok, levantou a mão na altura do peito. — Com olhos enormes e pele cinzenta.

— Seus olhos não eram minúsculos e juntos dentro de uma cabeça bulbosa? — Jane perguntou novamente.

— Não, — Verrok falou definitivamente. — Eu nunca esquecerei suas formas grotescas enquanto eu viver. E eles eram cinza escuro, não o cinza claro e doentio como você descreveu.

— Eles eram mais ou menos do mesmo tamanho que você, — outro guerreiro, Tinnot acrescentou, gesticulando para Jane. — Você sabe, mais ou menos a mesma altura e musculatura.

Antes que o diário da nave de reconhecimento fosse traduzido, Jane estava certa em sua teoria. Havia mais de uma raça inimiga que se aventurou em Valose. Essas criaturas estavam claramente no comando, gritando ordens para os Gretolics pouco antes de sua colisão acidental com o topo da montanha Sia Xennox.

Havia horas e horas de anotações no diário, tanto da nave Gretolic acidentada quanto da nave de reconhecimento, para analisar. Linnox se ofereceu para ajudar, mas eu ainda não estava pronto para confiar totalmente em nenhum dos membros do Clã Jurigon.

E se Linnox retivesse informações das entradas que ele ouvia? Então, isso deixou nós quatro vasculhando as entradas de diário e aprendendo o máximo possível sobre esses alienígenas.

Então, novamente, eu não poderia descartar o fato de que Linnox tinha sido direto com o que ele descobriu estudando os scanners da nave de reconhecimento e apontou várias naves espaciais que ele

encontrou.

Havia dois sob a cúpula dentro da cidade de Huren. Eu só conhecia um. O menor dos dois pertencera a Sia Sakkar.

Ele havia sido projetado e construído por Hexxus, o gênio residente de Huren. Ou então eu pensei. A assinatura de calor da fonte de energia de um alienígena, que Jane chamou de vermelho, desmentia a criação milagrosa de Hexxus.

Me enojou saber que meus próprios membros do clã estavam trabalhando com os Gretolics. E bem debaixo de nossos narizes dentro de uma cúpula que eu sabia com toda certeza que tinha sido criada por mãos alienígenas.

Depois havia essas naves menores – o que parecia ser uma centésima – todas agrupadas no campo de treinamento.

Linnox disse que aqueles permaneceram principalmente dentro da cúpula. Apenas alguns foram vistos saindo.

Ele apontou a nave acidentada onde Jane e as outras fêmeas foram encontradas. Espalhadas dentro dos destroços havia assinaturas de energia menores, indicando o que imaginei serem as naves esféricas que Jane apelidou de naves-bolha.

A última grande espaçonave que Linnox apontou foi a mais chocante. Eu ainda estava processando o fato de que havia uma nave Gretolic aninhada dentro da Floresta de Trisess. Quando tinha pousado?

O clã Trisess era um povo esquivo da floresta. Nenhum tinha sido avistado em yerons. Até onde eu sabia, todos haviam perecido pela teimosia de sua Sia, Havvar.

Havvar e Sia Emmar, senhor de Jakkar e Sakkar, nunca chegaram a um acordo sobre as linhas territoriais nas áreas de caça dos Huren. A impressão que tive foi que Sia Havvar deixaria seu clã morrer de fome em vez de negociar.

Agora, mais do que nunca, eu precisava entrar em contato com Sia Jakkar. Andei de um lado para o outro, atrás de Jane na caverna onde ela estava questionando os guerreiros como um rexose enjaulado. Eu não era um homem conhecido por sua paciência ao esperar algo que não deveria demorar, mas um mimo.

Eu pedi a Sia Xennox para retornar nossas comunicações e ele

concordou. No entanto, aqui estava eu, no que pareceu um hur depois, e ainda de mãos vazias.

Vallon e Tekkon não pareciam menos ansiosos, inquietos e mudando seu peso de um pé para o outro.

Jane estava terminando seu interrogatório quando eu a interrompi abruptamente. — Por que em Helios ninguém notou a diferença entre os alienígenas dentro da nave de reconhecimento e o menor Gretolic's Sia Xennox alegou ter sido encontrado por seu clã escondido dentro das minas de nutrillium?

O maior dos dois guerreiros, Verrok, rolou seus ombros pesados antes de se aproximar de mim com escamas brilhantes e agressão enjaulada. Eu dei uma reviravolta nos meus ombros também e estalei meu pescoço. Se esse filho da

puta estava ansioso por uma briga, eu estava mais do que disposto a obedecer.

— Você está chamando Sia Xennox de mentiroso?—

Verrok não parou até estar bem dentro do meu espaço pessoal.

— Não. Estou questionando a inteligência de seus membros do clã.— Eu nem sequer vacilei quando seus lábios se abriram em um rosnado destinado a intimidar.

— É mesmo?— Verrok retrucou. — Talvez eu devesse estar questionando o seu em vez disso.

— E por que isso?— Eu rebati.

— Aqui está você com a única mulher que vimos em Munthis que você afirma ser sua companheira espiritual.

Mas ela não tem shawra.

— Jane é uma humana e precisa de mais tempo, — eu me irritei. Minhas escamas estão quentes com cores piscando. — Meu espírito gêmeo não está em discussão.

— Ou talvez você não seja macho o suficiente para acasalar com ela.

— Nós estamos realmente fazendo essa briga no pátio da escola, cavalheiros?— Jane se colocou entre nós enquanto eu cerrei meus punhos e me preparei para dar um golpe que deixaria esse filho da

puta do Jurigon sem sentido. Enquanto ela se enfiava entre nós, seu pequeno corpo era a única coisa que poderia ter me separado da minha fúria.

— Diga mais alguma coisa sobre minha companheira e você estará pegando suas malditas presas do chão, rastreador de cavernas!— Eu assobieei quando Jane colocou as palmas das mãos no meu peito e me cutucou para trás.

Tekkon e Vallon ergueram uma parede de músculos entre mim e Jane quando o membro do clã de Verrok entrou ao lado dele.

— Isso não está acontecendo, meninos,— Jane gritou acima do crescendo de rosnados. — Chega! Se você quer seu planeta de volta dos alienígenas, é melhor vocês aprenderem a lutar juntos e não uns contra os outros.

— A humana está certa.— A voz retumbante de Murrox silenciou a caverna. — Podemos retomar a luta entre nossos clãs depois de esmagarmos a infestação alienígena.

— Você trouxe meu comunicador, Jurigon?— Eu exigi.

Murrox jogou o aparelho quadrado para mim com um movimento do pulso. Eu o peguei no ar e acionei o comunicador que Sia Jakkar havia me contatado por último.

Draggar respondeu.

— Onde você está?— Draggar latiu.

— Dentro das montanhas Jurigon com Tekkon e Vallon...

— Eu sei, idiota,— Draggar interrompeu. — Estamos aqui esperando que você mostre suas caras feias.

— Espere o quê?

— Siga-me, — foi tudo o que Murrox disse antes de sair da sala.

— Vamos continuar de onde paramos.— Fiz uma careta para Verrok e deixei Jane me puxar pela mão até o corredor para seguir Murrox. Vallon e Tekkon vieram atrás de nós.

— Estou ansioso por isso.— Verrok estalou os dedos.

— Vocês dois podem parar,— Jane resmungou. — Onde você está nos

levando, Murrox?

— Um andar abaixo,— Murrox respondeu

abruptamente.

Eu puxei a mão de Jane, diminuindo a velocidade de onde ela estava liderando o caminho. — Você está tornando difícil para mim protegê-la quando você se coloca na frente, mulher.

— Volte a agir como um adulto em vez de um adolescente em um concurso de mijo e eu vou fingir ser uma donzela em perigo.— Ela sorriu para mim com força.

Eu não entendi todas as suas palavras, mas seu tom falou muito sobre seu descontentamento.

Descendo um lance de degraus curvos, viramos no corredor que levava a um conjunto de portas duplas. Murrox abriu uma metade e gesticulou para que entrássemos.

Permaneci desconfiado de nossa nova liberdade dentro do Monte Jurigon e empurrei Jane atrás de mim antes de espiar dentro da grande sala.

— Como estão todos vocês aqui?— Eu endureci, não entendendo a sala cheia de membros do meu clã.

Sem esperar por uma resposta, Vallon passou por mim e imediatamente foi para o lado de Elise. Eles se cumprimentaram usando a linguagem manual que Elise estava ensinando a ele.

— Emboscado por aquele fodido Jurigon e seus comparsas.— Draggar se aproximou, cortando a mão em Murrox.

Apertamos os antebraços, cumprimentamos e mostramos respeito entre os guerreiros.

— Não entendo.— Eu compartilhei um olhar entre Draggar e Murrox.
— Emboscado?

— Nós estávamos em movimento depois que as Cavernas dos Anciões foram consideradas inseguras, —

começou Draggar. — O clã Jurigon nos agarrou e nos trouxe aqui.— Draggar virou os olhos frios para Murrox. — Depois que este negócio com os Gretolics terminar, o Clã Jurigon pagará por apontar lanças de

nutrone para nossas fêmeas.

— Você teria vindo de bom grado se tivéssemos pedido gentilmente?

— Murrox contra-atacou.

— Eu nunca vou confiar no Clã Jurigon,— Draggar sibilou. — Isso ainda pode ser uma armadilha.

— Nós estendemos nossas desculpas.— Murrox curvou-se, zombeteiro.

— Ações falam mais alto que palavras, rastreador de cavernas.

— No entanto, aqui está você.— Murrox acenou com a mão para baixo. — Vivo e ileso, habitante da selva. Nossas lanças de nutrone poderiam facilmente ter destruído todos vocês sem sequer suarmos.

— A arma dos covardes.— Draggar estalou os dedos.

— Enfrente-me com aço Valosiano e eu poderia pensar que você é digno dos Espíritos.

— Diga a hora e o lugar, morador da selva.— Murrox levantou o queixo.

— Jesus Cristo!— Jane resmungou atrás de mim.

— Por que vocês não se borrifam com testosterona e superam isso?

— Minha Marie gostaria muito de conhecê-lo como todas as mulheres gostariam.— Draggar inclinou a cabeça para Jane olhando em volta do meu ombro.

— Sua Maria?— Então notei sua shawra. Não a cicatriz tênue de um amor perdido, mas o brilho suave de um novo.

— Você tem um segundo companheiro espiritual? Como?

— Eu mesmo não entendo, mas os Espíritos acharam adequado me presentear com Marie. Eu pensei que meu coração auxiliar estava morto há muito tempo até que ela me despertou pela segunda vez.

Como se Draggar a tivesse convocado, Marie navegou pela multidão de exilados hurens que sufocavam a sala. Seu sorriso era brilhante enquanto ela se dirigia para ele.

— Eu estava ficando solitária.— Marie só tinha olhos para Draggar enquanto envolvia os braços ao redor do guerreiro cheio de cicatrizes.

— Bem-vindo de volta, Aggar.

— Marie me notou pela primeira vez. — Nós temos que dizer a Rose. Ela está realmente preocupada com você quando você não voltou para as cavernas.

— Fomos derrubados, — eu disse. — Então me trouxeram aqui.

— Sim. Esses idiotas nos tiraram da selva e nos trouxeram aqui também.— Marie olhou para Murrox então viu Jane espiando atrás de mim. — Oh. Olá, estranha.

— Esta é Jane.— Eu envolvi meu braço ao redor de seus ombros e a empurrei para frente. — Jane, esta é a companheira de espírito de Draggar, Marie.

— Por que você a escondeu, Aggar? Seu bobo gigante.—

Marie se desvencilhou dos braços de Draggar e se aproximou. — Você é a garota que superou Aggar.

— Sim. Era eu.— Jane se inclinou para mim, então eu apertei meu braço ao redor dela. — Aggar me contou um pouco sobre todas vocês.

— Uh, oh.— Os olhos de Marie se arregalaram. — Aggar e eu começamos com o pé errado, então posso imaginar que foi tudo ruim. Provavelmente verdade, mas ruim.

Jane riu um pouco. — Não, não foi ruim. Ele tinha coisas boas a dizer sobre todas vocês.

Marie colocou as mãos nos quadris e franziu os lábios.

— Agradável?— Ela olhou para mim. — Aggar, você não pode sair por aí falando merda assim sobre mim. Eu tenho uma reputação como uma vadia de ferro fundido para manter.

Eu não entendi todas as suas palavras, mas seu tom era leve e provocador.

— O que você fez com Marie?— Eu me virei para Draggar. — Ela melhorou consideravelmente desde a última vez que a vi.

— Eu sei como agradar meu espírito gêmeo.— Draggar deu um tapa no traseiro de Marie, o que lhe rendeu um tapa brincalhão no peito.

— Brincadeiras à parte, estou feliz que você não esteja mais sozinha

naquela nave espacial de merda.— Marie reuniu Jane para um abraço solto. — Venha conhecer as outras garotas, Jane.

Jane olhou para mim com algo entre ansiedade e apreensão. A timidez repentina de Jane me fez desejar mais do que nunca que já tivéssemos um vínculo. O desejo de

sentir seu espírito dentro de mim era quase doloroso. O

desejo de saber o que ela estava sentindo, uma agonia saudosa.

— Estou bem aqui com você, — eu sussurrei para ela.

Isso pareceu acalmá-la. Minha mulher forte retornou meu olhar como se eu pudesse enfrentar o mundo e vencer.

Era uma coisa inebriante ter alguém tão independente querendo se apoiar em mim.

— Há uma mesa de comida montada no fundo da sala.—

Marie nos mostrou o caminho. — Todas as garotas estão comendo. Espero que essas cadelas não tenham comido toda a carne que tem gosto de frango assado.

Fui recebido com acenos e tapinhas nas costas enquanto abríamos caminho pela multidão de meus membros do clã.

Marie encontrou um lugar vazio para Jane. Fiquei atrás dela enquanto todas as garotas se apresentavam e colocavam um prato para ela em uma mesa digna de uma Sia.

No momento em que os olhos de Rose encontraram os meus, ela saltou da cadeira e correu. — Estou tão feliz em ver que você está bem. Você me deixou preocupada.

— É bom ver você de pé novamente.— Eu recuei para olhar para ela.

— Graças à você.— Rose me abraçou. — Lily me contou como você salvou minha vida. Você não deveria ter se colocado em tal perigo por mim.

— Sim, eu deveria. Você é como minha irmãzinha.

— Irmã de outro senhor,— Rose riu.

Jane se virou em seu assento com olhos questionadores.

— Jane, esta é a Rose de quem eu te falei.

— Estou feliz em colocar um rosto com um nome, —

Jane sorriu.

As meninas caíram em uma conversa fácil como se fossem amigas desde sempre. Um macho que eu não tinha visto em munthis estava de um lado conversando com Nullar. Virei-me para Draggar para obter respostas.

— Maxxon viaja com os exilados agora? O que eu perdi?

— Muito. Maxxon encontrou Amy perdida na selva depois que ela escapou de Rayyar e a trouxe para nós junto com um batedor chamado Tikkot do Clã Trisess, — disse ele. — Tanto Layla quanto Rayyar ainda não foram encontrados. Quando os idiotas de Jurigon nos emboscaram, Isobel desapareceu na selva junto com o batedor.

— Clã Trisess? Eles vivem?

— Aparentemente. Amy e Maxxon passaram algum tempo com aqueles alpinistas de árvores. O batedor, Tikkot, disse que as cavernas não eram mais seguras porque sempre que usávamos nossos comunicadores, os Gretolics podiam

rastrear os sinais, — Draggar continuou. — Zikkar está trabalhando para embaralhar os sinais de nosso comunicador para que, quando os usarmos novamente, eles não possam ser rastreados. A convite de Sia Havvar, estávamos a caminho de um refúgio na Floresta Trisess.

Pensei na espaçonave escondida nas árvores da floresta e meu estômago afundou. — Algo não está certo. Onde está Sia Jakkar?

— Na sala ao lado com Nekko e Sia Xennox.— Draggar endureceu. — Por quê. O que há de errado além do fato de estarmos dentro do Monte Jurigon acotovelando-se com um de nossos clãs rivais?

— O clã Trisess não está tramando nada de bom,— eu rosnei. — Ainda bem que você não conseguiu. Há uma espaçonave Gretolic escondida no meio da floresta.

— Eu tive um mau pressentimento sobre aquele filho da puta escalador de árvores,— Draggar zombou. — Como você sabe que a nave está lá?

— Há uma nave alienígena presa na lateral desta montanha. Eu estive dentro dela e vi no scanner a localização das naves Gretolic em Valose. Preciso falar com Zikkar.— Fiquei na ponta dos pés e tentei encontrar o macho dentro da sala lotada.

— Eu sei onde encontrá-lo, — disse Draggar. — Espere aqui.

O guerreiro com cicatrizes desapareceu na multidão assim que uma porta à minha direita se abriu para revelar Sia Jakkar. Ele me chamou e eu endureci. Jane percebeu e apertou minha mão.

— Aquele é Jakkar?— Jane perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Vá em frente, — ela me assegurou. — Estou bem aqui com as meninas. Vá cuidar de seus negócios.

Nós nem tínhamos nos ligado, e ainda assim, Jane sabia o quanto eu estava ansioso para encontrar meu Sia depois de trair meu clã para os Jurigon.

— Ele vai entender,— ela empurrou. — Agora vá falar com ele.

Forcei meus pés a me levarem até onde Sia Jakkar estava esperando. O que minha Sia pensaria de mim quando eu lhe contasse da minha traição. Antes que eu pudesse abrir a boca, Sia Jakkar me puxou para um abraço forte.

Com um tapinha firme nas minhas costas, ele se afastou.

— Eu sei o que você vai dizer. Não.— Sia Jakkar ergueu a mão. — Sia Xennox já explicou. Embora eu não esteja satisfeito com os maus tratos de meus guerreiros, dadas as circunstâncias, tenho que cerrar os dentes e me colocar nas botas de Xennox. Não há desonra para nenhum de vocês.

Vocês foram forçados a falar .

Cada grama de ar foi sugado para fora da sala e em meus pulmões. Minha cabeça ficou um pouco leve de alívio.

Sia Jakkar era um homem que eu mais respeitava.

Decepcionar meu Sia seria quase tão ruim quanto se eu tivesse decepcionado meu pai falecido.

Agora que eu podia respirar de novo, tudo que eu estava esperando para dizer a ele veio correndo. Zikkar se juntou a nós e escutou com os ouvidos atentos.

Nenhum detalhe foi poupado enquanto eu contava o que Tekkon, e eu havia aprendido a bordo da espaçonave do acidente. De como Jane descobriu como traduzir os textos do diário que nos levaram a descobrir por que a nave caiu.

— Foi abatido por um inimigo dos Gretolics chamado Yulineons, — continuei. — Uma vez que Sia Xennox decidiu que éramos confiáveis, ele nos deu acesso à nave de reconhecimento. Usando a descoberta de Jane, fomos capazes de decifrar o texto. Os Gretolics estão recebendo ordens de outra raça.

— No próximo nascer do sol, quero que você e Zikkar naquela nave de reconhecimento aprendam o máximo que puderem sobre quem está liderando os Gretolics.

Capítulo Treze

JANE

Eu não conseguia parar de olhar para a shawra espreitando por cima do vestido de kilt de Lily enquanto ela contava a história de sua fuga brutal de uma das gaiolas de metal que eu me lembrava de ter visto vazia no navio.

Outra garota, Amy, entrou na conversa enquanto acariciava um grande gato listrado de prata enrolado em seu colo, expressando como estava preocupada com Isobel, uma garota do grupo que desapareceu quando o Clã Jurigon os levou cativos e os trouxe para dentro. a montanha. Seu shawra brilhava fracamente sob o tecido fino de sua blusa.

No momento em que vi a imagem da mulher valosiana na tela da nave de reconhecimento com seu companheiro espiritual, fui inundada de inveja. Aquela estranha agitação atrás do meu esterno aumentou, queimando com uma necessidade sem resposta, e esfregar não ajudou a aliviar a dor.

Elise bateu no meu braço para chamar minha atenção.

Ela estava conversando muito desde que Vallon disse a ela que eu conhecia sua *'linguagem manual'*. Era como se ela tivesse guardado tudo o que queria dizer em segredo e agora

que tinha alguém com quem conversar, ela precisava dizer até a última palavra.

Algo na maneira como suas mãos voavam enquanto ela falava, excitada, parecia familiar. A agulhada de uma memória ameaçou emergir. O rosto de uma garotinha com cabelo loiro como o meu brilhou na frente dos meus olhos.

Foi tão frustrante que eu não consegui segurar a imagem, mas a sensação residual que me deixou foi de partir o coração.

— ... teria ficado aterrorizada naquela nave sozinha. Eu só me lembro de pedaços sobre os alienígenas. Era mais como relembrar um pesadelo... — Elise de repente fez uma pausa, e seu rosto caiu. — Eu sou um idiota. Aqui estou eu divagando sobre memórias perdidas quando você está passando por coisas piores. Eu sinto muito.

Elise tocou meu braço com uma simpatia que eu não queria. Ela era

tão doce, mas eu não queria que ninguém sentisse pena de mim. Eu passei por muita coisa sozinha antes de Aggar me prender. Então, ele e eu passamos por uma prisão aconchegante juntos. Eu era uma garota de tamanho médio, mas possuía uma força interior que não exigia uma festa de piedade.

— Você não tem nada para se desculpar,— eu gesticulei para Elise. — Sinto muito pelo que aconteceu com você. Para todos nós.

— Eu também,— Elisa respondeu.

— Eu não vejo como você conseguiu entrar nas paredes e se esconder.
— Marie desviou minha atenção de Elise.

Outra garota, Willow, entrou na conversa: — Eu sei! Isso foi genial.

— Eu gostaria que você não tivesse fugido de Aggar, —

acrescentou Rose. — Você poderia ter estado conosco o tempo todo.

Todas as garotas começaram a tagarelar e estavam competindo pela minha atenção, querendo saber cada detalhe das minhas desventuras antes de conhecê-las. E

estava ficando demais. Ser o centro das atenções de tantos rostos novos depois de ficar tanto tempo na solitária, era tudo um pouco esmagador.

Desde que recuperei a consciência em uma nave espacial caindo, minha vida tinha sido um turbilhão. Eu tinha sido forte o suficiente e precisava de alívio. Apenas um momento de calma para me orientar.

Caí de exaustão desejando que os braços fortes de Aggar me pegassem e seu hálito quente banhasse meu pescoço com palavras de conforto.

Eu precisava do meu consolo de prata.

Olhei para o lugar onde o tinha visto pela última vez, conversando com Jakkar, mas a multidão o engoliu. O

pânico era como uma das mãos em volta da minha garganta.

A sala ficou ondulada enquanto eu o procurava na multidão.

Havia tantos machos Valosianos circulando, era como uma convenção élfica.

— Ah, querida.— A voz de Lily de repente estava bem ao meu lado. — Não chore.

— Eu encontrarei Aggar.— Rose saltou de seu assento e decolou no meio da multidão.

Eu estremeci quando alguém enxugou meus olhos vazando com um pano macio. — Eu tenho você, Jane.— Era a descarada Marie falante cuja boca não tinha filtro. Eu gostava disso nela. — Aggar está vindo.

Eu não podia acreditar que estava desmoronando de dentro para fora. Eu era mais forte do que isso. Aqui eu estava me apoiando no decote macio de Marie enquanto ela dava tapinhas nas minhas costas, fazendo barulhos para me acalmar. Não importa o quanto eu tentasse, eu não conseguia conter as lágrimas. O lampejo da garotinha loira me assombrou. A provocação de uma memória fora de alcance.

Segundos depois, braços fortes me agarraram e eu estava sendo carregada pela pessoa que eu mais queria. O

cheiro picante de Aggar encheu meu nariz enquanto eu enterrava meu rosto na curva de seu pescoço.

— Agora você pode se acalmar,— Aggar sussurrou.

— Você está segura.

Uma porta se abriu e fechou. Então, eu estava sendo acomodada em seu colo enorme e embalada como uma carga preciosa. As lágrimas continuaram caindo. A garotinha loira tinha sido o catalisador da minha fraqueza repentina. Havia algo sobre ela que me deixou vazia.

Minha força retornou quanto mais eu me sentei no conforto da presença de Aggar. Eu funguei e descansei minha cabeça em seu ombro musculoso. Ele inclinou a cabeça e descansou em cima da minha. Seu cabelo sedoso fez cócegas na minha bochecha.

Eu podia pensar com mais clareza no aperto de seu abraço. Quando a memória começou a se solidificar, meu coração se partiu novamente.

— Se sentindo melhor?— A voz de Aggar era o bálsamo que eu precisava para meus nervos afiados.

— Desculpe por ser tão covarde,— eu funguei.

— Lembrei-me de alguém do meu passado. A enxurrada de emoções

que veio com ela foi demais.

Eu levantei minha cabeça e olhei em um par de olhos claros e rodopiantes. — Quem era?

— Minha irmãzinha, Amelia.— Meus lábios tremeram quando seu nome saiu. — Ela nasceu com deficiência auditiva. É por isso que eu sei linguagem de sinais.

— O que aconteceu com ela?

— Foi.— Limpei o nó que se formou na minha garganta.

— Ela se foi. Desapareceu do parquinho da escola sem deixar rastro. Nós nunca descobrimos o que aconteceu com ela. Ela simplesmente desapareceu no ar.

— Isso é horrível, Jane.

— Lembro-me de examinar o arquivo do caso dela para ver se conseguia encontrar algo que eles perderam.— Eu franzi minha testa.
— Tenho a sensação de que é por isso que me tornei detetive, por causa dela.

— Isso faria sentido.— Aggar se mexeu. — Sia Jakkar prometeu às mulheres que desejam retornar à Terra que ele encontrará um caminho para casa.

— Você está dizendo que acha que eu deveria ir embora?

— Eu acho que é sua decisão, minha pequena e feroz sumta.— Aggar segurou meu rosto em suas mãos grandes.

— Eu não vou impedi-la se você quiser voltar e continuar procurando por sua irmã.

Falar sobre Amelia abriu uma comporta de memórias.

Tudo dolorosamente horrível. — Ela tinha oito anos quando desapareceu. Seu caso foi arquivado há muito tempo.

Lembro-me de vasculhar as poucas evidências registradas.

Não há mais nada para eu investigar.

Aggar tocou sua testa na minha. Ficamos assim por muito tempo, apenas respirando um ao outro. Acolhi as lembranças que tinha de

Amelia com o coração pesado. De

alguma forma, eu sabia que Aggar estava pensando na irmã que ele perdeu, Nevva.

— Se esse for o caso e você não puder mais procurar por sua irmã, então, eu preferiria que você ficasse aqui comigo,—

a voz suave de Aggar quebrou o silêncio pesado que se acumulou entre nós.

Agora que eu estava começando a recuperar minhas memórias, eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que todas as peças do meu passado se encaixassem. Até agora, o quadro que estava sendo pintado era sombrio.

E eu era necessária em Valose. Eu poderia fazer a diferença aqui. Eu queria ajudar a resolver o mistério dos Gretolics e seus líderes. De onde eles vieram e o que estavam fazendo neste planeta?

Desde a pira funerária, uma determinação alimentou minha necessidade de vingar as mulheres que morreram por causa de seus sequestros. A justiça precisava ser feita e eu queria fazer parte disso.

Mais do que isso, eu queria meu guerreiro.

— Onde quer que você esteja é onde eu quero estar, Aggar.

Seus olhos se arregalaram de surpresa antes de suavizar em um sorriso brilhante que me tirou o fôlego.

— Eu quero uma shawra combinando.

Aggar jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Você agora, minha pequena e feroz sumta? Você está pronta para ser devidamente acasalada?

Um fogo irrompeu em meu núcleo transformando-se em cinzas quaisquer outros pensamentos que não envolvessem sexo. A mão de Aggar alisou a parte interna da minha coxa para escovar os dedos indagadores sobre o tecido macio que cobria meu sexo. Meus quadris se curvaram com uma lambida de calor, me roubando as palavras.

— Por mais molhada que você já esteja, eu diria que sim.

Aggar rasgou o short que eu estava usando como calcinha para chegar

ao meu sexo. O ar frio atingiu minha carne aquecida rapidamente. Dedos habilidosos brincaram levemente sobre meu sexo inchado antes de deslizar para dentro.

Aggar engoliu meus gemidos, cobrindo minha boca com a dele. Sua língua acariciou a minha no tempo com seus dedos esticando meu sexo em um ritmo que fez meu sangue ferver. O puxão atrás do meu esterno aumentou, e fui abordada com urgência para tê-lo dentro de mim.

— Estamos sozinhos?— Olhei ao redor de um quarto que eu nunca tinha estado antes.

— Sim.— Aggar choveu beijos na minha garganta antes de tirar meu vestido de pele pela minha cabeça. — E nós temos uma porta que se fecha.

Aggar nos sentou na cama, então eu empurrei seus ombros imensos até que ele me permitiu empurrá-lo para trás. Lutei com a fivela que mantinha seu kilt em volta da cintura. Ele moveu minhas mãos para o lado e soltou a fivela para libertar sua enorme ereção.

Eu tinha visto isso uma vez antes na piscina, mas de tão perto, era assustador e erótico. Sua anatomia não era nada parecida com a de um homem. Aggar soltou um suspiro áspero enquanto eu corria as pontas dos dedos fascinadas sobre as lajes de cumes ao longo da espinha que percorria o comprimento de seu pênis sobrenatural.

Quando cheguei à base, envolvi minha mão em torno de sua circunferência. Ele era tão largo; meus dedos não se tocaram. Eu temia que ele me dividisse em dois, mas eu estava muito intrigada com as abas triangulares esvoaçando em uma fileira e imaginando como isso seria contra o meu clitóris para me importar.

Em todos os lugares que meu corpo tocou o dele provocou uma profusão de azuis e pratas em suas escamas.

Deleitei-me em fazê-lo se contorcer sob minhas mãos questionadoras. Montando sua coxa e com minha mão ainda em torno de seu pau, eu trouxe a ponta inchada para minha boca.

— O que você fará?— Aggar perguntou através de respirações ásperas.

Eu sorri para ele e passei minha língua pela ponta de seu pau. — Algo que eu deveria ter feito há muito tempo.

Quero retribuir o favor da beira da piscina.

Ele assobiou e gemeu, flexionando os quadris. — As fêmeas não levam machos em suas bocas.

— No meu planeta elas fazem.— Eu lancei lhe um sorriso perverso. A emoção de saber que eu era seu primeiro boquete me encorajou. A respiração de Aggar estava saindo em rajadas rápidas. — Relaxe, meu guerreiro feroz. Você está em um deleite.— Então, eu chupei a ponta dele em minha boca.

Os céus ouviram o rugido de Aggar. Temi que a montanha caísse sobre nossas cabeças.

Eu puxei tanto dele quanto pude em minha boca sem engasgar e trabalhei o resto de seu eixo pulsante até que ele começou a se debater.

Eu gritei de surpresa quando ele se levantou e, com uma das mãos, me virou de costas. — Você... O que... Como...

Isso tem um nome?

Eu amei que eu o choquei sem sentido. — Muitos nomes. Eu prefiro boquete aos nomes mais coloridos como Bongo Johnny ou gobbling de botão, que soa grosseiro aos meus ouvidos. Ou se você preferir um termo mais técnico, é conhecido como felação.

Os olhos de Aggar percorreram meu rosto como se eu tivesse inventado o chocolate. — Os machos em seu planeta devem estar maravilhados com suas fêmeas. Não é de admirar que você deseje retornar. Eles devem tratá-las como realeza com o que sua boca pode fazer.

— Pffft, não dificilmente.— Só me lembrei de fragmentos de emoções em relação aos homens e nenhum deles foi lisonjeiro. — Eu não quero falar sobre a Terra ou os homens.

Eu quero fazer memórias com você. Faça-me sua, Aggar.

Faça-me seu espírito companheiro.

— Você tem certeza que isso é o que você quer? Não há volta uma vez que o vínculo se formou entre nós. Quando nossos espíritos se unirem, eu sempre serei uma parte de você, e você sempre será uma parte de mim.

— Isso soa mágico e maravilhoso, — eu respondi com o coração leve.
— Tenho certeza, Aggar.

Sem pressa e com uma ternura que rivalizava com sua força, ele alisou dedos calejados na minha bochecha. Meus olhos caíram para seus lábios esculpidos. Eu mal conseguia respirar enquanto enfiava meus dedos em sua crina grossa para segurar sua nuca e puxei-o para mais perto, diminuindo a distância entre nós.

Sua boca sussurrou na minha antes de aprofundar o beijo. Então ele correu para dentro para provar. Nossas

línguas deslizaram uma contra a outra em uma dança divertida.

As coisas esquentaram rapidamente. Ele começou a vibrar — uma vibração de baixo nível no início que se transformou em uma onda pulsante. O puxão atrás do meu esterno girou e respondeu ao seu chamado com uma música própria.

Aggar se acomodou entre minhas coxas. Bebi o calor de suas escamas brilhantes, alargando minhas pernas dando-lhe as boas-vindas. Alcançando entre nós, ele alinhou a ponta de seu sexo com o meu. Eu rolei meus quadris em consentimento tácito.

Aggar quebrou nosso beijo, olhando para mim. No começo, eu estava preocupada que meu corpo não acomodasse o dele, mas as pétalas do meu sexo floresceram enquanto ele se alimentava lentamente por dentro de mim.

Eu estava gloriosamente cheia, saboreando a sensação extraordinária de sua anatomia alienígena. Foi quando as abas triangulares saíram para tocar, varrendo meu clitóris.

Eu fiquei selvagem, ondulando embaixo dele quando ele começou a empurrar em um ritmo lânguido. Seu tamborilar tornou-se uma vibração pesada que senti em cada célula do meu ser. Então o puxão no meu peito atingiu seu zênite e eu arqueei minhas costas para libertá-lo.

Uma luz suave e azul irrompeu entre nós no auge do meu prazer. Aggar havia acelerado o passo e estava se segurando acima de mim com os braços estendidos. Seus quadris balançando livres em uma dança primitiva quando o ar ao redor se acendeu. Choques elétricos passaram pela minha pele quando meu corpo explodiu de dentro para fora e meu mundo se despedaçou em um milhão de minúsculos pedaços de luz.

Aggar ficou tenso acima de mim antes de desmoronar em uma pilha ofegante. Apoiando-se nos cotovelos, ele ergueu seu peso para não me esmagar e acariciou meu pescoço de uma forma que me fez rir.

— Você está bem e verdadeiramente acasalada agora, minha pequena e feroz sumta.— Ele beijou a ponta do meu nariz e ternamente passou a mão sobre meu novo shawra brilhante que combinava com o dele.

— Sim. Alguma coisa, eu tenho certeza que sentirei por dias.— Eu provoquei. A pulsação entre minhas coxas se transformou em uma pulsação do estiramento que minha carne suportou de sua circunferência. — Não que eu esteja reclamando, porque eu poderia fazer tudo de novo quando você estiver pronto.

Minha cabeça ainda estava girando do meu orgasmo, e eu realmente acho que parei de respirar em um ponto, o prazer além da compreensão.

Apoiado em um cotovelo, Aggar olhou para mim como se eu tivesse pendurado os dois sóis em seu mundo. Então ele franziu a testa. — Nós estávamos muito barulhentos. Você acha que alguém nos ouviu?

— Querido, do jeito que você rugiu, não tenho dúvidas de que toda Valose nos ouviu.

Capítulo Quatorze

AGGAR

Nekko, o segundo em comando de Sia Jakkar, acenou para mim da ponta da longa mesa antes de se levantar e se espreguiçar, deixando-me saber que ele estava fazendo uma pausa de ouvir os diários do navio de reconhecimento e deixou Jane e eu sozinhos na pequena sala de reuniões.

Tínhamos feito pausas frequentes para comparar notas durante as longas horas em que nós três estivemos aqui trabalhando. O que aprendemos até agora não seria um bom presságio para Valose. Tínhamos muito para contar a Sia Jakkar.

Minha cabeça doía de ouvir os intermináveis diários tirados da nave acidentada que Jane e eu dividimos. Uma vez que a entrada no diário terminou, eu pausei meu tablet e olhei para Jane cuja testa estava franzida em concentração.

O eco de seu espírito ainda focado dentro de mim.

Deitei meu escriba e removi meus fones de ouvido, esfregando círculos em minhas têmporas doloridas. Jane pegou meu movimento e olhou para mim com um sorriso brilhante. A dor na minha cabeça instantaneamente esquecida.

Ela acrescentou mais notas à sua página em seus estranhos rabiscos da Terra e deixou seu escriba. Seus fones de ouvido foram removidos, ela enfiou um dedo em cada orelha e balançou. — Essas coisas ficam irritantes depois de um tempo.

— Estamos ouvindo há horas.— Eu a tirei de seu assento e a sentei no meu colo, tocando uma música erótica para seu espírito. — Acho que é hora do intervalo.

— Se começarmos com o que você tem em mente.—

Jane mexeu seu traseiro delicioso em meu pau engrossando.

— Nós não faremos outra coisa hoje.

— Eu sou bom com isso.— Jane gritou, em seguida, estremeceu quando mordisquei sua orelha, em seguida, correu uma presa pela coluna de sua garganta.

— Estamos interrompendo?— As botas de Sia Jakkar silenciaram no

chão de pedra quando ele entrou na sala de reuniões. Seu espírito companheiro, Lily, ao seu lado.

— Não. Apenas fazendo uma pequena pausa com meu espírito gêmeo.

Eu ainda não conseguia acreditar que Jane era minha.

O brilho de seu shawra ainda fresco e brilhante do nosso último acasalamento. Algo que eu estava mais do que pronto para repetir.

Sia Jakkar sorriu. — Eu posso entender isso.— Sua mão apertou visivelmente a de Lily um pouco mais forte.

Lily e Jane se cumprimentaram enquanto meu governante e seu espírito gêmeo se moviam ao redor da longa mesa, cada um se sentando. As linhas que normalmente marcavam seu rosto com preocupação diminuíram quando ele olhou para ela. Fazia muito tempo que não via Sia Jakkar feliz. Mesmo com a turbulência em que nosso mundo estava, a felicidade ainda podia ser encontrada.

— Onde está Neko?

— Aqui, Sia,— Nekko disse, retomando seu lugar.

— E o Zikkar?— Sia Jakkar virou-se para mim.

— Tendo o tempo de sua vida com Linnox explorando o nave de reconhecimento, — eu respondi. — Se alguém pode navegar nessa tecnologia, é ele.

— Como vão pesquisas dos diários?— Sia Jakkar se inclinou para frente para apoiar um cotovelo na mesa.

— Você aprendeu alguma coisa nova sobre os líderes do nosso inimigo?

— Muitos. Eles são chamados de Grites,— Nekko ofereceu. — Esperamos que o Zikkar possa entender seu sistema de navegação na nave de reconhecimento e descobrir de que planeta eles vêm. Mas sabemos que os Gretolics são uma subespécie dos Grites.

— Os Grites dominam sobre suas contrapartes menores,

— acrescentei.

— O que é mais perturbador, são os resmungos dos Gretolics sobre sua posição inferior em sua sociedade, —

disse Jane.

— Sim, e suas ações falam de uma revolta iminente.— A gravidade da situação se acomodando como um manto pesado enquanto eu falava as palavras em voz alta.

— Como assim?— O sulco sempre presente entre as sobrancelhas de Sia Jakkar se aprofundou.

— Por um lado, a nave de reconhecimento Grites foi atingida por um neutralizador de energia alimentado por nutrillium, — disse Nekko. — Isso só pode significar que os Gretolics estavam aqui antes do navio de reconhecimento dos Grites.

— Era como aquele que o Clã Jurigon usou para derrubar nossa nave-bolha,— Jane disse a Sia Jakkar.

— E a nave voadora de Maxxon e nossos rovers antes de sermos emboscados pelo Clã Jurigon.— Nekko se inclinou para frente, apoiando seus antebraços pesados na mesa.

— Não foi por acaso que os Grites colidiram com a montanha.—

— Então há a espaçonave Gretolic Linnox encontrada escondida na Floresta Trisess,— eu disse. — Os Grites não tinham conhecimento de seu desembarque.

— Os Grites ordenaram aos Gretolics que pousassem aqui e garimpassem o nutrillium em segredo, o que explica

os abafadores de ruído que Draggar encontrou dentro do poço da mina onde ele resgatou Marie. Eles deveriam permanecer indetectáveis por nós. Neko explicou. — Em vez disso, parece que os Gretolics estão usando Valose como sua base para iniciar uma guerra para ganhar sua liberdade dos Grites.

— Então, você acha que os Gretolics estão planejando uma revolta contra os Grites?— Sia Jakkar compartilhou um olhar preocupado entre nós três.

— A nave de reconhecimento Grites não estava aqui apenas para coletar informações sobre nós quando eles foram abatidos. Eles estavam aqui para verificar os Gretolics que ordenaram para minerar nosso nutrillium, —

acrescentou Nekko.

— Onde estão os Grites agora?— Sia Jakkar franziu a testa.

— Nós não sabemos.— Eu odiava não ter todas as respostas. — Depois que a nave de reconhecimento Grites foi derrubada, os Gretolics que estavam escondidos nas minas de nutrillium começaram a surgir. Foi mais ou menos na época em que o Clã Jurigon armou os Nuttaki com armas de nutrone para lutar contra os Gretolics que eles encontraram vivendo dentro das minas.

— Sia Xennox afirma que o Nuttaki foi desonesto e destruiu a cidade de Huren.— Neko revirou os olhos. — Eu

não confio em Xennox. Onde ele conseguiu as armas neutralizadoras que derrubaram nossas naves e onde ele conseguiu a tecnologia para criar armas de nêutrons?

Parece-me que ele não é o único culpado de colaboração Gretolic. E eu não gosto de estar dentro de sua montanha.

— Nem eu,— Sia Jakkar fervia. — Mas pelo menos recebemos nossas espadas de volta. Todos precisam ficar alertas até encontrarmos outro lugar para nos estabelecermos. Não podemos ficar dentro desta montanha por muito mais tempo, mas enquanto estivermos aqui, devo honrar meu acordo com Xennox. para compartilhar informações, então vou repassar o que todos vocês aprenderam até agora. Neste momento, ele está nos permitindo acesso à nave de reconhecimento, então aprenda o máximo que puder. Tenho um mau pressentimento de que este acordo é passageiro.

Sia Jakkar bateu os dedos na mesa. Todos nós ficamos em silêncio, sabendo que era sua maneira de nos dizer que estava absorvendo tudo o que havia sido dito. Então ele chamou Maxxon, Draggar e Tekkon para se juntarem a nós.

Os machos relataram conforme solicitado e se sentaram ao redor da longa mesa. O clima era sombrio, pois os machos foram informados do que aprendemos até agora.

— Estamos olhando para uma guerra entre primos alienígenas a ser travada em solo Valose?— Sia Jakkar virou-se para Nekko.

— Talvez não no chão, mas no céu acima.— Nekko correu os dedos problemáticos por sua juba prateada.

— Esta situação continua piorando a cada nascer do sol,— Draggar amaldiçoou. — E os machos que Hexxus disse que estavam sendo

mantidos no nível da prisão abaixo do palácio? Ele disse que assim que os Gretolics descobrirem como usar o nutrillium para impulsionar seus propulsores, eles estão deixando o planeta com esses machos para serem negociados em um planeta chamado Tírius em troca de algo chamado kript. E as fêmeas que Marie encontrou em todas aquelas gaiolas. O que será delas?

— Não esqueceremos a evidência de cruzamento entre humanos e valosianos que Kayyot e eu encontramos no laboratório secreto dos Gretolics dentro do palácio?—

Maxxon falou. — Faria sentido se eles estivessem trocando machos por kript, eles iriam querer reabastecer a população.

Sem fêmeas Valosianas para procriar, os humanos seriam essa solução.

— Não podemos mais atrasar este resgate.— Draggar bateu seu punho forte na mesa.

— Eu concordo, Draggar, — disse Sia Jakkar. — Eu, tanto quanto qualquer um, quero invadir a cúpula e resgatar

meu irmão, Sakkar, das garras de nosso inimigo. Com tão poucos guerreiros, estamos em grande desvantagem numérica.

O olhar de Draggar piscou para a porta aberta antes de falar baixinho, — Você tem a arma de plasma. Nós poderíamos usá-la para abrir um buraco na cúpula. Se roubássemos lanças de nutrone do Clã Jurigon, teríamos uma chance de lutar.

— Nós poderíamos, — Sia Jakkar começou. — Mas para que fim? Fazer um inimigo pior do Clã Jurigon enquanto um punhado de nós avança contra centésimos de civis e guerreiros Huren sob o controle mental dos Gretolics. Eu me recuso a matar meus inocentes membros do clã, e seríamos massacrados antes. nós já começamos.

Draggar soltou uma série de palavrões que me fizeram estremecer. — Minhas desculpas para as mulheres na sala.

— Maldição, Draggar.— Lily acenou com a mão para ele. — Deus sabe que eu fiz a minha parte.

— Eu também,— Jane concordou. — Eu poderia te ensinar algumas palavras novas eu mesmo.

— Precisamos nos aliar ao Clã Jurigon e Trisess.— Sia Jakkar ergueu a

mão para parar Nekko. — Eu sei o que você vai dizer, Nekko. Os únicos machos em quem confio estão no meu clã de exilados. Precisamos de números para derrotar os alienígenas em uma batalha direta, e levará os dois clãs

conosco para fazer isso. Por enquanto, precisamos nos esgueirar para dentro da cúpula e reconhecer a situação atual. Preciso de informações para planejar um ataque.

Ainda há muita coisa que não entendemos.

— E o Yulineon que derrubou a nave Gretolic?— Jane perguntou. — Talvez o inimigo do Gretolic possa nos ajudar a removê-los do planeta.

— Como faríamos contato com esta Yulineon das estrelas?— perguntou Neko.

A sala ficou em silêncio enquanto todos refletiam sobre as ideias.

Meu sangue correu pelas minhas veias, engrossado pelas circunstâncias impossíveis que estávamos enfrentando.

Sia Jakkar estava certo. Por mais que eu quisesse ficar de pé e lutar, precisávamos de números. A única maneira de fazer isso era reunir os clãs e permanecer unidos contra os Gretolics. Eles iam trazer a guerra sobre nossas cabeças. Um que não era nosso.

— Eu quero saber como o Clã Jurigon obteve uma arma neutralizante como os Gretolics usadas para derrubar a nave de reconhecimento?— Sia Jakkar baixou a voz. — Também quero saber se eles estavam trabalhando com os Gretolics para obter a tecnologia para criar armas de nêutrons.

Xennox está escondendo alguma coisa.

— Vou bisbilhotar, — Maxxon se ofereceu. — Eles não vão suspeitar que um médico esteja fuçando em suas armas.

— Puxe Zikkar para o que você encontrar, — acrescentou Sia Jakkar.
— Ele será capaz de descobrir como as armas foram feitas.

— O clã Jurigon não é confiável, — Nekko deixou escapar. — E nem o Clã Trisess.

— E, no entanto, aqui estamos com um inimigo alienígena entrincheirado em nosso mundo e outro que pode estar a caminho de

iniciar uma guerra para a qual não estamos preparados. — Sia Jakkar manteve a cabeça fria enquanto o resto de nós fervia lentamente para molhar nossas espadas com o sangue de nossos inimigos e retomar nosso mundo. — Precisamos entrar na cidade de Huren e encontrar Hexxus. Ele admitiu livremente a Draggar que trabalhou com os Gretolics em troca de tecnologia.

Precisamos saber o que ele sabe.

— Se Hexxus falou a verdade de que o Conselho Real está em conluio com eles, seria lógico que outros clãs estão fazendo o mesmo, — disse Draggar.

— Eu sei que Sia Havvar está mentindo sobre ter um único Gretolic como prisioneiro.— Maxxon recostou-se na cadeira e cruzou os braços. — Não com uma espaçonave inteira escondida dentro da floresta de Trisess. Você teria que ser um tolo para acreditar que ele não se aliou a eles.

A sala saltou para a atenção quando Zikkar passou pela porta. — A cúpula... sobre Huren... abriu,— ele disse entre respirações duras. — A maior... espaçonave... partiu...

Valose.

Sia Jakkar caiu para trás em seu assento. Seu irmão gêmeo, Sakkar, provavelmente estava naquele navio. O peso de todo o planeta caiu sobre seus ombros. — A missão de reconhecimento acontece agora. Quero que Hexxus seja encontrado e trazido de volta para mim. Também precisamos encontrar um novo lugar para nos estabelecermos.

— A ilha para onde eu levei Amy é pequena, mas segura,

— Maxxon ofereceu. — Talvez isso possa funcionar como um local temporário.

— Boa ideia, mas só pode ser alcançada pelo ar, —

disse Nekko. — Eu pensei que os Gretolics poderiam rastrear as fontes de energia em suas naves.

— Não temos certeza disso, — disse Zikkar. — Só sei que a nave de reconhecimento Grites tem essa tecnologia.

— Não vimos nada parecido na sala de controle do navio acidentado,

— disse Tekkon.

— E quando roubei a nave Gretolics e voei para a ilha, ninguém me seguiu, — acrescentou Maxxon.

— O que me leva a acreditar que os Gretolics não têm recursos de rastreamento em suas naves, — raciocinou Zikkar.

— Quantas pessoas podem ocupar aquela ilha, Maxxon?— Sia Jakkar perguntou.

— Todos os exilados e as mulheres, — respondeu Maxxon. — Seria apertado e não haveria espaço para alimentos ou suprimentos armazenados.

— E as ilhas a leste?— sugeriu Draggar. — Pelo que podemos ver da costa, eles parecem maiores. Poderíamos nos estabelecer lá e mover todos usando a nave esférica que Tekkon trouxe de volta.

— Aggar, você disse que a nave esférica em que você viajou foi danificada quando o Clã Jurigon abateu você?—

Sia Jakkar virou-se para mim.

— Sim,— eu balancei a cabeça. — Há uma pequena brecha no casco. Não tenho certeza se vai voar.

— Qual é o status das naves em que estávamos viajando antes do Clã Jurigon nos emboscar?— Sia Jakkar olhou ao redor da sala em busca de respostas.

— Eles jaziam mortos na base da montanha,— Draggar resmungou.

— Ainda tenho o dispositivo que Tikkot usou para recarregar a fonte de energia da minha pequena nave depois que ela foi atingida pelo neutralizador do Clã Trisess, —

forneceu Maxxon. — Poderíamos usá-lo para recarregar as naves.

Sia Jakkar colocou os antebraços sobre a mesa e se inclinou pesadamente sobre eles. — Temos muito trabalho pela frente. Aggar, Draggar e Tekkon, vocês são a equipe de reconhecimento. Leve a nave esférica para Huren. Aprenda o que puder e traga Hexxus de volta. Maxxon, preciso que você viaje para as ilhas. na costa leste em sua pequena embarcação. Descubra se eles são seguros para nosso clã de exilados e as mulheres se estabelecerem.

— Eu posso ser capaz de reverter o sinal na comunicação que a Hexxus deu a você, Maxxon. Ela será sincronizada com a comunicação da Hexxus.— Zikkar andava pela sala enquanto recitava uma ideia brilhante atrás da outra. — Se funcionar, a equipe de reconhecimento pode rastreá-la dentro da cidade. Isto é, desde que Hexxus ainda tenha sua comunicação com ele. A única maneira de entrar na cúpula seria usar o portal que Hexxus deu a Draggar, mas causará um efeito cascata na blindagem. Então, um desvio será necessário se você quiser entrar na cidade sem ser detectado.

— Conte comigo.— Todas as cabeças se voltaram para Jane. — Eu quero fazer parte da equipe de reconhecimento.

— Não desta vez, minha pequena e feroz sumta, — eu sussurrei em seu ouvido. — É uma missão muito perigosa.

— Não me venha com essa merda, Aggar.— Jane se endireitou em desafio. — Você prometeu que eu poderia entrar em ação da próxima vez e esta é a próxima vez.

— Não, Jane...

— Esta não é apenas uma luta entre os Gretolics e os Valosians. Meu povo está nisso também,— ela argumentou.

— É justo que eu possa ajudar.

— Jane...

— Todas nós mulheres fomos roubadas do nosso planeta,— Jane colocou a mão entre ela e Lily. — E Marie disse que havia pelo menos mais cem enjauladas e dentro da cidade. É justo permitir que um representante humano vá junto.

— Jane...

— Eu prometo não ser colaboradora independente. Farei exatamente como você diz,— Jane continuou a defender seu caso. — Dê-me uma arma, mostre-me como usá-la, e eu estarei pronta para ir. Lembre-se, isso é o que eu costumava fazer na minha vida na Terra.

— Esta não é a Terra, Jane.

— Não. Mas essas mulheres são meu povo e eu vou, quer você goste ou não.

O eco de seu espírito se enroscou dentro de mim. Sua determinação era inabalável.

— Tudo bem. Mas você fica comigo o tempo todo. Nada de ser desonesta.

Capítulo Quinze

AGGAR

Jane manuseava a arma laser improvisada — elogios do trabalho manual de Zikkar — como se tivesse nascido para isso. O macho era brilhante e trabalhou rápido para transformar o cortador a laser que encontrei na nave do Gretolic em uma arma de mão.

Eu ainda não gostava que ela estivesse vindo, mas pelo menos ela não teria que se aproximar do inimigo se tivesse que usá-lo.

Sia Jakkar manteve nossa missão de reconhecimento em segredo do Clã Jurigon. Nosso clã rival não precisava saber o que planejavamos dentro da cidade de Huren.

Sia Xennox manteve-se fiel à sua palavra, permitindo-nos ir e vir quando quiséssemos, tornando mais fácil para Maxxon escapar sem aviso prévio. Sua alma gêmea, Amy, insistiu em viajar com ele para as ilhas orientais na pequena embarcação que ele roubou durante sua fuga do domo de Huren.

Mesmo assim, o Sia do Clã Jurigon havia nos proclamado seus convidados, nenhum de nós se sentia

completamente à vontade dentro de sua fortaleza na montanha.

Jane guardou a arma a laser dentro de uma bolsa presa ao cinto que ela havia feito com tecido de couro. Ela o chamou de coldre de arma.

A maioria das memórias de seu passado permanecia indescritível, exceto aquelas de seu antigo treinamento como detetive. Ela disse que era memória muscular de anos de prática. Eu podia entender o raciocínio dela. Com todo o balanço da espada que fiz sobre os yerons, aposto que poderia empunhá-los durante o sono.

Era estranho sentir o eco de sua frustração dentro do meu peito enquanto ela tentava se agarrar a flashes de emoções sem nenhuma memória definitiva anexada.

— Você ainda insiste em vir?— Eu perguntei, esperando que ela mudasse de ideia e permanecesse sob a guarda de Sia Jakkar.

Jane colocou a palma da mão sobre meu esterno.

— Você sente aquela bola de determinação firmemente enrolada?

— Sim. Assim como uma dor na minha bunda.

— Muito engraçado, Aggar.

— Eu me sentiria melhor se você ficasse aqui com Sia Jakkar,— eu disse para as costas de Jane enquanto ela passava por mim e embarcava na nave esférica.

— Você se preocuparia de qualquer maneira,— Jane declarou o que eu já sabia ser verdade. — Não que eu não ache que Jakkar possa me manter seguro, mas algum de nós está realmente seguro dentro da casa de montanha do seu clã rival?

— Maxxon saberá em breve se as ilhas do leste são habitáveis, — argumentei e a segui para dentro de onde Tekkon e Draggar estavam esperando. — E se não, como último recurso, Sia Jakkar vai transferir todos para as ilhas ocidentais que Maxxon encontrou.

— E quem vai cuidar de você?— Jane girou tão rápido que quase colidimos.

Coloquei minhas mãos em seus ombros magros e me inclinei na cintura para olhá-la nos olhos. — Tekkon e Draggar vão.

— Aggar, eu não sou o tipo de garota que fica em casa, com alfinetes e agulhas, esperando seu homem voltar da guerra.— Jane estendeu a mão e colocou as mãos em meus antebraços. — Eu sou uma garota de ação. Eu preciso ter certeza que você sairá de lá em segurança.

Aquece meu coração que ela se preocupasse tanto com o meu bem-estar que ela pessoalmente cuidaria para que eu estivesse seguro. — Eu sei disso sobre você, — eu disse e esfreguei meu esterno. — Eu posso sentir o eco de seu

espírito guerreiro como se fosse meu. Eu não poderia mais sentar enquanto você se coloca em perigo também.

— Obrigado pela compreensão.

— Eu posso entender, mas estou relutante em concordar.

— Essa é uma das razões pelas quais eu me apaixonei por você.— Jane entrou em mim e envolveu seus braços esbeltos em volta da minha cintura. — Você me entende e me aceita do jeito que eu sou.

— Eu amo toda você, minha pequena e feroz sumta. Até sua teimosia.

Eu nunca impediria minha alma gêmea de fazer algo que ela sentisse tão fortemente. Seria o mesmo se eu a amarrasse fisicamente as mãos dela, o que já havia feito antes e jurado a mim mesmo nunca mais fazer. Ela tem um espírito livre e independente, eu nunca quebraria. Eu só teria que garantir que ela ficasse segura, e em Valose, isso seria uma responsabilidade em tempo integral.

Eu alisei minhas mãos de seus ombros para segurar seu rosto. Os lábios de Jane se separaram ligeiramente em antecipação ao meu beijo. Curvando minha cabeça, eu escovei minha boca na dela antes de mergulhar dentro.

Nossas línguas se moviam em uma dança lânguida enquanto eu guardava seu gosto na memória.

— Vocês dois estão prontos ou devemos adiar a missão para que você possa ter um último acasalamento antes de partirmos?— O rosnado de Draggar nos separou.

— Estamos prontos,— Jane falou por nós, nem um pouco intimidada pelo guerreiro carrancudo e cheio de cicatrizes. — Vamos lá.

Draggar apertou o botão, fechando a porta, e foi ficar atrás do assento que Tekkon havia assumido no console.

Com a nave esférica tendo um assento, Jane e eu sentamos no chão com as costas contra os compartimentos na parte traseira da nave. Tekkon nos levantou do chão em uma ascensão silenciosa enquanto os sóis gêmeos caíam no horizonte.

Decidimos esperar até ao escurecer. Isso tornaria nossa jornada mais perigosa pela selva noturna, mas nenhum de nós conseguia descobrir uma maneira de se esgueirar pela cidade sem sermos vistos na luz do dia.

Jane verificou novamente sua nova arma e fez um inventário do que carregava nos bolsos, preparando-se para o que estava por vir. Meu treinamento de guerreiro ditava que eu fizesse o mesmo. Eu me maravilhei com quão parecidos, mas tão diferentes nós éramos.

Jane era o coração que batia dentro de mim. O espírito dela, semelhante ao meu. Ela era meu par em todos os sentidos.

Quando ela puxou o último item do bolso e desembulhou para revelar o orbe solaris, eu não conseguia parar de sorrir. Seus olhos estavam embaçados quando eu o encontrei e o devolvi. Algo tão

simples que eu tinha usinado tinha um lugar especial em seu coração. Eu podia sentir o eco do conforto que isso trouxe a ela.

— Oh, uau,— Jane respirou, olhando para a selva chicoteando abaixo de nós. — A selva sempre brilha à noite?

— Sim. Toda a vegetação é fosforescente.

— Isso é uma camuflagem séria.— Jane estendeu a mão para tocar o desenho brilhante em minha balanço. — Seu mundo é tão bonito e único. Não é justo o que os alienígenas fizeram aqui.

— Valose é um mundo que vale a pena salvar.

— Vamos encontrar uma maneira.— Jane apertou minha mão. — Nós não vamos deixar esses filhos da puta cinza vencerem.

Eu me alimentei da fortaleza que irradiava dela. Ela era uma força que eu nunca percebi que precisava até agora. O

pensamento de perdê-la me sufocou como se mãos estivessem em volta da minha garganta, ameaçando espremer a vida do meu espírito.

— Eu sei que é natural se preocupar, Aggar,— Jane gentilmente repreendeu. — Eu posso cuidar de mim mesma.

Nada acontecerá comigo.

— Eu preciso moderar minhas emoções, — eu bufei.

— Eu esqueço que você pode sentir tudo o que estou pensando.

— Eu gosto de saber o que você está pensando. Isso me faz sentir ainda mais perto de você.

— Isso faz parte de ser companheiros espirituais.

— Bem, eu gosto.— Jane inclinou a cabeça e a descansou no meu ombro enquanto Tekkon nos levou para a cidade de Huren e nos pousou no lado leste da cúpula.

Capítulo Dezesseis

JANE

— É lindo! — Eu pulei para os meus pés e pressionei minhas mãos contra a parede da nave como uma criança enquanto sobrevoávamos a cidade cintilante.

Huren era enorme. Era difícil entender a enormidade da cúpula e como ela era capaz de cobrir tudo, especialmente por causa da altura do palácio que parecia alcançar e tocar o céu noturno.

Marie a descreveu como se parecendo com a cidade perdida de Atlântida. Ele estava certa.

Fiquei encantado com o palácio. Parecia ser construído a partir de um cristal gigante, cintilante e cintilante sob as três luas baixas como uma joia mágica, elevando-se sobre as dependências menores que circundavam sua base maciça.

Havia estradas e trilhas de caminhada, delineadas em pedras brilhantes, que se enlaçavam em torno de cabanas, várias cabanas espalhadas pelo terreno.

O rosto sorridente da fêmea valosiana, olhando para seu companheiro de espírito, das imagens capturadas pela nave de reconhecimento agitou meu sangue. Ela estava morta há

muito tempo de um germe que os Gretolic lançaram sobre as pessoas inocentes de Valose.

Pisquei para conter as lágrimas quentes, não querendo imaginar minha vida sem Aggar.

Eu vingaria sua morte injusta, junto com as mortes das outras fêmeas, humanas e valosianas.

Tekkon começou sua descida perto dos fundos do palácio. O que era pequeno cresceu, e eu vi o que não estava acontecendo no chão. Para o que deveria ter sido uma cidade movimentada, estava assustadoramente desolada.

— É para lá que estamos indo.— Aggar estava ao meu lado enquanto pousávamos tão silenciosamente quanto decolamos, apontando para um pontinho em um dispositivo portátil chamado scanner. — Com alguma sorte, esse ping é Hexxus. Parece que ele está nos níveis mais

baixos sob o palácio.

— Nós pousamos em nosso local pré-designado, —

relatou Tekkon em seu comunicador.

— Estamos esperando seu sinal, — respondeu Vallon.

Vallon e Sazzar estavam agachados no lado oposto da cúpula sob a cobertura de uma selva densa e prontos para atingir a cúpula com um dispositivo de pulso que ondularia a blindagem para cobrir nossos rastros enquanto usávamos o portão portátil para nos levar para dentro. .

— Vamos fazer isso.— Draggar bateu no portão que parecia mais um disco de hóquei do que algo que pudesse deslocar a cúpula, abrindo uma porta.

Uma onda de adrenalina e medo passou por mim. Eu estava desembarcando em território desconhecido, mas estava pronta para fazer o que pudesse na luta contra os alienígenas cinzentos. A justiça precisava ser feita e eu ia fazer com que aqueles malucos tivessem o que mereciam.

— Não podemos usar o duto de ar que Marie e eu usamos para escapar do palácio.— Draggar folheou o equivalente a plantas em um bloco grande. — Eu não quero arriscar que eles encontrem nossa saída e a fechem.

— Você poderia entrar por uma escotilha de manutenção do outro lado do cabide de Sia Sakkar, — sugeriu Tekkon.

— O scanner mostra apenas dois Gretolics e três Valosians dentro.

— Despache os Gretolics o mais silenciosamente possível, — planejou Draggar. — Nocauteie os machos Huren se puder. Não há necessidade de matar machos inocentes se não for preciso.

Plano traçado, nós nos alinhamos na porta da nave.

Meu coração martelava em meus ouvidos com a explosão de adrenalina. O eco do espírito de Aggar rodou com uma mistura de antecipação e inquietação.

— Não se esqueça do seu manto.— Aggar cobriu a capa que ele fez com kilts para ajudar a camuflar minha pele Roseda e meu cabelo

loiro.

— Obrigado.

Draggar varreu um olhar sombrio sobre nosso pequeno grupo. — Que os Espíritos nos mostrem favor nesta queda de sóis.

Os machos murmuraram um cântico e eu rezei para qualquer Deus que estivesse ouvindo para nos ver através de nossa missão com segurança.

Com um rápido aceno de cabeça de Draggar, a porta da nossa bolha se abriu. Mantivemo-nos abaixados e saímos da nave, abraçando a cúpula. Tekkon veio por trás e fechou a porta da nave, cortando as luzes piscantes do interior do mundo.

— Estamos em posição,— Draggar sussurrou em seu comunicador.

— Recebido, — respondeu Vallon no mesmo tom abafado.

Pelo que pareceram cem anos entre batimentos cardíacos, esperamos pelo desvio que seria nossa chance de entrar na cúpula sem ser detectado. Eu esperava com todas as minhas forças que Vallon e Sazzar, prestes a causar o distúrbio, escapassem sem serem pegos.

De repente, a cúpula ondulou em uma onda pulsante.

Draggar torceu as duas metades do dispositivo do portão em direções opostas para ativá-lo e bateu-o na cúpula.

No começo, nada aconteceu. Então um buraco apareceu de repente na blindagem translúcida. O dispositivo foi feito apenas para uma pessoa ou objeto em uma viagem de ida, então tivemos que entrar como uma única unidade. Aggar estava na frente, depois eu e Draggar.

— Na minha conta.— Aggar fez a contagem regressiva.

— Três dois um.

Nós estávamos bem juntos. Eu era a carne dentro de um sanduíche de prata. Na contagem de um de Aggar, passamos pelo buraco como uma única unidade. O portão se fechou com um estalo retumbante no segundo em que a bota de Draggar passou pelo portão.

Caímos no chão como um só e esperamos na escuridão.

Olhei para trás para ver Tekkon arrancar o portão do chão onde ele

havia sido solto após o uso.

Ele o ergueu de onde havia permanecido no lado oposto da cúpula e acenou com a cabeça para nós. Tekkon era nossa única saída. O guerreiro ficaria para trás, escondido dentro da nave-bolha até que o chamemos para nos libertar.

Mais luzes ao redor da cidade se acenderam, seguidas por uma comoção de vozes masculinas. Duas pequenas

naves brancas levantaram do chão e começaram a circular no alto.

Eram os que pareciam ovos cozidos. O mesmo tipo que Maxxon e Amy estava voando pelo Mar Caspeen para investigar as ilhas orientais. Eles deveriam ter chegado lá ao escurecer. Tínhamos partido em nossa missão e não havíamos esperado para descobrir. Eu esperava que o casal tivesse chegado em segurança.

Os ofícios circularam antes de se separarem. Um se afastou em uma direção diferente enquanto o outro pairava nas proximidades. Eles estavam procurando por algo, e esse algo éramos nós.

Nós nos agachamos, abraçando a parede da cúpula. A nave diminuiu e por um segundo, pensei que tínhamos sido pegos. Em seguida, acelerou e continuou uma busca no perímetro da cúpula, procurando o que havia causado a perturbação com a blindagem.

Meus pensamentos foram para Vallon e Sazzar. Eu esperava que os dois jovens guerreiros não fossem pegos pelo papel que desempenharam em nossa missão.

O palácio estava à frente. Olhando do chão, parecia infinito enquanto se estendia até ao céu. Abaixo dele estava nosso destino - o cabide quadrado. De forma retangular, era tudo função e nenhuma forma. Um rodapé pouco atraente na base de um titã espetacular.

Draggar se virou, gesticulando sinais de mão para o nosso próximo movimento. Eu tinha sido informada sobre eles antes de nossa missão e sabia que ele estava nos dizendo para ficarmos quietos e abaixados enquanto avançávamos.

Parecia anos antes de chegarmos à parte de trás do cabide. Draggar fez sinal para que parássemos. Parecia que estávamos entrando pela porta dos fundos. O guerreiro estendeu a mão e sacudiu a maçaneta, encontrando-a trancada.

Aggar tirou um dispositivo quadrado do bolso do kilt e, basicamente, abriu a fechadura. Não demorou muito para que a fechadura se abrisse e Aggar olhasse pela porta apenas o suficiente para espiar dentro.

— Há dois dez destinos de Gretolic à esquerda desta porta, — sussurrou Aggar. — Eles estão de costas. Temos que agir rápido se quisermos matá-los sem dar o alarme.

— Então ele se virou para mim. — Eu quero que você espere apenas dentro da porta até que Draggar e eu possamos derrotar o inimigo.

O eco de seu espírito era todo profissional. Eu não tinha vindo aqui para ser um observadora, mas também sabia que não devia discutir com ele sobre isso. Quando acenei com a cabeça, Aggar relaxou visivelmente. Seu espírito suavizou e roçou contra o meu como se dissesse obrigado.

Os machos desembainharam suas espadas, então eu segurei minha arma laser. Só porque eu fui ordenada a ficar de fora, não significava que eu não pudesse vigiar suas costas.

Aggar liderou o caminho pela porta, os dois guerreiros se aproximando dos desavisados Gretolics travados em uma conversa enquanto eu permanecia agachada bem dentro da porta. Seus movimentos furtivos em desacordo com seus corpos enormes.

Os Gretolics não sabiam o que os atingiu. Com golpes rápidos em suas gargantas, as lâminas do guerreiro brilharam nas luzes do teto enquanto gosma laranja jorrava em jatos grossos, respingando no chão branco brilhante em poças fedorentas.

Não foi o sangue que me fez engasgar, mas o fedor que encheu cada centímetro do cabide. A guerra com os Gretolics era iminente. Apesar do ar fresco de Downy, Valose ia cheirar mal quando acabasse.

Agora que a ameaça havia sido neutralizada, olhei em volta. A nave na extremidade do hangar era lustrosa e brilhante. Negra como o pecado, o vaso adormecido era uma ameaça silenciosa. Com o comprimento de um trator-reboque, era uma versão gigante de um bombardeiro furtivo B-1.

Pisquei com força para a surrealidade de tudo isso. Eu estava olhando para um OVNI ao vivo real.

Aggar e Draggar arrastaram os corpos pelo chão, deixando um rastro

pegajoso de sangue laranja em seu caminho. Eles jogaram os corpos dentro de um grande armário de metal encostado na parede. Então eles passearam até onde eu esperava.

— Tekkon disse que havia três machos lá dentro também,— Draggar olhou ao redor. — Eu não vejo...

Justo quando pensávamos que estávamos livres, os três machos valosianos apareceram do lado oposto da nave. Eles pareciam atordoados, balançando suas cabeças prateadas em confusão. Antes que eles pudessem se orientar, Aggar e Draggar os atacaram, nocauteando-os com os punhos de suas espadas.

Aggar fez sinal para que eu me juntasse a eles. Corri para frente enquanto os guerreiros embainhavam suas espadas e arrastavam os três machos inconscientes pela rampa estendida e para dentro da embarcação. Eu os segui e dei uma olhada no interior de uma maravilha da ficção científica.

Havia um zilhão de pequenas luzes piscando e piscando em todas as superfícies. O interior tão elegante e preto quanto o exterior.

— Vamos deixá-los aqui, — disse Draggar, arrancando estranhos dispositivos atrás de suas orelhas. — Eles vão acordar com dor de cabeça, mas pelo menos não estão mortos.

— E não mais sob a influência do Gretolic.

— Então por que nocauteá-los?— Eu perguntei.

— Os machos inconscientes não podem falar, —

explicou Aggar. — Nossa missão é urgente, e não podemos desperdiçá-la explicando por que eles estão sob a influência de alienígenas. Onde está Hexxus agora?

— Ele não se moveu.— Draggar olhou para o scanner.

— Atravessamos a escotilha na parede oposta e entramos no túnel de manutenção. Isso nos levará sob o palácio e dois andares até ao nível da prisão. Hexxus está dentro de um depósito no extremo sul.

— Você está pronto para fazer isso?— Agar me olhou.

— Tão pronto como eu nunca estarei,— eu disse com mais confiança do que eu sentia. — Vamos buscar o seu amigo.

— Mova-se rápido e fique quieto.— Foram as palavras de despedida de Draggar antes de o seguirmos para fora da nave e para uma escotilha na parede oposta.

O túnel de manutenção era uma versão maior do que eu estava rastejando na nave acidentada do Gretolic. Eu era um

especialista nisso, movendo-me sem esforço pelo duto até que Draggar parou do lado de fora de uma grade de metal.

Eu mal podia ver o corredor nada especial além da largura de seus ombros. Fiquei tensa quando as vozes esganiçadas dos Gretolics se infiltraram em nosso espaço tubular. Ninguém se moveu até que suas palavras pararam.

Então Draggar removeu a grade e a colocou de lado.

Nós três saímos pelo corredor, achatando nossos corpos contra as paredes brancas. Draggar verificou a localização de Hexxus novamente antes de nos fazer sinal para segui-lo.

No final do corredor, passamos por uma porta fechada e paramos na próxima. Ele tentou a maçaneta e descobriu que estava trancada. Aggar entrou em ação com seu prático kit B&E, abrindo rapidamente a fechadura. Aggar espiou dentro do espaço mal iluminado antes de nos conduzir para dentro.

— Fodido Helios,— Draggar amaldiçoou baixinho para as gaiolas empilhadas ao acaso.

A sala era grande, repleta de gaiolas vazias, exceto por três gaiolas ocupadas que pareciam ter sido apanhadas e descartadas. Barras de luz mantinham os machos presos dentro de uma prisão de metal, assim como as gaiolas em que as meninas estavam no navio Gretolic acidentado.

— O Hexxus está dentro de um desses?— Aggar passou um braço em volta dos meus ombros e me puxou para mais perto.

— O scanner mostra apenas sua localização geral, e estamos bem em cima de seu ping.

Aggar desembainhou uma espada assim como Draggar.

Eu espalmei minha arma laser e segui Aggar quando os machos começaram a revistar a sala. Um barulho sussurrou dentro do espaço,

e todos nós paramos como se fosse uma deixa. As orelhas de Aggar se animaram e giraram enquanto ele tentava identificar de onde o som se originara.

O som veio novamente. Aggar se moveu rápido como um raio, empurrando para o lado uma gaiola de metal ocupada como se não pesasse nada. Então Draggar atacou um macho muito menor.

— Draggar?— o pequeno macho gaguejou. — Eu disse para você sair da cidade.

— Hexxus?— Draggar ficou de pé e levantou o macho do chão pelo cinto. — Nós temos que tirar você daqui.

— Onde está sua fêmea?— Os olhos enlouquecidos de Hexxus esvoaçaram antes de pousar em mim. — Essa não é ela. Você encontrou está com as outras no corredor?

Marie disse que estivera dentro de uma sala sob o palácio cheia de mulheres sequestradas. Meu sangue correu quente e frio sabendo que eu estava tão perto deles.

— Nós temos que tirá-lo, — eu soltei. — Todos eles. Não podemos deixá-las ou esses machos para trás.

Draggar praguejou e Aggar passou a mão cansada pelo cabelo prateado.

— Nós temos para quem viemos, Jane,— Draggar repreendeu. — Nós deveríamos encontrar e trazer Hexxus de volta, enquanto reconhecíamos o que pudéssemos.

— Vamos reconhecer um pouco mais, — argumentei de volta. — Começando com a sala cheia de mulheres.

— E como você propõe que tiremos todas elas, Jane?

Eu abri minha boca, então a fechei. Nós rastejamos por um túnel de manutenção para chegar aqui. — Tem que haver outra maneira de sair daqui.

— Nós poderíamos usar o elevador no final do corredor,— Hexxus sugeriu com um aceno frenético enquanto torcia as mãos. A julgar pela aparência abatida do macho e seus olhos arregalados e enlouquecidos, ele estava sofrendo de sérios problemas mentais.

— Mesmo se tivéssemos que resgatar com sucesso uma sala cheia de fêmeas. O que, a propósito, Marie disse que havia uma centésima, talvez mais. Como em Helios podemos transportá-las de volta para Jurigon?

Draggar teve um argumento muito bom, mas não fui dissuadido. — Vamos descobrir essa parte quando chegarmos a isso.

— É temerário na melhor das hipóteses, Jane,— Aggar falou levemente. — Vamos reconhecer a área e voltar mais tarde com reforços.

— Eles são meu povo, Aggar!— Eu me virei para Draggar. — E se Marie estivesse trancada dentro de uma dessas jaulas? Você a deixaria para trás?

Os olhos de Draggar giraram em uma prata tempestuosa. — Você sabe como estripar um homem com suas palavras, não é?

Como se algo tivesse sido decidido, Hexxus se virou e se espremeu entre duas jaulas. — Eu fiz um dispositivo que vai interromper os contatos e desativar as barras elétricas.

— Agora espere só um maldito mimo, Hexxus,—

Draggar começou. — Precisamos manter a missão em mãos.

Você é a missão, então vamos.

Hexxus puxou uma tira fina de metal do bolso, uma versão menor e menos tosca do que Aggar havia feito com talheres, e a enfiou sob a borda da gaiola. Usando a palma da mão como um martelo, ele bateu uma vez e depois duas vezes antes que as barras de luz desaparecessem.

No suspiro surpreso de Draggar, ele arrastou um macho idêntico a Jakkar.

— Maldito Hélio!— Agar amaldiçoou.

— Quando eu soube que não consegui impedir os Gretolics de converter nutrillium em uma fonte de energia

utilizável para seus propulsores, escondi Sia Sakkar aqui atrás, — explicou Hexxus. — Foi apenas uma questão de tempo antes que eles deixassem o planeta. Quando eles encheram a espaçonave com todas

aquelas fêmeas primeiro, eu sabia que não haveria espaço para todos esses machos.

— Eles levaram todas as fêmeas quando foram embora?— eu resmunguei.

— Nem todas,— os olhos selvagens de Hexxus pousaram em mim. — Restam algumas. Eles vão voltar e quando o fizerem, o resto será levado na próxima viagem.

— Para onde eles as levaram?— Eu perguntei.

— Um planeta chamado Tírius.

Meu rosto empalideceu. Marie me disse que Tírius era um planeta onde humanos e machos valosianos poderiam ser trocados por algo cobiçado pelos Gretolics chamado kript.

Ninguém sabia o significado da coisa que os alienígenas procuravam.

— Eles não podem ter todos eles, — eu gritei. — Se restarem apenas algumas fêmeas, então vamos tirá-las. Você me entende? Vamos salvar as que sobrarem.

— Quantos podem caber dentro da nave esférica?—

Draggar olhou para Aggar.

— Talvez doze no total, incluindo todos nós.— Aggar começou a andar. O eco de seu espírito estava inquieto, mas

focado, pois eu podia sentir sua mente elaborando um plano.

— Nós poderíamos levá-los no navio de Sia Sakkar.

— Estava sendo desmontado da última vez que estive aqui. Os Gretolic o estavam usando como peças sobressalentes para consertar sua nave maior.— Draggar olhou para Hexxus. — Você sabe se ele vai voar?

— Vai voar.— Os olhos de Hexxus se arregalaram de admiração, e ele abriu os braços e voou ao redor da sala em passos rápidos.

Enquanto observava o macho girar como se estivesse voando, questionei o quanto do que ele disse era verdade.

— Podemos confiar no que ele diz?

— Preciso voltar a bordo daquela nave e verificar os sistemas, — respondeu Aggar. — Fique aqui com Draggar até eu voltar.

— Não. Eu vou com você. — Eu agarrei seu braço.

— Você só vai me atrasar, — Aggar arrancou meus dedos de seu braço e beijou minha mão. — Se você quiser salvar as fêmeas e os machos nesta sala, precisaremos dessa nave. Não há outra maneira de tirá-los daqui.

Calor inundou minhas veias. Eu sabia que Aggar faria o que pudesse para ajudar a salvar os prisioneiros restantes.

— Por favor, seja cuidadoso.

— Sempre, — ele disse e colocou a palma da mão sobre minha shawra escondida sob minhas roupas. — Eu estarei

aqui com você. Sempre. Você será capaz de ler minhas emoções e saber se eu preciso de ajuda. Então, minha pequena e feroz sumta, você pode vir e me resgatar.

Eu estava dividida entre rir e chorar.

— Até então, fique com Draggar. Eu já volto.

Aggar saiu pela porta antes que eu pudesse responder.

Draggar e Hexxus se ocuparam em desativar as barras de luz nas gaiolas restantes.

Concentrei-me no eco da alma de Aggar que agora vivia dentro de mim. Ele estava calmo e concentrado. Suas emoções aumentaram enquanto ele permanecia alerta. Então uma onda de excitação passou por mim. Por um único batimento cardíaco, eu pensei que ele estava em pânico.

Eu estava pronta para sair correndo pela porta e salvar meu homem quando a porta se abriu e lá estava ele. — Está operacional.

— Mudança de planos, — Draggar falou em seu comunicador. — Estamos voando no navio de Sia Sakkar.

As palavras de Tekkon, vindas de fora do comunicador, foram perplexas e apressadas. Draggar rapidamente explicou a situação, e então estávamos de volta ao corredor, avançando lentamente em direção à sala com as mulheres.

O lugar parecia deserto, o que era bom para nós, mas eu me preocupava com quantos machos haviam sido levados para serem trocados em um mundo alienígena.

Estranhamente, encontramos o quarto destrancado e entramos. Estava escuro como a noite, e eu não estava equipado com lentes penetrantes no escuro para cortar a escuridão como Aggar. Mas eu tinha algo para consertar isso, graças ao meu homem de prata. Eu puxei meu orbe de luz e iluminei a sala em ruínas.

Era enorme, do tamanho do Walmart, e cheio de gaiolas vazias, como se tivessem levado as meninas às pressas e saído. — Há algum ainda aqui?

Corri de uma gaiola para a outra. Os guerreiros e Hexxus moveram as gaiolas o mais rápido e silenciosamente que puderam para olhar dentro de cada uma. Hexxus usou seu dispositivo para desativar as barras de luz das que encontramos ocupadas.

Foi uma caminhada cansativa pelo espaço cavernoso.

Tínhamos encontrado apenas dez garotas de todas as centenas de gaiolas. Me desanimou pelos que foram perdidas, mas meu sangue se inflamou para salvar os que foram encontradas.

— Como vamos movê-las todas?— Olhei para todos os rostos inconscientes alinhados aos nossos pés. — São treze ao todo, incluindo os machos.

— Há uma enfermaria neste nível,— Draggar falou rápido. — Há macas que podemos usar para empilhar as pessoas e tirá-las daqui de uma só vez. Podemos colocar

cinco das fêmeas em duas das macas e os machos na terceira.

— Vamos fazer isso, — eu concordei, ansioso para colocar esse plano em ação.

— Todo mundo fica aqui, — disse Draggar. — Eu cuido disso.

Levou minutos que pareceram horas antes que ele voltasse com o que precisávamos. As macas eram mais como mesas flutuantes. Eu me perguntei como elas funcionavam, desafiando a gravidade sem pernas ou rodas. Cinco meninas cada foram dispostas da melhor maneira possível em duas das macas, enquanto a terceira permaneceu vazia para os três machos.

Era quase fácil demais. Tínhamos descido o corredor e carregado os machos sem uma única chamada de perto.

Uma maré crescente de pânico ameaçou inundar minha concentração. Respirei fundo e voltei ao meu treinamento de detetive. Forcei-me a me acalmar e permaneci alerta.

Seguimos Hexxus até o elevador e entramos no pequeno espaço. Me desanimou quando não havia espaço para três macas carregadas com pessoas, eu e três homens.

— Vai!— Draggar empurrou Hexxus para dentro comigo e Aggar, mantendo a maca dos machos com ele. — Eu vou alcançar.

— Marie me fez prometer trazer você de volta vivo e inteiro, — argumentei.

— E você vai, Jane.— Draggar largou o portão do elevador e apertou o botão para nos enviar atirando para cima.

Meu estômago estava nas minhas botas quando o carro do elevador parou abruptamente. Não havia tempo para se recuperar. Aggar nos empurrou para fora junto com a maca e apertou o botão para devolver o elevador para Draggar.

Aggar não esperou pelo outro guerreiro como eu queria, mas nos apressou por um corredor longo e felizmente vazio.

Paramos em uma porta fechada. Aggar abriu e deu uma espiada cautelosa. Ar perfumado correu para dentro, despenteando seu cabelo prateado ao redor de seus ombros.

— Temos um tiro direto para o hangar, — ele sussurrou para mim e Hexxus.

A batida pesada de botas no chão liso se aproximou e eu exalei sabendo que era Draggar. Eu me virei e sorri quando o guerreiro cheio de cicatrizes se juntou a nós.

— Há vários machos e Gretolics do lado de fora, então teremos que correr para isso, — Aggar nos deu a notícia.

Draggar desembainhou suas espadas. — Jane. Você e Hexxus empurram as macas enquanto Aggar e eu vamos abrir caminho.

— Pare de me tratar como uma garota.— Eu brandi minha própria

arma. — Eu posso empurrar e atirar. E nem pense em discutir comigo sobre isso.

— Ela está certa.— A resposta de Aggar me chocou.

— Nós vamos precisar da arma dela se quisermos chegar até ao hangar. Apenas mire nos Gretolics, Jane. Vamos nocautear os Valosianos que tentarem nos deter.

— Ok. Entendi.

Meu pulso bateu forte em meus ouvidos. Eu finalmente iria participar da ação. Eu mal podia conter a onda de adrenalina pulsando através de mim.

— Foco, minha pequena e feroz sumta.— Aggar me deu um sorriso conhecedor. — Nós não estamos fora disso ainda.

— Eu tenho o seu seis, — eu disse a Aggar.

— Meu o quê?

— Eu explicarei mais tarde.

— Pronto? Vamos.— Aggar compartilhou um olhar com todos nós antes de abrir a porta e sair correndo.

A agitação dos Gretolic nos lançou olhares malignos, murmurando em dispositivos finos enrolados em seus pulsos. Seus comandos fizeram os machos Valosianos entrarem em ação. Eu precisava eliminar os Gretolics para impedir que os machos atacassem.

Com uma das mãos empurrando uma maca flutuante e a outra apontando para a cabeça de um Gretolic, segurei

minha mão e dei minha tacada. Um laser disparou em uma faixa azul, explodindo a cabeça do Gretolic em uma gloriosa explosão de laranja, pulverizando finas gotas de sangue em um círculo enorme como um fogo de artifício fedorento.

— Isso aí!— Eu torci. — Assim como o 4 de julho, filhos da puta.

Apontei e tirei outro e outro enquanto corríamos pelo trecho de terreno entre o palácio e o hangar. Os Gretolic caíram como moscas de meus tiros precisos e os Valosianos sob seu controle pararam em suas trilhas, balançando a cabeça em confusão. Parecia certo ter uma arma na minha mão, distribuindo a justiça que aqueles idiotas mereciam.

Quanto mais Gretolics eu matasse na saída, menos haveria para lutar mais tarde.

Aggar abriu a porta do cabide com um chute e nos conduziu para dentro. Então subimos a rampa e entramos na espaçonave, fomos.

— Acenda está engenhoca.— Draggar empurrou a mesa flutuante com os três machos dentro antes de se virar. — Eu volto já.

— Onde você está indo? — Aggar chamou por ele.

— Para pegar tantos de nossos membros do clã que não estão mais sob a influência dos Gretolic quanto eu puder carregar,— Draggar gritou por cima do ombro enquanto corria pela rampa.

Corri atrás de Draggar pela rampa com Aggar gritando para eu voltar. — Eu ajudarei Draggar. Prometi a Marie trazer seu traseiro de volta em segurança. Ligue o navio.

A maldição de Aggar me seguiu pela rampa e até a porta do hangar que acabamos de passar. Fiquei dentro da porta e atirei nos Gretolics invasores enquanto Draggar levantava e arrastava tantos machos quanto podia pela porta. Os machos tropeçaram e caíram, mas Draggar não desistiu, puxando-os até que estávamos todos de volta a bordo da nave.

— Feche a rampa!— Aggar gritou conosco. — O grande botão branco à direita.

Eu bati minha palma sobre o botão e a rampa começou a subir. Gretolic correu para dentro da porta do hangar, e eu tirei o máximo que pude antes que a rampa se fechasse completamente.

Aggar estava concentrado nos controles à sua frente, mas eu podia sentir sua raiva pelo que eu tinha feito. Eu tinha feito uma promessa a Marie de manter seu homem seguro. Minha palavra era meu vínculo, e eu não iria quebrá-lo. Além disso, era da minha natureza lutar por outros que não podiam lutar por si mesmos. Estava enraizado em mim da mesma forma que eu sabia que estava nele.

O teto do cabide se abriu, revelando o céu noturno através da cúpula cintilante acima de nós. — Como passaremos por isso?

— Tem que ser desativado da sala de controle dentro do palácio, — disse Hexxus.

— Você está fodendo comigo agora?— Draggar amaldiçoou, arrancando os dispositivos de comunicação de trás das orelhas dos machos que ele tinha voltado para salvar.

— Alguém terá que ficar para trás e desativar... — Aggar começou.

— Não!— Eu podia sentir o eco de sua determinação se solidificando quando ele chegou a um acordo com o que precisava ser feito para nos salvar. — Tem que haver outra maneira.

Uma explosão soou e abalou nossa espaçonave.

Capítulo Dezessete

AGGAR

— Se eu não fizer isso, ninguém vai conseguir sair daqui,— eu disse.
— Draggar, traga sua bunda aqui para que eu possa lhe mostrar como pilotar essa coisa.

Meus dedos dançaram sobre os controles para levantar os escudos da espaçonave depois que os Gretolics nos atingiram com uma explosão de quebrar os ossos. Eu não sabia que arma eles usaram, mas ainda tínhamos poder.

— Não!— Jane correu para Hexxus. — Você deveria ser um gênio. Encontre uma saída da cúpula que não envolva meu companheiro se sacrificando.

Hexxus torceu as mãos e olhou ao redor com olhos selvagens e cegos. Ele apalpou os bolsos, procurando por algo. — Eu sei que tenho um aqui em algum lugar. Espere!

Eu dei meu último para você.— Ele apontou para Draggar.

— O quê?— Draggar se levantou de onde estava agachado sobre um macho e gritou. — O que você me deu, seu louco de merda?

— Um portão portátil,— Hexxus respondeu com um aceno de sua cabeça desgastada.

— O portão não é grande o suficiente para uma nave deste tamanho passar.— Eu podia sentir minha raiva aumentando. Estávamos perdendo tempo conversando com um homem que claramente tinha enlouquecido.

— Sim, é,— Hexxus argumentou. — Ele se expandirá para acomodar o que estiver passando por ele.

Um plano maluco surgiu em minha mente. — Pode funcionar,— eu disse e acionei Tekkon.

— Que porra está demorando tanto!— Tekkon explodiu.

— A cidade está fervilhando de atividade. Saia daí.

— Precisamos do portão para fazer o navio de Sia Sakkar passar pela cúpula.— Acionei os propulsores e nos levantei do chão. — Levante a nave esférica até ao topo da cúpula e jogue fora o portão para que ele

se encaixe.

Seremos capazes de voar através dele.

— Você está falando sério?— perguntou Tekkon. — Será que vai dar certo?

— Eu tenho isso em boa autoridade.— Dei uma olhada no homem enlouquecido andando de um lado para o outro na nave. — Eu espero, — eu sussurrei o último. — Tomem seus lugares, isso pode ficar feio.

Baralhar soou atrás de mim enquanto meus passageiros se esforçavam para encontrar um lugar para se amarrar.

— Estou a caminho,— Tekkon latiu no comunicador – o estresse do guerreiro era uma coisa tangível.

Eu sabia exatamente como ele se sentia. Eu tinha um navio cheio de vidas seguindo meu plano meio engatilhado.

Nada mais importante do que minha pequena e feroz sumta.

O eco de seu espírito, uma confusão nervosa enquanto eu tirava a nave do cabide.

Com pouco espaço de ar entre o chão e o lado de baixo da cúpula, tive que nos circular até Tekkon sinalizar que estava pronto. Agradei aos Espíritos e fui na direção de Tekkon.

Eu mal vi as luzes piscando do interior de sua nave esférica quando ele abriu a porta e jogou para fora o portão enquanto pairava acima de nós. O portão aterrissou com uma ondulação da blindagem, e eu fui direto para o coração das ondas circulares.

— Aqui vamos nós!— Gritei de volta para meus passageiros e arrisquei olhar para trás. Olhos arregalados olhavam de rostos pálidos.

Os machos e fêmeas inconscientes que resgatamos estavam espalhados pelo chão brilhante, mas não havia tempo para prendê-los adequadamente. Meus olhos pousaram em Sia Sakkar. Eu ainda não conseguia acreditar que estávamos voltando com o irmão de Sia Jakkar. Apenas mais uma pequena vitória para os exilados.

Olhei para frente, apontei a nave para o portão que havia deslocado a cúpula em um buraco do tamanho de um macho. — Por favor, esteja certo, Hexxus.

Prendi minha respiração. Com os dentes cerrados, voei com a nave cada vez mais perto de nossa pequena saída.

Minha mão pairou sobre os controles horizontais do propulsor que nos atirariam para o céu escuro. Isso se saíssemos inteiros da cúpula.

Eu segurei firme a sensação do espírito de Jane que agora vivia dentro de mim e o gosto de seu beijo e acendeu os propulsores verticais com uma maldição dura. A nave disparou para cima a uma velocidade vertiginosa.

Eu involuntariamente apertei meus olhos fechados.

Quando os abri, fui recebido com mil estrelas cintilantes.

— Conseguimos!— Eu gritei.

— Nós não precisamos alcançar as luas, Aggar,—

Draggar me chamou. — Estamos livres da cúpula. Leve-nos para casa.

— Casa,— eu murmurei. E onde é isso exatamente?

Virei a nave em um grande arco e nos voei em direção ao chão. Já estávamos tão alto acima de Valose que pude ver a curvatura do planeta. Usei os instrumentos da nave para me ajudar a descer e nos trouxe sobre a selva, perto da cúpula.

— Tekkon,— eu fiz um ping para o guerreiro. — Você ainda está aí?

— Aqui!— A voz eufórica do guerreiro explodiu no comunicador. — Isso foi uma merda louca de assistir.

— Você deveria ter visto de dentro daqui,— Draggar gritou.

— Eu gostaria de ter. Fiquei de olhos fechados o tempo todo.— Eu ri dos suspiros vindos dos meus passageiros atrás de mim. — Você disse a ele que roubamos o ofício de Sia Sakkar?— Eu perguntei a Tekkon.

— Sim,— Tekkon respondeu. — Eu nunca ouvi tanto a maldição masculina em minha vida. Ele ficou emocionado.

— Ele fará mais alguns xingamentos.— O sorriso que vincou meu rosto fez minhas bochechas doerem. — Porque também temos Sia Sakkar.

As palavras empolgadas de Tekkon vieram através do comunicador

como distorcidas, mas eu sabia que ele estava enviando agradecimentos aos Espíritos por nos favorecer em nossa missão.

Conduzi a nave sobre o dossel da selva e em direção às montanhas Jurigon. Senti mais do que ouvi Jane vir para ficar comigo atrás do console. Ela passou os braços em volta da minha cintura enquanto eu voava para longe da cúpula.

Olhei para trás para ver Draggar cuidando das pessoas inconscientes. Então para Hexxus que estava bajulando Sia Sakkar deitada no chão. Mal podia esperar para ver a expressão no rosto de Sia Jakkar quando entregamos seu

irmão a ele – um homem que deveria estar naquele navio Gretolic e longe de Valose.

Os governantes gêmeos do Clã Huren seriam reunidos.

Talvez este tenha sido o momento crucial para reverter essa invasão aos Gretolics e recuperar o que era nosso por direito.

— Eu preciso ajudar Draggar com as mulheres.— Jane começou a se afastar.

— Só um momento, minha pequena e feroz sumta.—

Lancei lhe um olhar severo antes de olhar de volta para onde eu estava voando. — Você não jurou ser colaboradora independente, mas fugiu da nave e correu para o perigo.

— Para manter minha promessa a Marie.

— E a sua promessa para mim?

— Em minha própria defesa, você nunca disse que eu não poderia seguir Draggar.— Eu podia sentir sua ira aumentando. — Draggar precisava de apoio e eu estava lá para ajudar, não para sentar na minha bunda.

Eu queria discutir porque o que ela tinha feito ainda mandava pedaços de gelo em minhas veias. Mas ela estava certa no que fez. Draggar pode muito bem não ter voltado sem a ajuda dela. Havia membros do meu clã que tiveram a sorte de serem resgatados por causa de sua ajuda.

— Apenas tente e não faça mais nada heroico por um tempo, — eu

sorri para ela e soltei um suspiro cansado.

— Dê ao meu coração a chance de desacelerar primeiro.

— Eu irei. Eu prometo. — Ela me apertou com força, e eu desejei poder tirar minhas mãos dos controles para segurá-la corretamente.

— O que você quis dizer quando disse que tinha meus seis?

— Significa que estou cuidando de você.— Jane de brincadeira deu um tapa na minha bunda.

— Você é bem-vindo para cuidar das minhas costas ou da minha frente sempre que quiser.

Draggar fez um barulho de engasgo ao fundo, e eu ri do guerreiro mal-humorado.

— Maxxon chegou à ilha,— a voz de Tekkon soou do comunicador. — Sia Jakkar quer que voltemos a Jurigon para transportar todos.

— Você ouviu?— Joguei por cima do ombro para Draggar. — Vamos cruzar o Mar Caspeen e nos estabelecer nas ilhas de lá.

— Parece muito melhor do que passar outra noite dentro daquela montanha,— Jane disse.

— Eu ouvi isso,— Draggar resmungou seu acordo.

— Como são as ilhas onde estamos nos

estabelecendo?— Jane perguntou.

— Eu não sei. Eles são território inexplorado.— Olhei para seu rosto bonito e virado para cima. — Você está preocupada que você não vai gostar delas?

— Estou em casa onde quer que você esteja, Aggar. Em uma nave espacial caída, em uma montanha ou em uma ilha desconhecida. Você é minha casa. Meu consolo de prata.

Continua ...